

Jéssica

Macedo

'OUTRO LADO' de mim

E SE A GAROTA
MAIS CHATA DA
ESCOLA TIVESSE A
SUA CARA?





Jéssica Macedo

OUTRO LADO de mim



Belo Horizonte | 2018

Copyright ©2018 by Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Revisão

Mimeógrafo Consultoria

mimeografoconsultoria.wordpress.com

mimeografo@outlook

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Para Isabela
e todas as meninas

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capitulo 24](#)

[Capitulo 25](#)

[Capitulo 26](#)

[Capitulo 27](#)

[Capitulo 28](#)



Charlotte

Capítulo

Um

Eu acordei com o som irritante do despertador sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama. Ergui o braço para fora do emaranhado de cobertores e me liberei do barulho ensurdecedor.

Voltei a me enrolar nas cobertas para a dormir de novo como se nada tivesse acontecido. Achei que tinha esse privilégio — ou, simplesmente, só odiava acordar cedo e usei a primeira desculpa que consegui inventar para continuar na cama.

Ouvi o som da porta sendo aberta e puxei o travesseiro sobre minha cabeça. Não! Eu não levantaria de jeito nenhum.

As pesadas cortinas correram em seus trilhos. O quarto se encheu de luz e o travesseiro não foi suficiente para mantê-la afastada dos meus olhos. Mas que saco!

— Dalva, fecha as janelas de novo, por favor — usei um tom mais educado para ver se a convencia.

— Senhorita, precisa se levantar.

— Não! Não preciso. — Me encolhi ainda mais sob os travesseiros. Sentia um sono terrível.

— Senhorita Charlotte, você realmente precisa levantar ou chegará atrasada na escola. —

Dalva puxou os cobertores, me dando um baita choque térmico e fazendo pular da cama.

Droga! Era o primeiro dia de aula; não havia como esquecer disso. Claro que não. Esfreguei os olhos ainda sonolenta e me espreguicei.

Passei horas na noite anterior escolhendo com qual roupa iria à escola naquela manhã. O meu primeiro dia no Ensino Médio deveria ser inesquecível. Por mais que tivesse estudado na Academia Estive a vida toda, aquele me pareceu um grande passo. Mal podia esperar para rever meus amigos, apesar de termos saído muito juntos nas férias.

Eu me arrastei para fora da cama. O sono era inevitável. Também, pudera! Eu havia ficado acordada até altas horas na noite anterior.

Amarrei meus longos cabelos negros e lisos com um prendedor antes de me enfiar debaixo do chuveiro, que surtiu efeito e conseguiu me acordar de vez. Depois de embromar o máximo que pude sob a água quente, desliguei e me enrolei em um roupão vermelho. Após me vestir, coloquei uma sapatilha com pequeno salto encarei o reflexo. Com um pouco de maquiagem, meu tom claro de pele se tornou mais rosado. Deixei os cabelos caírem sobre os ombros. Eu vestia uma saia de pregas com um pingente de estrela pendurada ao lado e uma blusa com as mangas um pouco mais fofas, ambas em tom de sangue. Fiquei alguns instantes observando o espelho.

— Linda. — Mande um beijo para mim mesma. — Sou simplesmente linda.

Peguei a mochila jogada sobre a poltrona em um canto do meu quarto e descí em direção à sala de jantar. Uma enorme mesa se destacava, completamente coberta por pães, frutas, bolos, biscoitos, sucos, tipos de queijos, geleias e o que se poderia imaginar. Por tudo isso, eu sempre amava o café da manhã.

Desci os três degraus da entrada e olhei para o cômodo amplo, iluminado por janelas que encobriam totalmente as paredes norte e leste. Quadros famosos e de valor inestimável para meu pai eram exibidos. Para mim, eram no máximo legazinhos.

Por falar no meu pai, tudo naquela casa pertencia a ele e era bem do jeito dele. Todos na cidade — e talvez no mundo —, o conheciam. Vitor Donelli, o papis, era um dos mais ricos e bem-sucedidos empresários nacionais.

Sentado na cabeceira da mesa, do alto de seus 1,80m, com olhos verdes, pela clara, cabelos castanhos e barba recém-feita, mesmo por atrás daquele terno e gravata cinzas, ele continuava o gato de trinta e quatro anos. Eu só odiava o fato de que o trabalho consumia mais tempo dele do que deveria.

— Bom dia, pai! — Dei um beijo no seu rosto e puxei a cadeira para sentar do lado dele.

— Bom dia, querida! — Ele abaixou o jornal para olhar para mim. — Jorge já está esperando por você.

Eu me espreguiceei e bocejei. Papai riu.

— Nada fácil acordar cedo após dois meses de férias, não é?

Concordei com a cabeça. Tudo o que queria naquele momento era poder dormir. Com a volta às aulas, eu daria adeus ao tempo em que podia ficar na cama até tarde e encontrar com minhas amigas à noite. Sentiria falta disso.

Acabei meu café, dei um beijo de despedida no meu pai e caminhei até a entrada da casa, onde estava estacionado o carro preto reluzente.

— Bom dia, Jorge! — Acenei para o meu motorista.

— Bom dia, senhorita Charlotte! Animada?

— Não muito. — Fiz careta e ele riu.

— Acho que precisamos ir mesmo assim. — Ele abriu a porta traseira do carro para que eu entrasse.

Eu me ajeitei no banco ansiosa para chegar logo na escola. Estava morrendo de saudades dos meus amigos e mal via a hora de revê-los. Tinha certeza de que seria um dia incrível!

Tinha que ser...



Lecília

Capítulo Dois

O despertador eletrônico ao lado da minha cama tocou, mas eu já estava de pé antes disso. Com o quarto arrumado, fui até o banheiro. As roupas estavam separadas há quase uma semana e meus materiais estavam todos organizados e etiquetados, tudo esperando as aulas começarem.

Foi impossível não sentir um frio na barriga diante do primeiro dia em uma escola nova, principalmente a Academia Estive, a mais conceituada escola particular do país. Não era à toa que a mensalidade daquele lugar era mais do que a minha mãe sonhava ganhar na vida. Felizmente, eu tinha conseguido uma bolsa integral por minhas excelentes notas e um futuro promissor. Eu me achava muito merecedora de estar lá, mas ainda sentia o coração palpitando.

Vesti minhas roupas — uma calça jeans azul clara, uma camisa rosa e um sapatinho de boneca roxo com lacinho na frente —, preendi meus cabelos loiros e ondulados em uma trança que joguei sobre o ombro esquerdo e coloquei os óculos quadrados no rosto, pois sem eles não consigo enxergar um único milímetro a frente.

Pronto! Respirei fundo e olhei para a janela. O dia estava bonito e os primeiros raios de sol iluminavam todo o meu quarto.

Peguei a mochila rosa com flores que estava sobre a poltrona ao lado da cama e saí para a cozinha, onde minha mãe estava. Tinha certeza só pelo cheiro gostoso de misto quente.

Cíntia, minha mãe, era uma mulher linda de trinta e dois anos, que lutou muito para me criar

sozinha. Tendo engravidado quando nem tinha dezoito anos, passou uma barra, mesmo com a ajuda da vovó. Com cabelos longos, loiros e ondulados assim como os meus e olhos castanhos, eu era mega a cara dela, tipo uma cópia mais nova não fossem os olhos verdes que eu tinha.

— Bom dia, mamãe! Bença. — Eu a abracei por trás, fazendo-a dar um pulinho de susto.

— Bom dia, querida! — Ela retribuiu meu abraço com o maior sorriso do mundo. — Deus a abençoe.

Eu amava a minha mãe. Ela era tudo para mim, a pessoa mais importante do mundo inteiro e, apesar de todas as dificuldades, sempre fui muito feliz.

Sentei na pequena mesa da cozinha apertada. Nunca faltou nada, mas a gente também não tinha luxo. Minha mãe não tinha um salário muito alto, porque trabalhava como recepcionista em um hotel no centro da cidade e, nas horas vagas, dava aulas particulares de inglês.

— Estou muito orgulhosa de você — repetiu pela milionésima vez. Mamãe estava muito feliz com a minha conquista.

Sorri. Mal esperava a hora de entrar naquela escola. Sempre estudei em escolas particulares. No início, minha mãe fez uma forcinha e depois comecei a ganhar bolsas de estudos, mas nunca em uma escola tão cara e conceituada como a Academia Estive. A estrutura daquele lugar é fascinante. Após acabar o café da manhã, juntei louças sujas e as lavei na pia.

— Vamos, filhinha! — Minha mãe pegou a sua bolsa sobre a mesa. — Vou deixar você na escola.

Joguei a mochila sobre o ombro, peguei o fichário do Ursinho Pooh e caminhei até a garagem onde estava o carro azul-marinho da minha mãe. Abri a porta com um sorriso e sentei, enquanto ela ligava o carro.

Estava muito animada com tudo. De tão empolgada, dava pulinhos no banco do carona. Entrar naquela escola foi, sem dúvidas, um grande passo para o meu futuro. Quem sabe eu alcance meu sonho de ser uma grande cientista um dia. Ia ser demais!

Minha mãe e eu não conversamos durante o percurso. Ela estava concentrada na rua e não quis atrapalhar com minha empolgação toda.

Desci em frente à escola e dei um beijo no rosto dela.

— Nos vemos à noite.

— Boa sorte, filha.

— Obrigada, mãe! — Fechei a porta do carro e saí saltitando.

Quando cheguei ao portão, fiquei de boca aberta, literalmente em choque. Aquele lugar era gigantesco, parecido com os castelos ou mansões dos filmes de época que a minha mãe amava assistir. Após entrar nos grandes portões, feitos com algo que me lembrou prata, observei o campus da escola e vi mais de dez prédios colocados em meia lua ao redor de uma grande fonte de mármore com um trio de anjos segurando jarros de onde descia a água. A arquitetura dos prédios, gótica se comparada ao restante da cidade, era linda.

Havia alunos dispersos em todas as direções. Alguns com uniformes, outros não. No primeiro, dia era permitido ir com roupas normais, mas quase me senti deslocada; era melhor ter vindo de uniforme. Respirei fundo, apertei as alças da minha mochila e senti borboletas se revirando no meu estômago.

Fique calma, Cecília, vai dar tudo certo, disse a mim mesma sem certeza alguma.

Ninguém pareceu prestar atenção em mim e fiquei aliviada por isso. Andei por um caminho de pedras entre a grama até o prédio onde estava uma grande placa com letras garrafais SECRETARIA. Lá, uma mulher levantou os olhos da tela do computador e me encarou por cima dos óculos.

— Bom dia! Em que posso ajuda-la? — Ela abriu um enorme sorriso, muito mais afetuoso do que eu esperava.

— Eu sou aluna do primeiro ano. Sou novata e ainda não sei nada sobre este lugar — falei com pausas, o melhor que consegui sem engasgar ou gaguejar. Às vezes, ser tímida demais era um saco.

— Ah, não se preocupe, os novatos nunca sabem nada sobre este lugar — Ela começou a procurar algo em uma grande pilha de papéis. — Posso saber o seu nome?

— Cecília Zanete.

— Primeiro ano, certo?

Concordei com a cabeça.

A mulher passou para mim um mapa e uma folha de horário.

— Você é da sala do primeiro ano A. Aí estão os seus horários e um mapa da escola caso você fique um pouco perdida. A sua primeira aula é de Língua Portuguesa no prédio dois, sala quarenta e cinco. — Ela passou uma chave. — O seu armário é o seis mil e trinta e quatro, no prédio seis no segundo andar.

— Obrigada. — Eu me equilibrei com os papéis e as chaves.

— Por nada. Meu nome é Flávia. Estou sempre à disposição.

— Obrigada mais uma vez, Flávia!

Sorri para ela antes de sair pela mesma porta que havia entrado.

Caminhei em direção ao prédio dois. Depois daria um jeito de ver o meu novo armário. Armário? Aquilo era demais! Era a primeira escola em que eu teria um armário só para mim e, certamente, pensei em colocar uma foto minha com a minha mãe.

Quando dei conta já havia chegado ao prédio onde seria a minha primeira aula. Aproximei-me do elevador e apertei o comando para o quarto andar onde provavelmente deveria ser sala quarenta e cinco. Elevador! Mordi a língua. Precisava conter minha mega empolgação ou acabaria me destoando mesmo dos outros alunos.

Assim que saí do elevador, um tanto distraída e olhando para a decoração das paredes de tijolos, um garoto passou por mim correndo e acabamos trombando. Meu fichário e tudo o que carregava nas mãos caiu.

— Desculpa. — Ele abaixou a cabeça enquanto recolhia os seus livros jogados pelo chão.

— Relaxa, isso acontece. — Sorri ao pegar meu fichário.

Ele ergueu a cabeça e nos encaramos por um grande momento. O garoto tinha cabelos negros e partidos ao meio com a franja caindo sobre os olhos, escuros e puxados. Era clara a ascendência asiática nos traços dele. Vestindo calça jeans azul clara e camisa social branca sobre uma camiseta preta, pareceu um pouco perdido ao me encarar. Será que tinha algo errado comigo?, pensei na mesma hora. Eu tinha certeza de não ter saído de casa com bigode de leite, mas fiquei com vergonha.

— Tudo bem?

— Char-Char... — gaguejou.

Levantei e estendi a mão.

— Prazer. Meu nome é Cecília.

— Cecília?

Ele recuou um pouco e me encarou com uma expressão de confusão, o que me deixou ainda mais sem entender nada.

— É! Meu nome é Cecília e sou novata no primeiro ano. Tudo bem com você?

— Novata? — O garoto me olhou da cabeça aos pés. Procurava algo em meus cabelos? — Realmente você não é ela — resmungou baixinho. — Prazer. Meu nome é Henry. — Ele finalmente apertou minha mão.

— De qual ano você é? — Puxei assunto, já que ele parecia conhecer o lugar e era um bom jeito de não ficar perdida. — É que eu estou um pouco perdida por aqui e seria ótimo encontrar alguém que pudesse me ajudar.

— Então, é seu dia de sorte. — Henry também sorriu, ao balançar a minha folha de horários que caiu dos meus livros. — Também sou do primeiro ano A.

Fiquei contente. Estava me sentindo como uma formiga solta na floresta. Era bom ter alguém para me guiar e o tal Henry, apesar de me olhar de um jeito estranho, parecia um cara legal. Ele é até bonitinho. Sabe aqueles *nerds* fofos que dá vontade de apertar? Pois é!

Henry se aproximou de um armário e o abriu, colocando lá dentro a sua pilha de livros e ficando com apenas um. Fiquei surpresa com o quanto o garoto era organizado. Até mesmo em casa, às vezes, eu só enfiava as coisas e depois tomava broncas gigantes da minha mãe.

— Então, Cecília, de qual escola você veio?

— Clarissa Nunes.

— Ah. — Pela cara que ele fez tive certeza de que nunca havia ouvido falar daquela escola antes.

— E você?

— Estudo na Academia Estive desde sempre. A minha mãe estudava aqui quando tinha a minha idade e fez questão que eu estudasse também, apesar de o meu pai querer muito que eu fosse estudar no Japão.

Eu o encarei, mas não disse nada, imaginando se todos os meus colegas seriam assim. Ricos? Era bem provável. Também, pelo valor da mensalidade daquela escola, não era mesmo para qualquer um. Se eu não tivesse conseguido a bolsa após vencer o campeonato nacional de Química, minha mãe nunca teria condições de pagar para mim.

Aos poucos, o corredor foi se enchendo de alunos. Não tinha um que não me encarasse com espanto. Será que havia algum letreiro luminoso na minha testa? Eu não conseguia entender. Será que uma bolsista era tão alienígena naquela escola? Até mesmo Henry, no primeiro momento em que olhou para mim, havia se assustado. Todos os novatos eram recebidos assim ou será que eu havia sido a única *sortuda*? Eram muitas as dúvidas naquele momento.

A porta do elevador abriu e todos os alunos do corredor encostaram nas paredes. Henry me puxou para que eu fizesse o mesmo.

Um caminho foi aberto para a passagem de um grupo. Meninos e meninas suspiraram e eu também os encarei. Um rapaz alto e de pele morena com olhos cor-de-mel tinha os cabelos

castanhos claros caindo sobre os olhos. Ele vestia uma calça jeans e camiseta verde escuro. Ao lado dele, vinha uma garota magra em um corpo completamente curvilíneo, com longos cabelos negros e olhos verdes, vestindo saia de pregas vermelhas e uma blusa da mesma cor, sobreposta por um espartilho preto.

Ela parou e fez com que todo o seu grupo fizesse o mesmo. Assim que me encarou, eu engoli em seco e eu encarei de volta, antes de nós duas soltarmos um berro.

Poxa, Henry, por que não me avisou isso antes e me poupou do baita susto?

— O que foi, Charlotte? — O garoto ao lado dela, o muito gato, se aproximou. Charlotte não falou nada, apenas continuou a me observar. Não deixei barato e encarei de volta. Senti como se estivesse diante de um espelho, de um reflexo bastante bizarro e distorcido de mim mesma.

— Que palhaçada é essa? — Charlotte cerrou os dentes e balançou as mãos.

Eu ainda estava em choque. Se não fosse pelo cabelo, as roupas ou os óculos que eu usava, nós duas éramos completamente iguais. Naquele momento, compreendi porque Henry havia ficado tão assustado: me confundiu com aquela garota.

— Ela é novata, Charlotte. — Henry se aproximou dela tentando esclarecer as coisas.

— Se for uma brincadeira, juro que vou dar o troco. — Ela colocou a mão na cintura e se curvou na direção dele.

— Não é nenhuma brincadeira. Juro. Vocês são parecidas. É só isso. — Deu um passo para trás.

— Cale a boca, *nerd*!

— Ei! — Entrei entre os dois. — Não pode falar com ele assim!

— Cala a boca, garota!

— Ei, Charlotte, calma! — O amigo dela a segurou pelo ombro.

— O que é isso, Caio?

— Eu não sei, Char, mas é só uma menina parecia com você. Só isso.

— Olha, eu estou tão surpresa quanto você. — Tentei me aproximar, mas o olhar raivoso que encontrei me fez mudar de ideia.

— Para a sala! — Uma professora entrou no corredor chamado a atenção de todos. — Vamos parar com essa bagunça, agora mesmo!

Todos se recolheram e andaram em direção a sua sala.

— Quem é essa louca? — Me virei para o Henry tentando entender o que estava acontecendo.

— É a Charlotte, mas fique longe dela e do seu grupinho popular. Eles não perdoam aqueles que ficam no seu caminho. E, infelizmente, você teve a má sorte de ser parecida com ela.

Eu tremi. As palavras de Henry pareceram sinceras. Eu já havia convivido com patricinhas em outras escolas e tudo indicava que as daquele lugar seriam ainda piores. Pessoas que nasceram com dinheiro, às vezes, se achavam melhor do que as outras.

— É melhor nós irmos. — Henry me puxou pelo braço.

Nós entramos na sala e ele sentou na minha frente. A professora passou diante da turma e também me olhou com espanto.

Vi Charlotte fazer cara de nojo no fim da sala.

— Não encara ela. — Henry me deu um belisco no braço.

— Ai!

— Não provoca a Charlotte.

— Bom dia, queridos alunos — disse a professora.

— Vejo que temos alunos novos esse ano. E você, minha querida — a professora apontou para mim —, qual é o seu nome?

— Cecília Zanete.

— Ah, você foi a aluna que ganhou o Prêmio Internacional de Jovens Cientistas.

Concordei com a cabeça. Para mim, foi só uma olimpíada que ganhei — dinheiro e bolsas de estudo para a Academia Estive e a faculdade de Harvard.

— É um prazer recebê-la em nossa escola.

— Ainda por cima, a esquisita é *super nerd*. — Eu ouvi um resmungo de Charlotte.

Ah, mas que garota mais mala! Não dava para me esquecer. Que raiva! Éramos parecidas, e daí?

Assim, seguiu a aula. Todos os professores ficaram curiosos para saber um pouco mais sobre a *nova aluna*. Todos estavam fascinados com o meu potencial — ou com a minha aparência, eu não sabia dizer.

Charlotte estava sentada com o seu grupo de amigos e ainda olhava para mim com espanto. Queria muito saber o que estava acontecendo e por que diabos ela era tão parecida comigo. Só podia ser um pesadelo, um pesadelo terrível. Queria acordar logo. Era boa em genética e a única

explicação plausível era impossível. Apertei a cabeça tentando não pensar nisso.

O sinal para o intervalo tocou. Charlotte e seu grupo foram os primeiros a levantar de suas cadeiras e saírem da sala. Já iam tarde.

Recolhi minhas coisas e esperei pelo Henry.

— Vou mostrar para você a escola — Ele jogou a mochila sobre os ombros.

— Seria ótimo. — Sorri para ele. — Fico me sentindo uma formiguinha aqui dentro.

Henry riu.

— É... Não posso dizer que este seja um lugar pequeno, mas com o tempo você acaba se acostumando.

— Espero que sim.

Henry ajeitou os óculos e a mochila nas costas.

— Deixa que eu levo para você. — Ele estendeu a mão para pegar minha mochila.

— Não precisa. — Estranhei o cavalheirismo e me apressei em colocar a mochila nas costas.

— Faço questão...

— É sério, não precisa.

— Tá bem. — Ele me deu um caloroso sorriso.

Henry era tão gentil e educado que nem parecia aqueles riquinhos mimados dos filmes de TV. Ele tinha o rostinho redondo e os olhos puxados que me lembravam o *Garu* e me faziam quer apertá-lo. Foi uma sorte imensa conhecer alguém como ele logo no primeiro dia de aula ou não saberia me virar naquele lugar imenso.

— Vamos! Eu preciso passar na lanchonete antes que o meu estômago vá correndo até lá sozinho.

Eu ri.

— Eu realmente não quero que isso aconteça.

Nós dois caminhamos em direção ao prédio cinco. As pessoas de outras salas paravam para me encarar e algo dentro de mim dizia que a alegria que senti no momento antes de entrar na escola havia ido para o escanteio.

— Henry? — Segurei o braço dele fazendo-o parar no meio do caminho até a lanchonete.

— O que foi? — Ele mordeu os lábios.

— Sou mesmo tão parecida com ela quanto todo mundo fala?

Ele me encarou de uma forma que eu jurei que pôde ver meus ossos, respirou fundo e pensou por um longo momento. Rangi os dentes ficando angustiada e quase gritei um *fala logo!*

— Você quer que eu seja sincero ou continue sendo seu amigo?

Engoli em seco. Sabia o que estava por vir.

— Seja sincero. Não vai deixar de ser meu amigo.

Eu não iria, de jeito nenhum, perder a amizade dele. Mas a minha mãe sempre dizia que era melhor não começar nada com uma mentira.

— Tirando o cabelo, as roupas e se vocês duas ficassem caladas, seria impossível distingui-las.

Então, era isso mesmo. Abaixei a cabeça olhando para o chão de pedra sob os meus pés.

Um dia, ouvi a vovó falar que todas as pessoas tinham alguém muito semelhante em alguma parte do mundo. Porém, ela havia se esquecido de dizer que, por dentro, seriam pessoas totalmente diferentes.

Eu contava que minha cópia não estivesse assim tão perto e não fosse uma patricinha arrogante. De todas as possíveis chances do mundo, a garota mais chata da escola tinha que ter a minha cara?

— Deixa isso para lá. — Henry me puxou pela mão. — Uma hora todo mundo esquece. Vamos comer, porque é melhor do que ficar pensando nisso.

Balancei a cabeça em negativa, mas deixei que ele me arrastasse.

A lanchonete ficava no primeiro andar do prédio, com mesas enormes e pessoas sentadas em grupos. Charlotte e seu grupinho estavam sentados e lá no fundo. Virei o rosto ao ver a garota.

— Acho melhor nos sentarmos do outro lado. — Henry apontou para a outra extremidade.

Apenas concordei, mas minha vontade era de abraçá-lo por entender minha necessidade de ficar longe.

Sentamos em uma mesa bem distante do grupo de Charlotte, o que foi um grande alívio para mim. A garçonete se aproximou e estendeu um cardápio para cada. Corri os olhos por ele. Era tudo tão caro que eu imaginei ser melhor começar a trazer lanche de casa.

— Quero um *milk-shake* de chocolate e uma torta de frango com catupiry. — Henry nem ao menos olhou o cardápio.

— E você? — A garçonete bateu com a caneta no bloquinho, esperando pelo meu pedido.

— Eu vou querer uma fatia de pizza de calabresa e uma latinha de Coca.

Henry riu.

— Posso saber o motivo da graça? — Apoiei as mãos na mesa e olhei para ele de cara fechada.

— Definitivamente você e a Charlotte não tem nada a ver.

Eu também sorri. Ter algo que me diferenciasse daquela garota era um alívio enorme.

— Por quê?

— Charlotte passa bem longe de comida que engorde.

— Por que será que isso não parece novidade alguma?

— Mais alguma coisa?

— Não, obrigada. — Sorri para a garçonete.

— É, você também é muito mais gentil do que a Charlotte.

— Ela deve ter deixado o dinheiro subir à cabeça.

— Subir? Não! Ele sempre esteve lá. O pai da Charlotte é o cara mais rico da cidade, dono de metade das empresas e de muitas outras coisas. Acho que ele é inclusive um dos acionistas majoritários da escola.

— Sério?

— Sim. Aqui em Bela Vista todos o conhecem, você não? Ele tenta manter a Charlotte fora dos holofotes, mas quanto a ele próprio, acho que é mais difícil. Nunca viu uma revista dessas de fofocas?

— Só nos consultórios médicos, mas são sempre bem antigas. Minha mãe foi embora para o interior assim que nasci. Achou mais fácil me criar em um lugar mais calmo e com a ajuda dos pais dela.

— E o seu pai?

— Meu pai abandonou minha mãe grávida. Ela não gosta de falar sobre o assunto. A vovó falava muito mal dele, então evito perguntar.

— Nunca teve vontade de conhecê-lo?

— Sim, mas se ele abandonou minha mãe, significa que não me queria.

— Tem razão. — Henry desviou o olhar, triste.

— Ei, relaxa! Não tem como sentir falta de alguém que nunca tive.

— Você está certa. — Ele me deu seu melhor sorriso amarelo.

Voltei a observar as pessoas ao redor, sentadas em grupos, que pareciam conversar sobre as férias.

Por fim fiquei confusa ao observar Henry.

— Onde estão os seus amigos?

— Amigos? — Ele arregalou os olhos afunilados ao se assustar com minha pergunta. — Bem, não sou um cara muito popular. As pessoas aqui não vão muito com a minha cara. Adoram tirar sarro de mim e me chamar de *ching ling* ou *nerd*.

Sorri para ele, tentando ser gentil.

— Que bom que não sou a primeira a ser rejeitada pela classe nobre da escola.

— Os populares não se dão bem nem entre eles mesmos. — Henry riu e fez com que me divertisse também.

A garçonete logo chegou com nossos pedidos e colocou um prato à minha frente.

— E essa tal de Charlotte, o que mais sabe sobre ela? — Dei uma mordida na pizza enquanto esperava a resposta dele.

— Ela não é só a garota mais rica e popular da escola. Também estuda na Estive desde pequena. E é, sem dúvida, muito... — parou no meio da frase. O rosto de Henry estava mais vermelho do que o pimentão da pizza que estava comendo.

— Você... — Henry não deixou que eu continuasse a frase.

— Não, não mesmo! — Ele teve que conter o berro. — Ela é uma garota mesquinha e mimada que não se preocupa com nada além do que vai vestir no dia seguinte.

— Se é isso que você acha. — Dei ombros ao tomar o último gole do refrigerante.

— Tenho certeza. — Sugou o restante do *milk-shake*. — Ela é a última pessoa que você vai querer estar a menos de dez metros de distância.

— Isso é porque nós duas somos parecidas.

— Só por fora. — Henry se levantou. — Vamos! Se enrolarmos muito aqui, o intervalo vai acabar e não vamos andar pela escola toda.

— Tudo bem. — Peguei minha carteira para pagar pelo lanche.

— Mais uma coisa que você precisa saber sobre a escola: você não paga nada aqui. Qualquer coisa que você comprar será pago pelos seus pais no fim do mês.

— Ah sim... — Sem graça, guardei a carteira. — Mas como eles vão saber o que consumi ou não?

— Eles adivinham. — Henry brincou. — O seu crachá. — Ele apontou para o crachá que eu havia encontrado em meio ao mapa que a secretária havia me entregado — As garçonetes registram o seu número de matrícula. Simples assim.

— Ah!

— É melhor nós irmos. Só temos mais quinze minutos de intervalo. — Henry me puxou pela mão e saiu me arrastando corredor afora.

— Ei, espera!

— Não seja lenta demais.

Até o fim do intervalo, Henry me levou para conhecer vários cantos da escola. Foi bem divertido o meu pequeno passeio turístico pela Academia Estive. Era só uma pena pensar que alguma hora teria que voltar a encarar Charlotte e seus amigos.



Charlotte

Capítulo

Três

Eu e meus amigos estávamos reunidos ao redor da mesma mesa de sempre. Passando as mãos pelo cabelo, fitava as grandes janelas de vidro que permitiam que a luz sol inundasse o refeitório e tentava esconder a todo custo o quanto estava furiosa.

— Char, amiga, assim você vai acabar ficando careca. — Beatriz se aproximou e sentou ao meu lado. Ela tinha olhos e cabelos castanhos longos e cacheados, uma pele negra que brilhava de tão bem hidratada e usava minissaia jeans e camiseta branca.

— Só pode ser um pesadelo — Cobri o rosto com as mãos. — Um pesadelo terrível do qual quero logo acordar.

— Charlotte, gatinha, sem querer ser chato. A *nerd* é completamente real. — Caio se sentou na cadeira virada e me encarou. Ele era um gato e fazia muito sucesso entre as meninas da escola, mas eu mesma não assumia isso para que ele não ficasse ainda mais convencido.

— Caio, você não podia ser mais otimista. — Revirei os olhos com o comentário inútil dele. — Não quero nem pensar o que vai ser da minha popularidade enquanto essa garota estiver andando por aí.

— Relaxa, Char! Vocês duas nem são tão parecidas assim. — Frederico, de jeans e moletom, era o segundo cara no grupo e tinha a pele bem bronzeada, olhos e cabelos negros.

— Não, elas só possuem o mesmo rosto. — Caio deu de ombros, sarcástico.

— Só estou tentando ajudar. — Frederico imitou o gesto.

— Aí, eu estou perdida. — Tombei meu corpo na mesa e apoiei a testa no tampo frio de mármore.

— Calma, Char... — Katarina, que até então permanecia calada em um canto mais isolado, começou a falar. Com seus olhos verdes e pele branca, usava os cabelos longos e vermelhos com uma franja cortada a navalha. A garota vestia uma calça jeans cinza justíssima e uma blusa de frio preta, com o capuz sobre o cabelo.

— Como posso me acalmar, Katarina?

Ela deu um sorriso duro e maligno.

— Essa garota não vai ficar muito tempo nessa escola.

— Como assim? — Levantei a cabeça de novo para encará-la melhor.

— Não se preocupe, minha amiga, deixa que dou um jeito. — O olhar dela era frio e deixou até a mim com medo.

— Ei, peguem leve garotas! — Caio se levantou e ficou entre nós duas. — Não vamos machucar ninguém.

— Ah, machucar não.

O sinal para o fim do intervalo soou. Fiquei feliz em ter que voltar para a sala e não ouvir mais o que os meus *queridos amigos* tinham a dizer.

Peguei a mochila e saí andando para a próxima aula.

— Ei, Charlotte, espera! — Caio veio logo atrás de mim.



Cecília

Capítulo

Quatro

...E assim foi meu dia...

Nos vemos amanhã.

Beijos,

Cecília.

Fechei o cadeado do diário e o guardei debaixo da cama. Já estava de banho tomado, vestida com o meu pijama dos *Cento e Um Dálmatas* e a minha pantufa de leãozinho.

— Cecília, venha jantar! — Gritou Joana, a senhora de idade que mamãe havia contratado desde que decidiu voltar para Bela Vista há uns dois anos. No fundo, entretanto, sabia que estava ali para me fazer companhia.

Fui para a cozinha onde ela estava lavando as louças.

— Gostando da escola nova, pipoquinha? — Ela jogou o pano de prato sobre o ombro ao guardar a última panela.

— Sim. — Sorri enquanto seguia até o fogão no canto da cozinha para servir a minha comida.

— Se precisar de ajuda para fazer algum dever de casa...

— Hoje, felizmente, não tenho nenhum para casa. — Sentei na mesa e comecei a comer a macarronada.

— Posso saber por que está tão pensativa? — Ela parou na minha frente com as mãos na cintura enquanto me encarava profundamente.

— Não é nada, não. — Balancei a cabeça voltando a comer. No fundo, ainda pensava em Charlotte e no quanto nós duas éramos parecidas.

— Sei...

Joana não insistiu e eu estava grata por isso. Não gostava de falar sobre as coisas que me afligiam com alguém que não fosse o meu diário ou a minha mãe.

Terminei de jantar e Joana pôs sobre mesa o que tirou da geladeira: um delicioso pudim com cobertura de chocolate. Simplesmente adorava as sobremesas que ela preparava todas as noites, cada dia um quitute diferente. Ela era muito boa na cozinha.

Joana serviu um pedaço do pudim para mim e sentou ao meu lado para saborear um pouco da sobremesa também.

— E quanto à viagem?

Iria completar quinze anos em algumas semanas, mas havia preferido viajar a fazer uma grande festa. Minha mãe dizia que eu merecia algo importante com parte do dinheiro que havia ganhado no prêmio, mas eu não possuía muitos amigos e nem mesmo um pai para dançar valsa comigo. A viagem era sem dúvida a melhor escolha.

Nunca vira meu pai, nem tampouco sabia quem ele era. Todas as vezes que tentava perguntar, a mamãe fugia do assunto. Enfim, nem mesmo o nome dele eu sabia. Não saber nada sobre ele me deixava angustiada.

— Cecília?

— Bem, vou viajar no meio do ano. — Tentei voltar ao presente e parar de pensar no meu pai. Suspirei ao colocar as mãos sobre meus joelhos.

— Espero que seja uma ótima viagem.

— Obrigada, Joana! — Dei um beijo no rosto dela e voltei a comer meu pudim.

Acabei o segundo pedaço, lavei o prato na pia, despedi-me de Joana e subi assobiando para o meu quarto. Peguei o livro que estava lendo sobre a cabeceira da mesa e fiquei várias horas presa a ele até me lembrar de que ainda não havia checado o meu e-mail. Levantei da cama, coloquei o livro sobre a cômoda e liguei o computador. Minha caixa de e-mail estava lotada de anúncios desnecessários, mas uma mensagem me deixou muito feliz.

De: [rob-](#)

betinha.10@hotmail.com

Data: 12/02

Para: ceci-cecilia@yahoo.com.br

Às: 18h55min

Assunto: saudades

•Oi, amiga!

Estou morrendo de saudades suas, nem parece que vi você nas férias.

Como vai a escola nova? Já fez muitos amigos?

Deve ser o máximo estudar na Academia Estive, mas você merece estar em um lugar tão legal. Quer garota mais inteligente que você? Ainda bem que você lembrava de mim nas horas das provas. Kkk

Mudando de assunto. Estou adorando a minha temporada nos Estados Unidos. Morar com o meu pai está sendo o máximo. Mal posso esperar para você se mudar para cá também. Visitei o *campus* de Havard. O lugar é simplesmente FANTÁSTICO! Nunca vi um algo tão lindo.

E a Disney? Nossa, o Mickey Mouse é tão bonitinho! E mais bonitinhos ainda eram os caras que vi por lá. Poxa! Os americanos são gatos! Sei bem que a sua prioridade agora são os estudos, mas você não ia resistir.

Eu estou estudando em uma escola particular em New York, onde o meu pai dá aulas. Imagina só que horrível você ter o seu pai como professor. Sério, é de enlouquecer! Felizmente, o meu pai é um cara legal e não fica pegando muito no meu pé.

Já fiz alguns amigos, mas não vou deixar de sentir a sua falta por isso. Mal posso esperar que esses três anos passem logo e eu possa ter a sua companhia novamente. Será fantástico morar em uma república na faculdade. Festas, garotos. Ah, garotos! Mil risos.

Por favor, Cecília, eu estou louca para saber como está sendo a sua nova escola. Sempre quis conhecer a Academia Estive. Tem tantos gatos na propaganda! (Kkk! Só falo de gatos, né?).

Vê se não demora a me responder. Estou louca para saber como vão as coisas com você. Sério, morrendo! De curiosidade, claro!

Muitas e muitas saudades suas.

Mal posso esperar para ver você novamente.

Mill beijinhos.

Roberta♥

P.S.: Sei que deve estar estudando igual uma louca e que esta nova escola deve estar exigindo muito de você. Mesmo assim, quando você puder me chama para conversar no celular. Eu estou online todas as noites, por volta das sete horas no Brasil.

Olhei no relógio, eram 19:30h. Felizmente não tinha nenhum dever de casa no primeiro dia. Não custava nada chamar a Roberta. Além disso, também estava morrendo de saudades dela. Vasculhei as coisas atrás do meu celular até que o encontrei em um bolso da mochila.

Ceci*:

Robertaaaa!!! ??

Roberta_zinha♥:

Oi, amigah!

Ceci*:

Olá!

Roberta_zinha♥:

Tudo bem com você? ??

Ceci*:

Está tudo bem comigo, e com você?

Roberta_zinha♥:

Estou ótima. Adorando morar nos Estados Unidos.

Ceci*:

Li o seu e-mail.

Roberta_zinha♥:

Claro, que bobeira minha ?? Mas e a Academia Estive? ??

Ceci*:

Minhas aulas começaram hoje. ?? A escola é enorme ?? ! A secretária me deu até um mapa.

Roberta_zinha♥:

Sério? ?? que legal! A minha escola também é bem grande. Têm outros dois brasileiros na minha sala e seis ao todo na escola. Sabrina é uma garota muito legal. E acredita só, também é o primeiro ano dela nos Estados Unidos. A mãe dela é americana, só que só se mudou para cá agora. Gostaria muito que você a conhecesse. ??

Ceci*:

Vai ser um prazer conhecê-la. ??

Roberta_zinha♥:

Você vai adorar ela.

Ceci*:

Espero que sim. ??

Roberta_zinha♥:

E você já vez muitos amigos?

Ceci*:

Bem... Acredito que sim. Henry é um cara legal.

Roberta-zinha:

Para todo! O.O! ?????? Você? Cecília Zanette, a Eisten da atualidade amiga de um garoto?!!!!!

Ceci*:

Não precisa de tanto drama. ??????

Roberta_zinha♥:

Ele é bonito? ????

Ceci*:

Roberta!!! ??

Roberta_zinha♥:

Calma! Não precisa fazer drama. ??

Ceci*:

??

Roberta_zinha♥:

Mas você poderia mandar uma foto dele para mim.

Ceci*:

... ??

Roberta_zinha♥:

Tá parei. ?? Mas quero conhecer o cara. Henry...Pelo menos o nome me atrai ?? .

Ceci*:

Aff! Tudo bem. Ele é descendente de oriental, tem olhos puxados.

Roberta_zinha♥, diz:

Que gracinha! ?? super meu tipo ??

Ceci*:

??☹

Roberta_zinha♥:

Tá, esse é seu. ??

E quanto às patricinhas? São difíceis de suportar?

Ceci*:

As patricinhas da nossa antiga escola eram uns amores de pessoas perto dessas. São de dar nos nervos. ??

Roberta_zinha♥:

Credo! ?? As daqui são exatamente como as dos filmes. Dá nojo ??

Ceci*:

Sei como é. ?? Pior é que uma das patricinhas tem a minha cara. ??

Roberta_zinha♥:

Como assim? ??

Ceci*, diz:

É isso mesmo. ?? A patricinha MOR tem a minha cara ☹ . Os mesmos olhos verdes, o rosto dela é igual ao meu!!! ??

Roberta_zinha♥:

KKK! Você está brincando? ??

Ceci*:

Infelizmente não. ??

Roberta_zinha♥:

Sério? ??

Ceci*, diz:

E claro! ??

Roberta_zinha♥, diz:

?? Credo! Que horror! ??

Ceci*:

Para você ver. ??

Roberta_zinha♥:

Mas isso não é possível, ou é? ??

Ceci*:

Não sei, porém essa garota é parecida demais comigo. ??

Roberta_zinha♥:

Poxa! ?? Você que é a cientista, explica isso.

Ceci*:

Não sei. ????

Roberta_zinha♥:

Quem sabe ela não é um clone seu? ??

Ceci*:

Você anda assistindo ficção científica demais. ??

Roberta_zinha♥:

Mas se ela é tão parecida com você é possível. ??

Ceci*:

??

Roberta_zinha♥:

Parei. ??

Ceci*:

?? , Melhor assim... Clone, Ah, por favor!

Roberta_zinha♥:

Ah deve ser muito legal ter alguém muito parecida com você ??

Ceci*

Claro ??

Roberta_zinha♥:

Tá não precisa ser irônica. ??

Ceci*:

Já está tarde, preciso dormir. ??

Roberta_zinha♥:

KKK, não imagina quantas horas são aqui. ??

Ceci*, diz:

Beijos. Tchau. ????

Desliguei o celular e o coloquei sobre a mesa de cabeceira. Bocejei enquanto me aninhava debaixo dos cobertores. Estava com tanto sono que logo apaguei.



Charlotte

Capítulo

Cinco

Bastou um simples momento.

UMA troca de olhar para meu mundo inteiro desabar.

Humanos são diferentes.

Ou pelo menos eram para ser.

Mas e quando existe alguém igual a você?

É de enlouquecer...

Encontrar alguém e ser ver diante de um espelho.

Duas pessoas diferentes a mesma imagem.

Diferentes linguagens.

Coloquei, sobre a mesa de cabeceira, o meu bloco de papel e a caneta. Escrever poemas e histórias era o meu maior *hobby*. Porém, não podia falar sobre isso com ninguém; não queria ser chamada de *nerd* ou CDF. Ainda assim, jamais pensei em abrir mão de uma das coisas que mais gostava de fazer.

Meu quarto era enorme, uma suíte digna de princesa. Com paredes pintadas em tom vermelho bordô e cortinas escuras, era repleto de pôsteres de bandas de rock — Evanescence, Greenday, Linkin Park, Two Seconds e muitas outras. Nunca fui fã de coisas rosas e meigas, mas sempre

me atraiu tudo o que remete ao meu lado *dark*. Esse lance de ser menininha fofa estava por fora.

Já era bem tarde, mas não sentia sono. Liguei a televisão, sentei no divã roxo e fiquei passando os canais. Nem mesmo a infinidade de opções me distraiu aquela noite.

Minha mente vagava longe, perdida em pensamentos mais interiores. Papai chegou a perguntar por que eu estava tão distante, porém não respondi e dei como desculpa o interesse repentino pela sobremesa. Ele nunca entenderia.

Olhei para o meu *iPhone* jogado na escrivaninha ao lado do abajur e sobre alguns livros. Ainda um tanto insegura, liguei e torci para que ninguém atendesse. No segundo toque....

— Alô — sussurrou uma voz do outro lado da linha.

— Alô, Katarina?

— Sim. — Ouvi ela bocejar. — Quem é?

— Como assim, quem é?! Sou eu, Katarina, a Charlotte.

— Ah, sim, o que foi?

— Você estava dormindo?

— Não. — Ela pareceu despertar e prestar mais atenção no que eu dizia. — Estava vendo *Resident Evil 4* no Telecine, mas o filme terminou agora.

Katarina era do tipo de adolescente que idolatrava os filmes de terror e ação, sendo seus prediletos *Jogos Mortais* e *O Chamado*. Nada a fascinava mais do que um bom derramamento de sangue, sempre parecendo muito vingativa e sombria. Tristes eram as lembranças daquelas pessoas que entraram no seu caminho. Eu ficava feliz de sermos amigas, pois Katarina sempre defendeu os seus com garra, sem se importar com o preço. Talvez, com sorte, eu era a amiga mais importante dela.

— O que houve com você? É meia noite. Não era para estar dormindo?

— É, deveria. — Balancei a cabeça e me senti uma tonta por que ela não poderia ver. — Estou sem sono.

— Você? Sem sono? — Katarina gargalhou do outro lado.

— É sério! — Mordi os lábios.

— *Sorry, my friend*. Não vai me dizer que está sem sono por causa da *nerd*?

— E se for?

— Já te disse para relaxar, *friend*. Essa garota não vai durar muito tempo na Estive.

— O que você está pretendendo fazer? — Por algum momento fiquei preocupada e apertei o telefone em minhas mãos. Afinal, a *nerd* não tinha feito nada para merecer uma vingança da Katarina.

— Fica tranquila, *friend*, deixa que resolvo isso. Pode ter certeza que não vamos parar na diretoria.

Respirei fundo. Me senti aliviada por Katarina garantir que eliminaria o meu problema, porque queria minha cópia longe o mais rápido possível. Não desejava que mais ninguém na Estive me confundisse com aquela garota, o que seria suicídio social! Aquela *nerdzinha* mancharia a minha imagem...

— Credo! Como aquela garota se veste mal — murmurou Katarina, rompendo minha tagarelice interna.

— Me explica como alguém em sã consciência usaria sapatinhos de boneca? — Revirei os olhos; ela realmente não tinha nada de parecido comigo.

— Nem quando eu tinha cinco anos usava coisas como aquela.

Meu celular tremeu com um número e uma foto piscando no visor.

— O Caio está ligando. Posso colocar ele na linha?

— Pode.

— Fala, gatinha! Sei que está meio tarde para ligar, mas é que o vídeo game ficou chato e eu estou sem sono total. — Ele entrou na chamada com a voz *sexy* e de moleque que derreteria noventa por cento das meninas da Estive (exceto a mim).

— Mas é um desocupado mesmo, né?

— Eu? Desocupado, Kat? — Pude imaginar o Caio fazendo bico em meio àquela frase e ri com isso. — Até parece que sou eu que fico vendo filmes de terror até tarde.

— Pelo menos não perco o meu tempo vendo *American Pie* — resmungou Katarina.

— Quer coisa melhor do que mulheres gatas?

— Caras gatos. — Eu e Katarina rimos juntas.

— Ha-ha-ha — Ele deu uma risadinha forçada. — Morri de rir.

— Você só pensa em mulheres, Caio. — Revirei os olhos, irritada.

— Metidinho a garanhão — debochou Katarina.

Caio sorriu do outro lado da linha. Ele sempre foi o *Don Juan* da Academia Estive; sua beleza

e popularidade faziam todas as garotas se derreterem e ele sempre fez jus ao ditado *quem sai aos seus não degenera*. Os pais de Caio eram famosos e sempre estiveram nas listas dos mais belos do mundo. Lucinda Castelli, uma das modelos mais prestigiadas da História mesmo aos 37 anos e tendo *passado de idade*, possuía um corpo escultural, de dar inveja em muitas modelos novinhas que nunca foram mães. O pai de Caio, o jogador de futebol Bernardo Castelli, era um homem de físico invejável e o rosto que poderia se assemelhar ao de um deus grego. A própria encarnação de Apolo.

— Elas me amam — murmurou Caio.

— Tá bom. Metidinho.

— E aquela garota nova? Que loucura! Ela é sua cara, Char.

Ele tinha que tocar no ponto que eu queria esquecer? Obrigada, Caio!

— Não! Ela não tem absolutamente nada a ver comigo!

Quando será que eles iriam esquecer aquele assunto?

— Caio! — Katarina o recriminou.

— Ah. Kat, é verdade. Se não fossem as roupas e o jeito de retardada, eu acharia que a Char tinha voltado a ser loira.

— Não vou voltar a ser loira, Caio!

— Tá, gatinha, sei o quanto você detestava o seu cabelo loiro. Mas você era loira. Linda e loira. — Ele riu.

— Não, débil mental! — rosnou Katarina — Ela era ruiva.

— Não, Charlotte era loira — insistiu Caio.

— Kat estava sendo irônica. — Respirei fundo para não atravessar o telefone e bater nele.

— Ah!

Não queria admitir que aquela garota esquisita era muito similar a mim, com os mesmos traços físicos. A altura, os olhos e até o maldito cabelo loiro. Estava cansada de pensar sobre aquilo.

Caio bocejou.

— Acho que já está na hora de procurar a minha cama.

— É, pelo menos desta vez você tem razão — concordou Katarina. — Amanhã teremos aula cedo e precisamos dormir.

— Até amanhã, gatinhas. — Caio desligou a chamada.

— Nos vemos amanhã, *friend* — despediu-se Katarina. — Não se preocupe. Ainda não sei bem o que vou fazer, mas essa garota vai se arrepender de ter pisado na Estive.

— Obrigada, Kat. Até amanhã.

Fiquei alguns segundos ouvindo o som vazio da linha telefônica. Já passava de meia noite, mas não conseguia dormir. Aquela garota realmente havia tirado o meu sono por completo. Que raiva! Sabia que estaria exausta no dia seguinte.

Desci para a cozinha com garganta seca. Tudo o que queria naquele momento era um copo de água. Estava vazia; todos os empregados provavelmente já tinham ido dormir. Acendi a luz e um lugar grande e tão requintado quanto o resto da mansão se iluminou, revelando as paredes brancas e o chão xadrez preto e branco, com os eletrodomésticos pretos e de inox.

Em uma das três geladeiras, peguei uma garrafa de água, enchi um copo até a boca e bebi tudo de um gole só. Realmente estava diferente aquela noite.

Deixei o copo sobre a pia e me dirigi para outro cômodo, onde eu mais gostava de passar o meu tempo. Mesmo que sair com os amigos fosse uma coisa que adorasse muito, aquele era um lugar onde ia para ficar sozinha ou para livrar-me do estresse.

Encarei o ambiente ao redor. Não era a academia em si o que prendia a minha atenção, mas sim a área que havia pedido para que meu pai construísse para mim.

Tirei os saltos e coloquei as minhas luvas de boxe. Encarei o saco de areia como se fosse aquela garota. Acertei um soco de direita e ele nem se moveu. Respirei fundo, soprando uma mecha de cabelo que caía sobre os meus olhos. Já havia lutado melhor do que aquilo, mas naquele momento todo o meu corpo doía e meus nervos estavam tencionados. Uma gota de suor escorreu pelo meu rosto e deixei a mente vagar distante.

— Treinando até essa hora, filha? — Ouvi uma voz atrás de mim que me fez pular de susto.

Me virei para trás e o vi. Papai estava de pé próximo à entrada, vestido em um roupão, com os olhos azuis por baixo do óculo de grau, o cabelo castanho despenteado. Era evidente que estava trabalhando até aquele horário, uma situação típica daquele homem sempre tão ocupado.

— E você, como sempre, trabalhando... — Cruzei os braços.

— Já estava indo dormir. E já é hora de você estar dormindo, mocinha.

— Estava sem sono. — Desviei o olhar quando ele me encarou de uma forma que me deixou sem graça.

Papai nunca foi muito presente, mas se esforçava ao máximo para que eu tivesse uma infância feliz, ainda que tenha sido criada pelos empregados. Não havia conhecido a minha mãe, nem tampouco visto uma foto dela e, toda vez que tentava tocar no assunto, o meu pai desconversa, porque a mamãe morreu no meu parto. Às vezes, era horrível pensar que a culpada por ela não estar mais aqui era eu. Meu pai me evitava por eu lembrar ela demais e talvez este fosse o principal motivo de ter pintado o cabelo.

Joguei as luvas de boxe em um canto e coloquei os sapatos. Fui tomar banho e tentar dormir.

— Nos vemos amanhã, papai. — Passei por ele e lhe dei um beijo no rosto.

— Boa noite, filhota

— Boa noite, papai.



Cecília

Capítulo Seis

Cheguei à escola faltando cinco minutos para o início do primeiro horário. Meus cabelos caíam sobre os olhos e emolduravam meu rosto. Corri com a mochila nas costas para o prédio cinco onde ficava a sala trinta e dois, local da aula de Língua Inglesa.

Estava tão distraída que acabei chocando-me com alguém fazendo os óculos voarem longe.

— Desculpa. — Me agachei para tatear o chão e pegar os óculos.

Ergui o rosto para o cara, que ficou parado do meu lado, achando que era o Henry, e encarei olhos cor-de-mel me fitando. Cheguei a me perguntar o que passava pela cabeça dele, mas me perdi observando os cabelos dourados e a sua pele bronzeada.

— Desculpa — repeti.

— Olha por onde anda, *nerd*! Ah, esqueci que você não enxerga direito.

— Pedi desculpa, seu grosso!

Mas que idiota! Todo o encanto que tive por ele se perdeu numa fração de segundos.

— Ah! A quatro olhos ficou nervosinha...

Fechei a cara, respirei fundo e peguei minhas coisas.

Idiota! A minha vontade era dar na cara dele, mas mamãe dizia sempre que violência só gerava mais violência. Decidi ficar na minha.

— Dá licença! — mandei, mas o garoto permaneceu parado na minha frente, impedindo a

passagem. Aquele garoto realmente parecia estar a fim de me deixar muito irritada. — Sai da frente!

— Esquisitona.

— Brutamontes! — Cerrei os dentes.

O sinal para o início da aula tocou, o professor passou por nós e caminhou em direção à sala, dando a deixa para segui-lo. Entrei logo atrás.

— Desculpe, senhor.

— Tudo bem. — Ele deu de ombros. — Sente-se logo.

Fui sentar ao lado de Henry em uma carteira vazia.

— Detesto esse cara! — Joguei os cadernos sobre a mesa, fazendo meu novo amigo pular de susto.

— Detesta o professor? — Henry franziu o cenho, confuso.

— Não! Aquele garoto idiota que anda com a Charlotte. Ele é tão irritante quanto ela.

— Sei. — Henry um meio sorriso. — Começa assim...

— Não entendi. — Eu o encarei.

— Deixa para lá — desconversou e se virou para frente como se fosse prestar atenção na aula.

— Bom dia?

— Bom dia! Tirando esse incidente.

Henry sorriu.

— Realmente é difícil lidar com o Caio.

O professor começou a passar matéria no quadro e prendeu minha atenção. Foi assim durante os três primeiros horários, nos quais eu não deixava passar uma única informação ensinada.

O sinal para o intervalo soou. Henry e eu recolhemos nossos materiais e saímos da sala.

— Podemos fazer o trabalho no sábado? — Henry me encarou enquanto caminhávamos até a lanchonete.

— Claro. — Sorri ao puxar uma cadeira e me sentar diante dele.

Mamãe havia dito que não havia problema algum lanchar na escola como os outros alunos. Minha bolsa cobria todas as despesas na escola, incluindo a alimentação, o que era muito bom mesmo.

Assim que olhei para trás de Henry, avistei as pessoas que tentei evitar durante a aula toda. Era terrível ser da mesma sala que Charlotte e aquele pessoal irritante que andava com ela. Oh, raça! Não conseguia compreender como poderiam existir pessoas como aquelas.

— Você não consegue tirar os olhos deles. — Henry balançou a cabeça em negativa ao olhar na mesma direção que eu.

— Eu? — desconversei, enquanto tentava encarar outro lado que não fosse o das mesas próximas às janelas, onde o grupo de Charlotte se reunia aos demais populares na *área nobre* do Estive.

— Imagina. — Ele torceu os lábios, sarcástico.

— E o que você está pensando em fazer no trabalho de Inglês? — O encarei, decidida a mudar de assunto.

— O que acha de uma pequena animação? — Sugeriu Henry.

Começamos a conversar sobre o trabalho, mas não pude deixar de observar o grupinho de Charlotte, que lixava as unhas vermelhas e quadradas, vestia uma bermuda justa curtíssima e uma bota com estampa de bonequinha gótica. Por mais que eu não quisesse assumir, algo me atraía profundamente em direção a ela.



Charlotte

Capítulo

Sete

— Então aquela é a garota que é a sua cara? — Pietro se aproximou e sentou à minha frente na mesa. Ele era um aluno do terceiro ano moreno, com olhos castanhos, cabelo escuro e músculos bem definidos que se destacavam por baixo da camiseta vermelha.

— Infelizmente. — Dei de ombros, continuando a lixar as unhas. Estava disposta a ignorar completamente a presença da cópia altamente perigosa à minha reputação.

— Ela é gatinha. — Pietro encarou Cecília sentada do outro lado do restaurante perto do Henry...

Olhar para isso me deixava ainda mais irritada.

— Não vai me dizer que você está se bandeando para o lado inimigo, Pietro? — Katarina tirou o capuz que encobria seus olhos.

— Não, mas é claro que não. Só estava dizendo que ela é uma gatinha. Apesar de as roupas que ela usa não favorecerem em nada o corpo dela.

— É claro que a garota é bonita. — Artur revirou os olhos. — Charlotte é muito gata e a tal de Cecília é muito parecida com ela. Juro que, se não estivesse vendo, iria dizer que vocês estavam mentindo.

— Dá para vocês pararem de falar nessa garota? — Cerrei os dentes, quebrando a lixa entre os dedos.

Estava cansada de ficarem o tempo todo falando daquela garota! Parecia que não tinham nada mais interessante para discutir do que o fato de que, por algum motivo misterioso, a menina tinha o mesmo rosto que eu. Provavelmente, aquele era o assunto mais comentado de toda a escola e isso começava a me prejudicar. Como poderia ser comparada a alguém com tanto mau gosto? Eu estava com muita raiva. De todas as meninas na Estive, ela tinha que se parecer logo comigo? Isso não era justo!

Caio se aproximou de nós com os cabelos levemente desgrehados caindo sobre os olhos, colocou a mochila sobre a mesa e sentou ao meu lado.

— Será que não existe assunto mais interessante do que a aluna nova? — Ele fez um sinal para a garçonete.

— Parece que não. — Katarina alisava o seu cabelo com uma das mãos. — Mas não será assim por muito tempo.

— Sério, tenho muito medo de você, Kat. — Artur deu uma golada de seu suco de laranja.

— É melhor que tenha mesmo. — Ela abriu um sorriso sombrio.

Bebi mais um gole do *milk-shake* de morango, mas minha mente vagava longe. Queria ser capaz de encontrar um motivo lógico para aquela semelhança tão assustadora. Se ao menos a garota não fosse tão esquisita...

— Será que vocês são gêmeas?

Amassei o copo em minhas mãos, quase quebrando-o.

— Cala a boca, Caio! — Katarina jogou uma bolinha de papel nele.

— Aí, não precisa ser tão agressiva.

— Então, para de falar abobrinha! — Por um segundo imaginei que Katarina fosse levantar e bater nele.

— Mas já pensaram nessa possibilidade? — Ele cruzou os braços. — Charlotte não tem a mãe.

— Minha mãe morreu no parto, seu idiota! — Bufe.

— Ah, é! Tinha esquecido... Desculpa.

— Se não é para dizer nada útil, é melhor não falar nada, Caio!

— Tá, Katarina! Já entendi. Foi só uma brincadeira.



Lecília

Capítulo Oito

Naquela altura, minha paciência já havia tirado férias e viajado para o Japão. O fato de que todos me encaravam onde quer que passasse estava me deixando louca. Nunca fui o tipo de garota que ficava sob os holofotes. Nem mesmo após o prêmio; foram só algumas fotos e depois... paz, o doce calor da paz.

— Uma moeda pelos seus pensamentos. — Henry deu uma mordida em seu sanduíche.

— Pode poupar o seu dinheiro. — Torci os lábios, enquanto colocava uma batata frita na boca.

Henry olhou na outra direção do refeitório, onde Charlotte conversava com os seus amigos e me encarava com desprezo.

— Esquece ela.

— Como se fosse fácil.

— Charlotte não é tão má quanto parece.

Ergui os olhos para encarar Henry, tentando acreditar no havia acabado de dizer. Se Charlotte não era uma garota má, provavelmente a Cruela deveria ser eleita a fada madrinha naquele ano. Na verdade, não precisava ser um gênio para perceber a forma com que Henry falava dela.

— Você gosta dela, não é?

— Eu? — Ele arregalou os olhos puxados, surpreso. — Não, é claro que não!

— Sei...

Estava na cara dele. Mesmo que não admitisse, era muito óbvio.

— É sério.

— Você está parecendo um pimentão, sabia? — Encarei as bochechas rosadas do garoto.

O sinal para o início da próxima aula soou.

— Acho melhor nós irmos. — Henry levantou, tentando desesperadamente mudar de assunto.

— Tudo bem. — Resolvi deixar Henry na dele. Se não queria admitir que gostava da Charlotte, devia ter seus motivos. — Que aula teremos agora?

— Educação Física.

— Edu-Edu-Educação Física?

— Isso aí, minha cara. A tortura para os descoordenados. — Ele gargalhou.

Educação Física até que era uma matéria legal. Com o tempo, percebi que era como qualquer outra e só precisava de estudo e dedicação para me sair bem. Claro, eu deveria trocar meus óculos pelas lentes de contato — por mais que eles fossem parte da minha personalidade, era melhor não correr o risco de levar uma bolada no rosto.

— Vamos jogar o quê?

— Você gosta de esportes? — Henry arregalou os olhos.

— Sim. Por que não?

— Sei lá. Só não esperava.

Nós caminhamos para o prédio nove, a ala esportiva da escola. Henry não parecia ser o tipo de garoto que idolatrava esportes físicos e estranhou um pouco minha empolgação.

Todos estavam reunidos no primeiro andar, onde ficavam os armários e os vestiários, quando uma mulher alta, corpulenta, com cabelos curtos e olhos estreitos assoprou com força um apito, assustando os alunos.

— Troquem de roupa logo! Não tenho tempo para esperar que discutam o que querem fazer da vida.

— Sim, senhora, treinadora Kelly — respondeu a turma em coro.

Me senti perdida no momento em que todos foram na direção dos armários para pegar os

uniformes. Estava mais por fora das coisas do que era capaz de imaginar. O único armário ao qual possuía acesso ficava no prédio cinco e eu não havia visto nenhum uniforme de Educação Física por lá, tampouco imaginei que fosse necessário comprar um.

— Perdida, não é? — Henry riu de mim, enquanto abria um dos armários.

— Imagina. — Sorri irônica.

— Todos nós temos um armário com uniformes aqui e eles sempre estão limpos. É por isso que pedem as nossas medidas na hora da matrícula. — Ele voltou a encarar os armários. — Aqui está o seu — disse ao apontar para um armário com meu nome. — A chave do outro armário também abre esse.

— Ah, obrigada! — Sorri para ele, agradecida.

— Conte comigo sempre. — Ele acenou indo para o vestiário masculino.

Abri o armário e encontrei três camisetas e duas bermudas, todas limpas e com cheiro de amaciante. Peguei um conjunto, pouco antes do armário fechar na minha cara.

— Ah, desculpe — sussurrou uma garota fazendo-se de inocente. Falsa!

Me virei para encarar a garota parada ao lado do meu armário.

— Tudo bem. — Tentei ser gentil, ainda que estivesse na cara que ela não merecia.

Abri o armário novamente para pegar as meias e um par de tênis e me dirigi ao vestiário feminino.

Felizmente, ele estava vazio. Não queria ter que encontrar com mais ninguém do grupinho de Charlotte. Aquela tal de Katarina era o tipo de garota que havia nascido para ser a protagonista dos mais assustadores filmes de terror.

Troquei de roupa, mas não me senti nem um pouco à vontade ao vestir aquele short curto e apertado. Era difícil compreender como alguém em uma escola poderia permitir uma coisa como aquela. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo, dobrei minhas roupas, troquei meus óculos pelas lentes que carregava na mochila e guardei tudo no armário.

Caminhei até o segundo andar, onde estavam reunidos os demais alunos da classe, composto de seis quadras de vôlei de tamanho oficial, ainda admirada com o tamanho do lugar. Treinei ao lembrar de que aquela não era uma aula de Educação Física comum, mas uma boa oportunidade para Charlotte e seu grupinho fazerem algo de ruim comigo.

A treinadora Kelly apitou novamente e todos os alunos se reuniram ao redor dela. Ao tentar seguir o barulho, acabei esbarrando em alguém. Pisquei os olhos tentando me acostumar com a

lente e tentei sorrir para quem havia sido acertado pela minha desatenção.

— Desculpe-me.

— Parece que eu não sou o único cego por aqui — Henry brincou.

— Como não uso as lentes o tempo todo, não estou acostumada. Vai levar uns dez minutos para a sensação de areia nos olhos passar.

— Entendo bem. — Ele riu. — Eu uso lentes também e levei alguns meses para me acostumar. Dez minutos é quase um recorde.

— Isso me deixa mais tranquila.

— Vinte voltas ao redor de uma das quadras. — A treinadora assoprou o apito interrompendo a nossa conversa. — Agora! — berrou fazendo-me pular. — Nada de moleza, mocinha. — Ela deu alguns tapinhas nas minhas costas ordenando que eu fizesse parte da manada de loucos que corria ao redor das quadras.

— Vamos. — Henry me puxou pelo braço.

Corri, corri e corri. Talvez eu estivesse menos acostumada a isso do que imaginava

— Desisto. — Exausta, sentei em um canto da arquibancada. O suor fazia minha camisa grudar ao corpo e isso era nojento. — Acho que estou um pouco fora de forma. Talvez minhas férias sedentárias não tenham me ajudado muito.

— Somos dois. — Henry se sentou ao meu lado.

Charlotte e seus amigos passaram por nós, como se debochassem por já termos desistido, mas tinha certeza de que estavam tão cansados quanto a gente.

A treinadora apitou, me fazendo pular de susto novamente. Será que aquela mulher não sabia fazer nada sem usar aquela coisa?

— Atenção, alunos! Quero equipes formadas com quatro alunos para jogos em duplas.

Eu e Henry trocamos olhares, mas ainda faltavam duas pessoas para a equipe. Como até o momento não tinha feito mais amigos, imaginei que seria complicado.

Katarina se aproximou de mim e achei isso muito estranho, mas franzi o cenho e fiquei só observando ela. A garota sorriu e tentou parecer amigável, atitude me deixou ainda mais desconfiada.

O que ela queria? Não tinha nem ideia. Katarina não parecia o tipo de pessoa que tratava as outras ao seu redor bem se não tivesse nada a ganhar com isso; não acho que eu seria uma exceção.

— Olá, esqui... Cecília! — Katarina abriu ainda mais seu sorriso cínico para tentar parecer convincente. — Podemos formar o grupo com vocês?

Eu e Henry nos entreolhamos. Ele deu de ombros, como se aquilo não fizesse diferença alguma já que precisávamos de mais duas pessoas mesmo.

— Claro. — Abri um sorriso da forma mais educada que pude.

A treinadora lançou uma bola na nossa direção e Katarina a segurou com tranquilidade.

— Quadra dois! — A treinadora apontou para uma das quadras. Eu e Henry fomos para um lado da rede, Katarina e Melinda ficaram do outro lado.

— Boa sorte, Cecília. — Katarina riu.

Senti um calafrio e algo dentro de mim se revirou com o sorriso que ela deu antes de sacar a bola. Talvez realmente precisasse de mais do que uma simples habilidade em esporte para jogar conta ela.



Charlotte

Capítulo

Nove

Eu, Caio, Artur e Letícia estávamos em uma quadra ao lado. Eu segurava a bola debaixo do braço e fitava minha amiga. Tentava entender o que diabos Katarina estava fazendo.

— Alguém pode me explicar porque Kat está jogando com os *CDFs*? — Caio parou na minha frente, indignado.

— É exatamente isso que quero saber. — Fechei a cara.

— Tenho dó dessa Cecília — disse Letícia,.

— Por quê? — Caio a encarou, fazendo-a se encolher.

— Depois, o burro sou eu. — Artur torceu os lábios.

— Cala a boca, garoto! — esbravejou Caio. — Ninguém aqui perguntou a sua opinião.

— Fiquem quietos! — Me irritei, curvando o corpo na direção deles. — Até parecem crianças do jeito como se comportam.

A treinadora apitou novamente.

— Estão esperando que eu saque para vocês? Vamos logo! Chega de conversa fiada!

Me afastei para o fundo da quadra e fiquei observando de longe.

Katarina sacou e a bola passou como um vulto pela visão de Henry, caindo no fundo da quadra. O garoto não teve tempo para fazer nada, a não ser esperar passar por ele.

— Nossa! Que garoto ruim — ouvi Melinda reclamar.

— Era de se esperar. — Katarina conteve o riso. — Joguem a bola! — berrou para a dupla adversária.

Henry caminhou até ser acertado e cair no chão. Eu senti um pouco de pena e quase corri para ajudá-lo. Quase... Cecília correu na direção do barulho assim que ouviu seu amigo ser atingido. Henry estava estirado no chão com uma das mãos sobre a cabeça.

— Vou lá. — Letícia saiu correndo.— Você está bem? — perguntou ao se abaixar próximo ao garoto.

— Não.

— Vou lá também. — Comecei a caminhar, mas Caio segurou meu braço. — Ei, me solta! — Encarei meu melhor amigo.

— Deixa ele para lá.

— Ele pode ter se machucado. — Senti um grande aperto no coração. Coitadinho, Katarina sabia muito bem machucar quando essa era a vontade dela.

— Sua cópia já vai cuidar do *nerd*. Desencana.

Por fim, cruzei os braços e fiquei na minha. No fundo, senti uma pontada de ciúmes. Conhecia o Henry desde que éramos bebês e lembro de uma época chegamos a ser amigos, antes de o Caio entrar na Estive. Ver Cecília com o Henry foi como se ela estivesse roubando o meu lugar. A escola era minha e ela não deveria estar se intrometendo ali.

— Tá com ciúmes do *nerd*?

— Não! — Por pouco não gritei para escola toda ouvir. Fiquei com muita vontade de dar um tapa no Caio. — Às vezes, você viaja.

— Tem certeza? — Ele abriu um sorrisinho maroto.

— Para de falar abobrinha antes que eu dê um soco na sua cara. — Fechei a mão em punho e cerrei os dentes.

— Calma! Não precisa ficar tão furiosa.

— Então, não me provoca!

— Mas aqui, gatinha, sério. Já pensou por que nunca namorou ninguém? Tem quase quinze anos, está na hora...

— Caio!

Ele desviou o olhar e deu um passo para o lado.

— Vou lá ver como seu namorado está.

— Caio, fica aqui! — Não tive tempo de segurá-lo.



— Que mal, cara! Você está legal? — murmurou uma voz se aproximando de nós.

Meu corpo todo tremeu. Não precisava enxergar direito para ter certeza absoluta de quem era. Me ergui e encarei o garoto.

Caio deu um passo para trás, surpreso pela minha ação. Talvez não esperasse que eu batesse de frente com ele, mas eu não estava nem aí. Haviam machucado meu amigo e isso me deixou uma fera.

— Tinha que vir aqui, *né*? — Ele iria se arrepender.

— Aí, garota, fica quieta aí! Não falei nada com você. Vim aqui só saber se o cara está bem.

— Além de grosso, é mal-educado. — Coloquei a mão na cintura e estufei o peito.

— Só queria saber se ele estava bem. — Caio apontou para Henry, ainda sentado no chão. — Sai da frente e para de encher o saco!

— Presta bem atenção no jeito como fala comigo!

— Escuta aqui, sua *nerd*, presta bem a maneira como VOCÊ fala comigo. — Caio deu um passo confiante na minha direção.

Com o canto de olho, vi Charlotte passar por nós, ignorar o bate-boca e ajudar Henry a se levantar.

— Ou você vai fazer o quê? — Continuei encarando o Caio séria, sem medo algum do que o

garoto pudesse ser capaz.

Caio me devolveu o olhar penetrante e deu mais um passo para frente, sem me intimidar um único instante. Nunca tive medo de barata ou aranha e não seria um cara metido a valentão com pose de *playboy* que iria me fazer temer.

Os rostos de nós dois estavam a alguns centímetros um do outro e nenhum estava disposto a recuar. Levantei a mão num protesto e Caio segurou meu pulso ao lado do meu rosto mas, mesmo assim, eu não me intimidei. Ele não se arriscaria a bater em mim na frente de todos — e, encarando seus olhos, tive certeza de que não era isso que ele pretendia fazer.

A treinadora Kelly apitou, fazendo com que nós dois fôssemos tirados do transe.

— Circulando! — berrou a treinadora. — Não quero enrolação durante as minhas aulas.

Caio e eu bufamos um para o outro.

— *Nerd*.

— Sistema nervoso unicelular. — Cerrei os dentes.

— O quê? — Caio franziu o cenho sem entender minha ofensa.

— Não gaste seu único neurônio tentando entender. — Henry gargalhou atrás de mim.

— Vamos embora daqui, Caio. — Charlotte o puxou pelo braço e saiu arrastando.

— Garoto insuportável! — Me virei para o meu amigo assim que eles partiram.

Henry riu baixinho.

— O que foi? — Eu quase cuspi fogo nele como um dragão.

— Achei que ele fosse beijar você.

— O quê? Sério, Henry, pensei que fosse meu amigo.

— A escola inteira quer beijar aquele cara.

— Mas eu não!

— Calem a boca vocês dois e vamos voltar a jogar! — Katarina balançou a bola do outro lado da quadra.

Eu e Henry apenas concordamos com um movimento de cabeça.

Katarina se preparou para sacar novamente, me encarou e sorriu.

Ergui a mão para tentar interceptar a bola, que me acertou em cheio, fazendo com que uma dor insuportável subisse pelo meu braço. Se aquilo não tivesse sido de propósito, sinceramente

não sabia mais o que era.

— Ah, Cecília, mas que moleza. — Melinda passou a bola pra Katarina. — Saca de novo, Kat.

Aquela aula de Educação Física parecia mais uma aula de tortura, na qual eu era a cobaia. No fim, tinha mais manchas roxas do que uma joaninha tinha pretas. Sabia que tudo o que Katarina tinha feito havia sido de propósito, mas se aquela garota me queria fora dali, teria que fazer muito mais do que aquilo. Não deixaria que Caio, Katarina ou qualquer outro amiguinho da Charlotte me tirasse daquela escola.



Charlotte

Capítulo

Onze

Era tarde de sexta feira e eu tinha acabado de chegar da escola. Havia esperado por isso a semana inteira: era o único dia em que meu pai me deixava sair com os amigos e ter de volta a minha vida social.

Estava sentada diante do espelho da penteadeira e tentava escolher a joia que iria usar. Precisava de algo que combinasse com o meu vestido preto Chanel comprado na última vez que fui visitar a vovó nos Estados Unidos. Ela é americana e quis voltar para sua terra natal há alguns anos. Não gostei muito de tê-la longe, mas não tive escolha.

Encarei mais uma vez o espelho para ter certeza de que a maquiagem estava perfeita. Um pouco de blush deixava minhas bochechas um pouco rosadas e eu sempre combinava com sombra e delineador preto. Escolhi um conjunto de joias que a vovó havia me dado, feito de rubis e ouro branco.

Peguei a bolsa e desci para despedir-me do meu pai. Com os olhos vidrados na tela de um *notebook* prata, estava sentado em uma cadeira giratória atrás da escrivaninha em seu enorme escritório. As paredes eram pintadas de um tom ocre e recobertas por estantes de livros. Ele sempre foi um homem envolvido demais com o trabalho.

Bati na porta para chamar sua atenção.

— Já vai, querida?

— Sim, pai. Vou sair com a Kat e o resto do pessoal. Vamos lanchar e ver um filme, depois

iremos em uma boate.

— Boate? — Ele franziu o cenho e fechou a cara. — Ainda é muito nova para isso, mocinha.

— Ah, pai, relaxa! É uma daquelas matinês que só vai menor de idade e não servem bebidas.

— Joguei a alça da bolsa sobre o ombro.

— Tome cuidado, querida, e não volte tarde.

— Não vou. A boate fecha às dez da noite. — Torci os lábios.

— Dez horas já é bem tarde para uma menininha.

— Não sou *menininha*!

— É sim! Minha menininha. — Ele riu. — Peter e Carlos estão esperando por você.

— Pai! — Cruzei os braços e fechei a cara, em protesto. — Já passei da idade de precisar de uma babá para cuidar de mim.

— Peter não é a sua babá, ele é o seu guarda-costas e é para a sua proteção.

— Mas isso não muda o fato de que ele parece uma babá.

— Ele é para a sua proteção. Não se esqueça, Char, você é a coisa mais importante do mundo para mim. Preciso que esteja em segurança para não ficar preocupado.

Aquilo era jogo sujo. Apelar para o meu lado sentimental não era justo, mas meu pai não estava nem aí desde que o guarda-costas ficasse atrás de mim.

— Muito bem, papai. — Fui até ele e dei um beijo em seu rosto. — Nos vemos amanhã.

— Tome cuidado!

— Tá bom, papai! Vou só sair com os meus amigos. Fica tranquilo. — Saí andando na direção da entrada da casa.

Um homem alto segurando um quepe em sua mão estava escorado no carro ao lado de outro maior ainda, com um rosto amedrontador escondido atrás de óculos de sol.

— Para onde, senhorita? — Jorge, o motorista, abriu a porta de trás do carro para mim.

— Vou para o shopping. — Dei a eles um largo sorriso antes de me sentar.



Cecília

Capítulo

Doze

Depois de tomar um banho bem quentinho, vesti o meu pijama favorito, que havia ganhado da vovó, rosa e branco com um unicórnio dormindo em uma nuvem. Como entrava um friozinho gelado pela janela do quarto, até me dei ao luxo de colocar minhas meias favoritas, de panda com orelhas na ponta dos pés.

Deitei-me na cama e peguei o celular. Minha mãe deixava eu mexer nele depois de estudar. Me assustei ao me deparar com trinta mensagens não lidas. A maioria era da Roberta. Revirei os olhos. *Tinha que ser!*

Roberta_zinha♥:

Ceci!!!!!! ????????

Cecília?! Cadê vc, amiga?

Tenho uma notícia mega, ultra, super, para te contar. Você não vai acreditar no que aconteceu. ????????????

Aparece!!! Larga esses cadernos e da atenção para sua amiga aqui.

Cecília!!!

??????

Ceci*

Acalma aí!

Roberta_zinha♥:

Cecília!!!! Quase morri de aflição aqui.

Ceci*

Não é para tanto...

Roberta_zinha♥:

Sabe quantas horas é aqui? Se esqueceu da diferença de fuso horário?

Ceci*

Talvez ?? que seja! Fala logo! Qual o motivo para o seu mini infarto.

Roberta_zinha♥:

Conheci o cara dos meus sonhos ??????????

Ceci*

Como assim? Kkk

Roberta_zinha♥:

O garoto mais lindo do universo inteiro.. . ??????

Ceci*

Você é exagerada ??????

Roberta_zinha♥:

?? Você menospreza pq não conheceu ele.

Ceci*

Humm. Conte-me mais ?? ...

Roberta_zinha♥:

O nome dele é Luke Evans, é a minha dupla no laboratório de ciências. Meu mundo parou hoje quando cheguei para a primeira aula e aquele deus grego sentou do meu lado.

Ceci*

Kkkkkkk só vc mesma, Roberta.

Roberta_zinha♥:

Cecília do céu! Ele não é só um garoto, é *O GAROTO*.

Ceci*

Menos surtos e mais fatos, *please* ??

Roberta_zinha♥:

Me deixa suspirar aqui ??

Ceci*

Robertaaaa!!!!

Roberta_zinha♥:

Ah, nem sei por onde começo ??????

Ceci*:

Do início ??

Roberta_zinha♥:

Tá! Kkk Bom ele tem cabelos pretos e olhos tão azuis que quero mergulhar neles. Tem covinhas, o que o deixa muito, muito, muito fofo quando tá sorrindo. Os cabelos deles são curtos, mas tem o tamanho suficiente para cair sobre os olhos. Ele veio de Londres, então tem aquele charmoso sotaque britânico. Conversamos durante a aula ?? , ele também gosta de jogar *Diablo* e *Call Of Duty*. Até combinamos de jogar juntos amanhã. Viu como ele é perfeito para mim? ??????????????

Ceci*

Suponho que noventa por cento dos garotos gostem desse tipo de jogo para videogame.

Roberta_zinha♥

Não quebra meu clima ??????

Ceci*

Kkkkkk aí, aí só você mesma.

Roberta_zinha♥:

Depois mando para você uma foto do meu namorado.

Ceci*

Namorado? ?? Já chegou a esse ponto?

Roberta_zinha♥:

Tenho certeza que será o próximo passo ??

Ceci*

Kkkkkkkk

Roberta_zinha♥:

E você e o Henry? É esse o nome dele, não é? Como andam?

Ceci*

Roberta! Ele é só meu amigo. Não viaja ?? .

Roberta_zinha♥:

Mas vc disse que ele era legal e bonito ?? . Adoro os asiáticos, acho tão lindos e fofos.

Ceci*

Mesmo se ele não fosse meu melhor amigo na Estive. Não tenho chances, fica estampado no rosto dele o quanto é a fim da Charlotte.

Roberta_zinha♥:

Sua cópia? ????

Ceci*

Essa mesma ??

Roberta_zinha♥:

Ah, então é fácil para você ?? a menina que ele gosta é a sua cara, parece bem simples resolver essa situação.

Ceci*

Ela pode ser a minha cara, mas somos completamente diferentes. Além disso, depois de como o Caio me irritou hoje. Não estou muito a fim de pensar em garotos. Aquele estúpido se acha o último biscoito do pacote.

Roberta_zinha♥:

Caio? Que Caio? Caio Castelle, filho de Mônica e Eduardo Castelle?

Ceci*

Acho que sim.

Roberta_zinha♥:

??????????????? OMG!

Ceci*

O que foi?

Roberta_zinha♥:

Como assim o que foi? ?? Vc conhece o Caio Castelle. ?? Eu tinha um pôster dele no meu quarto quando ele saiu em uma revista.

Ceci*

Roberta, menos! ?? Ele é só um cara. Bem arrogante por sinal.

Roberta_zinha♥:

Meio mundo ficaria furiosa com vc por estar dizendo isso dele.

Ceci*

Por isso aquele idiota é daquele jeito. ?? vivem enchendo a bola dele. ??

Roberta_zinha♥:

Ahhh, o Caio ????????

Ceci*

Já está na hora de você dormir, não acha?

Roberta_zinha♥:

Vai me dispensar assim?

Ceci*

Minha mãe chegou. Boa noite ????????

Roberta_zinha♥:

Cecília!!!

Coloquei o celular em uma gaveta do criado-mudo e deixei Roberta falando sozinha. Não estava a fim de ficar discutindo com mais uma fã do *Chato Castelli*. Além disso, eu tinha mesmo dito a verdade: mamãe estava chegando. Pude ouvir a porta da sala abrindo e o som característico dos passos dela. Era sexta-feira, o dia em que ela tinha folga no hotel.

— Mãe! — Levantei empolgada e corri até ela.

— Cecília, filhota! — Ela deixou sua bolsa cair no chão e correspondeu o meu abraço quando me atirei nela no meio do corredor.

— Estava com saudades, mamãe! — A apertei com toda a minha força.

— Mas nos vimos ontem, querida.

— Eu sempre sinto saudades. — Fechei a cara e ela riu.

— Como foi seu dia? — Ela se afastou e pegou a bolsa no chão.

— Bom. A escola é mesmo boa e os professores são sensacionais. Pena que não posso dizer o mesmo das pessoas.

— Ceci, você é sempre tão doce. Não arrume confusão.

— Ah, mamãe, a culpa não é minha se eles implicam comigo.

Ela me encarou com um olhar recriminatório e devolvi o olhar, colocando uma mecha do meu cabelo loiro atrás da orelha.

— Vamos ver um filme juntas?

— Querida, você tem que estudar.

— Por favor, mamãe! Amanhã é sábado e já estudei um pouco hoje.

Ela torceu os lábios e ficou me encarando.

— Por favor, mamãe... — Fiz a carinha mais meiga que consegui. Com direito a olhos brilhando.

— Tudo bem! — Ela abriu seu sorriso mais lindo do mundo.

— Obrigada! Eu te amo.

— Também te amo, Ceci. Escolhe o filme e faz a pipoca, enquanto eu tomo um banho.

— Tá! — Dei um beijo nela e corri para a cozinha.

Enquanto mamãe tomava seu banho, eu fiquei escorada na bancada de granito da nossa cozinha, esperando a pipoca de micro-ondas ficar pronta. Minha mãe não ficava muito tempo em casa, mas me deixava feliz saber que ela aproveitava cada minuto que podia do meu lado.

— E aí, vamos lá? — Apareceu de camisola na porta da cozinha. Seus cabelos loiros emolduravam o seu rosto de boneca e destacavam ainda mais os olhos castanhos.

— Vamos! — Peguei a pipoca e o refrigerante e passei por ela.

Ao chegarmos na sala, coloquei as coisas sobre a mesa de centro e fui colocar o DVD já arranhado com uma maratona de filmes românticos água-com-açúcar que sempre víamos juntas.

Ela bateu no sofá ao seu lado e me aconcheguei ali como se fosse um pintinho. Nós duas começamos a ver o filme e a comer pipoca.

— Mãe? — Olhei para ela em meio a uma cena sem importância.

— O que foi?

— Você é tão bonita. Por que depois que eu nasci nunca mais teve um namorado?

— Preciso cuidar da minha menininha. — Ela esfregou seu nariz no meu, do mesmo jeito que me fazia rir quando eu era um bebê.

— Já vou fazer quinze anos. Isso não é mais desculpa. — Dei de ombros.

— Achei que ainda colasse. — Ela riu sem graça.

— Não mesmo! — Fiz uma careta. — Ainda sente falta do meu pai.

— Isso não faz diferença.

— Ah, faz sim. Se não fizesse, você teria seguido em frete.

— Isso não é assunto de criança, mocinha.

— Não aja como se eu não entendesse, mamãe! — Cruzei os braços e fechei a cara.

— Não é isso, Ceci... — Ela abaixou o rosto e desviou o olhar. — É difícil de explicar.

— Para mim parece bem simples: você nunca esqueceu ele.

— Cecília... — Ela respirou fundo. — Não esqueci, claro que não! Ele me deu você.

Não era bem a resposta que eu esperava, mas percebi que minha mãe não diria mais nada. Então, não insisti. Bom... Não nisso.

— Qual era o nome dele, mamãe?

— Por que quer saber disso agora, Cecília?

— Porque nunca me contou.

— Mas não faz diferença saber ou não. Não precisa sofrer com isso.

— Ele é meu pai, afinal. Tendo me abandonado ou não, continua sendo meu pai. Acho que mereço saber.

— Vitor. — Ela disse em meio a um longo suspiro. — O nome do seu pai é Vitor. Mas não quero saber da senhorita atrás dele, entendeu? Não quero que se machuque.

— E o sobrenome?

— Cecília! — Ela rosnou quase como uma urso brava e me joguei nos braços dela, apertando forte.

— Te amo, mamãe.

— Também te amo, minha macaquinha.

Viramos para a televisão e eu voltei a prestar atenção no filme. Minha curiosidade estava saciada, por ora. Sabia o nome do meu pai: *Vitor...*



Charlotte

Capítulo

Trze

Quando cheguei, Caio, Katarina e o restante do grupo estavam reunidos em frente ao novo shopping da cidade. Pareciam inquietos, talvez à minha espera. Olhei para o relógio em meu celular e nem estava tão atrasada assim.

— Sério, todas as vezes parece que você vai casar. — Caio batia o pé no chão impaciente.

— Ei! Já cheguei, seu dramático.

Todos respiraram aliviados quando me viram descer do carro seguida pelo guarda-costas que eu achava completamente desnecessário. Não era mais uma criança que precisava de cuidados. Meu pai tem dinheiro, e daí? Os pais do Caio são famosos e ele respira às vezes. Infelizmente, é uma proteção que papai não dispensa.

— Achei que você não viria. — Katarina fechou a cara, fazendo bico. Como sempre, muito dramática. A garota usava uma saia preta e uma blusa larga do *Guns N' Roses*. Seus cabelos escorriam pelos ombros com leves cachos nas pontas. A maquiagem, como sempre, era pesada e escura.

— Mas é claro que eu viria. — Balancei a cabeça em negativa. Até parece que eu dei bolo neles alguma vez. — Só me atrasei um pouquinho, porque estava me arrumando.

— Isso sempre acontece. — Caio revirou os olhos.

— Como se você também não demorasse igual a uma garotinha para se arrumar. — Artur deu um cutucão no amigo.

— Nem é para tanto.

— Imagina. — Ri dele.

— Vamos logo — chamou Katarina, pondo fim ao impasse —, ou vamos acabar perdendo a sessão do cinema.

Nós caminhamos na direção do shopping e meu guarda-costas nos seguiu. Olhei para trás e, numa distância segura de nós, estava outro cara vestido de preto. É, o Caio não estava tão sozinho assim.

— Esse cara vai continuar agindo como se fosse um rabo nosso? — Caio encarou o meu guarda-costas. — Pelo menos ele poderia dar uma distância para respirarmos.

— Meu pai acha que não consigo me defender sozinha. Age como se eu ainda fosse uma criancinha.

Todos riram.

— Tomara que ele, pelo menos, nos proteja dos *paparazzi*. — Caio apontou para um homem que estava escondido atrás de um dos arranjos ornamentais e tentava tirar fotos nossas.

Fotógrafos das mais diversas revistas viviam atrás do garoto. A fama dos pais de Caio fez com que já nascesse sob os holofotes. Ele é um dos meninos mais cobiçados e o seu rosto está pregado na parede de muitas garotas. Além disso, ele é muito bonito. Claro que eu não jamais posso dizer isso para ele, porque já é muito convencido sem a minha ajuda.

— Deixa esse cara para lá. — Katarina puxou Caio pelo braço. — Ou vamos acabar perdendo o filme.

Todas as pessoas voltaram a atenção para nós com um curiosidade. Todo mundo conhecia o Caio. Apesar da *superproteção* do meu pai, alguns sabiam quem eu era e me olhavam com curiosidade.

Compramos os ingressos enquanto Caio posava para fotos com algumas fãs histéricas que estavam na fila. Depois do filme, Caio seguiu reclamando do meu guarda-costas.

— Está bem. Vamos comer, oh galã Castelle. — Katarina puxou-o pelo braço.

— Mas... — Caio resmungou enquanto era arrastado rumo ao um restaurante de comida japonesa.

Nós sentamos em uma mesa e a garçonete se aproximou, entregando um cardápio para cada um de nós, caneta e bloco de papel para Caio.

— Você poderia me dar um autógrafo? — Apontou para as outras garotas que sorriam e

acenavam para ele.

— Claro. — Caio sorriu para ela, todo convencido como o idiota que é.

A garçonete teve que se segurar para não derreter. *Tá*, ele é lindo, e daí? Outras pessoas também são. A garota que conseguir fisgar o coração dele será a mais sortuda do mundo — ou a mais louca.

— Obrigada. — A garçonete guardou com carinho o pedaço de papel.

Fiz meu pedido para tirar ela logo de cima de nós. De cima do Caio, principalmente, ou teria que limpar ele de tanta baba.

— Ninguém merece isso. — Apoiei as mãos sobre a mesa ao bufar.

— Eu mereço.

— Cala a boca ou jogo molho *shoyu* em você! — Katarina ergueu o vidro e ameaçou jogar nele.

— Aí! — Caio se encolheu em sua cadeira. — Ficou louca, Kat?

— Ah, coitadinho dele. Deixa de ser metido, garoto! — Ela devolveu o molho ao seu lugar e Caio respirou aliviado.

— Hoje, a noite vai bombar — disse Melinda mudando de assunto.

— Mal posso esperar para chegar à boate. Não fico com ninguém há quase duas semanas.

— Cala a boca, Caio! Ou quem vai jogar o vidro em você serei eu.

— Ei, Char, calma! Talvez você precise arrumar um namorado.

— Só tenho quatorze anos. — Revirei os olhos.

— Quase quinze.

— Caio, fica na sua para não piorar as coisas. — Melinda passou as mãos pelos cabelos cacheados e volumosos que contornavam seu rosto.

— Estou louco para ver as gatinhas. — Artur entrou na onda do amigo.

— Ninguém merece. — Apoiei a testa na mesa, certa de que seria difícil passar o resto da noite com aqueles dois.

Caio segurou meu queixo.

— Fica calminha, *tá*, princesa. Está para nascer garota mais gata do que você. — Ele me encarou profundamente fazendo minha bochechas arderem um pouco.

— Mas já igual a ela... — Melinda abriu um sorrisinho e me segurei para não fazer dela o meu saco de areia.

— Muito amiga você. — A fitei com canto de olho.

— Tinha que começar a falar na CDF — bufou Katarina, enquanto mergulhava o salmão cru no molho *shoyo*. Ela parecia ser capaz de empalar qualquer um com aqueles palitos só por cometer o crime de tocar naquele assunto.

— Aquela garota me tira do sério. — Caio bateu com o copo de refrigerante sobre mesa, fazendo com que o líquido escuro quase derramasse. — Metida. Se acha só porque é inteligente. Simplesmente detesto ela.

— Sei... — Melinda abriu um sorriso de meia boca, duvidosa. — Não foi o que pareceu hoje durante a aula de Educação Física.

— Detesto — Caio insistiu, não dando margens para que a amiga prosseguisse com aquele assunto insano.

— Mas ela é igual a Charlotte — insistiu Melinda.

— Ela não é igual a mim! — Levantei batendo as duas mãos na mesa. Porém, logo sentei outra vez ao me dar conta de que todos no restaurante se viraram para olhar. Não queria parecer uma patricinha maluca, então me escolhi na cadeira.

— Aquela garota não tem nada a ver comigo — murmurei vários tons mais baixo.

— Char, admite: por fora vocês duas são iguais.

Olhei raivosa para a minha melhor amiga. Katarina não estava me ajudando nem um pouco. Já não bastava todo mundo dizendo aquilo.

— Não, isso não pode ser possível! Não pode ser possível, pode? — Olhei para cada um deles, tentando conter o choro de raiva.

— Acho que com um pouco de má sorte. — Katarina cruzou os braços. — Talvez muita má sorte.

Fiquei pensando naquilo por longos minutos. Não havia lógica. As pessoas eram diferentes e as coisas sempre foram assim. Nunca mudavam, nunca.

— Ela é inteligente — observou Artur.

— Você está me chamando de burra?! — Encarei Artur com um olhar mortal.

— Não, é claro que não! — Ele balançou as mãos tentando consertar a idiotice que havia acabado de dizer. — Mas aquela garota é a nova promessa da ciência moderna.

— *Nerd*. — Caio fez bico.

— Galera! — chamou Katarina tentando atrair a atenção de todos. — Dá para deixamos essa garota de lado ou querem acabar com o nosso passeio de uma vez? Afinal, não teremos que aturar ela por muito mais tempo.

— Ela não parecia disposta a sair da Estive tão cedo.

— Ela não tem ideia do que sou capaz, Melinda. A *nerd* não vai saber nem o que a atingiu. — Katarina tinha um olhar sombrio que assustou até a mim.

— Que bom que sou sua amiga, Kat — resmungou Letícia, tentando fazer uma brincadeira.

— Essa garota vai se arrepender de ter cruzado o meu caminho. — Cerrei os dentes.

Nem morta admitiria, mas o que mais me irritava era a amizade da minha cópia com o Henry. Tinha um zilhão de caras na escola, por que ela tinha que ficar amiguinha logo dele? Talvez sentisse um pouco de ciúmes... Henry era meu! Bom, meu *amigo*. Tínhamos uma história antes de Caio e Katarina entrarem na escola, mas acabamos nos distanciando. Ele ainda mora no mesmo condomínio que eu, algumas quadras abaixo. Quando éramos crianças, ia muito até a casa dele ver animes e brincar com os bonecos que o pai dele trazia do Japão. Eu sentia muita raiva ao pensar que Cecília estava provavelmente fazendo isso no meu lugar.

— Charlotte? — Katarina acenou a mão na minha frente tentando me trazer de volta dos meus pensamentos.

— Vamos. A boate nos aguarda. — Caio se levantou todo empolgado. — Esse assunto já deu para mim.

— Vamos. — Passei as mãos pelos meus cabelos escuros ao seguir meus amigos para fora do restaurante.

— Vamos nessa! — Artur quase saltitava de tão animado, andando na direção da saída do restaurante.

Não demoramos muito para chegar diante da mais bem frequentada boate da cidade. Era dia de matinê, o único em que menores de idade podiam entrar sem algum suborno ou identidades falsas.

— Sinto muito, senhor, mas você não pode entrar. — O segurança da boate parou o meu guarda-costas, assim que eu passei pela porta.

— Mas eu estou acompanhando a senhorita Charlotte.

— Desculpe-me, mas terá que esperar aqui fora. Não posso fazer nada quanto a isso, regras são regras. Hoje, até às dez, é fechada apenas para adolescente entre treze e dezessete anos. — O segurança riu. — A menos que o senhor tenha essa idade, o que eu não acredito...

— Meu patrão...

— Relaxa, Charles. Vou ficar bem. — Dei *tchauzinho* para ele e entrei.

Enquanto caminhávamos boate adentro, as luzes coloridas bailavam sobre a gente. Todas as pessoas que se mexiam na pista de dança se voltaram para nos olhar dos pés à cabeça.

Algumas meninas sentadas próximo ao bar trocaram sorrisos. Caio se escorou no balcão ao lado delas e uma colocou o fio solto do seu cabelo atrás da orelha, piscando os olhos castanhos que brilhavam ao encará-lo. Bufei baixinho.

— Olá, gatinhas! — Artur se escorou ao lado de Caio.

— Oi — responderam em coro.

— Meu nome é Caio e esse é o meu amigo Artur.

— Sabemos o seu nome. — Sorriu a garota de cabelos negros. — O meu é Patrícia e essa é a minha amiga, Sara. — Apontou para a outra garota. — É um prazer conhecê-lo, Caio Castelle.

Caio sorriu e a música começou a tocar mais alta. Ele se aproximou mais e sussurrou algo em seu ouvido.

— Isso é um tédio. — Katarina passou seu braço no meu e me puxou para longe. — Deixa o metido Castelli e as *casteletes* para lá.

Demorou muito pouco para que eu olhasse para Caio de novo e ele estivesse com a língua dentro da garganta da menina. Não sei como ele conseguia ter tanta cara de pau.

— Acho que vão sufocar até a morte. — Ri e voltei a olhar para Katarina.

— Acho que essas loucas morreriam por ele.

— Loucas mesmo!

Eu e as garotas estávamos paradas do outro lado do salão, cansadas de observar Caio e Artur distribuindo saliva por aí. Caio já estava com a segunda menina em menos de vinte minutos.

— Charlotte Donelli.

Virei a procura da voz que me chamava. Melinda e Letícia suspiraram.

— Peter. — Sorri.

Alto, com olhos azuis e um cabelo preto liso, seus músculos se destacavam de baixo da

camisa preta colada. Filho de um dos sócios do meu pai, eu o conhecia desde que me entendo por gente. Com uns três anos a mais que eu, Peter era muito, muito gato.

— É um prazer vê-la aqui. — Beijou minha mão direita.

— Também fico feliz em ver você.

— Você está ocupada? — Ele apontou para as meninas que estavam comigo.

— Já estamos indo. — Katarina puxou as garotas que estavam admiradas demais para conseguir se mexer e piscou para mim que sorri de volta.

— Será que poderíamos conversar em um lugar mais calmo? Esse barulho alto me incomoda e nem consigo ouvir sua voz.

— Vem comigo. — Segurei-o pela mão e puxei para o segundo andar da boate.

Aquele era um espaço mais reservado, feito para quem queria fugir do barulho. Havia vários casais nas poltronas vermelhas, onde e Peter nos sentamos.

Ele se aproximou para que pudesse ficar bem ao meu lado. Um arrepio varreu meu corpo e tenho certeza que fiquei vermelha.

— E como está sendo o primeiro ano? — Ele curvou o corpo na minha direção, como se quisesse prestar atenção em meus olhos.

— Horrível!

Peter riu.

— Como uma garota linda e popular como você pode estar achando a escola horrível?

— O ensino médio é assustador.

E a nerd mais ainda, pensei. A vida estudantil era simplesmente perfeita até o dia que meu clone totalmente diferente pisou na Academia Estive.

Peter sorriu ainda mais. O sorriso daquele garoto era maravilhoso e não havia garota que conseguisse resistir a tal beleza.

Ele apoiou uma de suas mãos sobre minha coxa, o que me assustou. Tentei não demonstrar. Não queria parecer uma criança, mas logo me perdi no carinho.

— Você é linda, Char, linda — sussurrou baixinho, enquanto seu rosto se aproximava cada mais do meu.

Achava o Peter lindo, *sexy* e tudo mais. Um zilhão de garotas no mundo queriam estar ali no meu lugar, prestes a ser beijada por ele. Eu cerrei os punhos e tremi na base, talvez porque nunca

tivesse beijado ninguém e esse segredo nem Katarina sabia — porque eu tinha vergonha de contar —, nem o Caio —, porque ele seria babaca o suficiente para tirar sarro disso.

Por mais que Peter fosse tudo de bom, eu senti que não queria que fosse assim nem que fosse com ele. Quem sabe eu fosse uma bobona romântica, mas a pessoa de quem eu sempre gostei tem olhos puxados e me faz sorrir...

— Adoro essa música! — Pulei da poltrona, assustando-o.

Segurei a mão de Peter e o puxei de volta para o andar de baixo da boate.

— O que foi, Charlotte?

— Vamos dançar! — Disse no seu ouvido, enquanto me mexia de acordo com a música.

Peter rosnou baixinho e certamente não gostou daquela música, que atrapalhou completamente o clima comigo. Ele colocou as mãos na minha cintura, mas segui mexendo tanto que não consegui me beijar.

Depois de uma música ou duas, Peter se afastou e me puxou com ele até o bar.

— Está tudo bem, Char?

— Bem? — Arregalei os olhos. — Claro que está bem. Por que não estaria?

— Sei lá. — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha em uma desculpa para continuar acariciando o meu rosto. — Parece que está se esquivando de mim. Tem alguma coisa errada?

— Não, não tem! — respondi rápido demais e desviei o olhar. Acho que isso me entregou.

— Não é o que parece. — Ele ergueu meu queixo com a ponta dos dedos, fazendo-me encará-lo. — Olha, se não quiser ficar comigo é só falar. Sempre achei que rolasse um clima entre nós. Desde que fui para Londres, sempre penso em você.

— Não é bem isso...

— Então o que é? Está namorando aquele seu amigo? O japa?

— Não, não tô. — Comecei a tremer e ficar muito vermelha. Eu odiava ser encurralada.

— Ei, se acalma. — Peter percebeu meu desespero e me abraçou. — Não vou mais forçar a barra, tá? Você me desculpa?

— Claro, Peter! Obrigada.

— Duas limonadas, por favor. — Ele se debruçou sobre o balcão e chamou o *barman* antes de olhar para mim outra vez.

Por alguns instantes respirei aliviada, achando que o assunto tinha morrido.

— E aí, vai me dizer quem é o cara?

— Peter! — Cruzei os braços e fechei a cara. — Não tem ninguém.

— Ah, qual é, Char?! Sem querer me gabar nem nada, mas se não tivesse outro cara na jogada, duvido que recusaria um beijo meu.

— Convencido. — Rindo, dei um tapa no peito dele.

Ele segurou a minha mão e me puxou para mais perto.

— Me acha mesmo um convencido?

Estremeci com o calor do corpo dele.

— Apelar não vale.

— Tudo bem. — Ele gargalhou. — Não vai me contar quem é o cara?

Fiz que não.

— Sacanagem. — Ele torceu os lábios em uma cara de cachorro sem dono.

— Você não costumava ser tão dramático. Aprendeu isso com os ingleses?

— Não. — Ele riu. — Só achei que fôssemos amigos.

— Peter, não começa!

Ele riu ainda mais.

— Tá bom, gatinha. Se não quer me beijar, vamos ao menos dançar o resto da noite. — Ele me arrastou para a pista de dança.

Foi uma noite bem divertida. Apesar de não ter rolado nada entre mim e Peter, não comentei isso com as meninas que não paravam de babar por ele. Para elas, talvez já estivéssemos namorando.



Cecília

Capítulo

Quatorze

Acordei com meu celular tremendo feito um louco sobre a mesa de cabeceira.

— Alô! — Ainda tinha uma terrível voz de sono.

— Cecília!

— Oi, Henry!

— Sabe o trabalho? Podemos fazer outro dia? Talvez possamos ficar até mais tarde um dia na escola. Hoje eu não tô legal.

— Tá, podemos sim. Vou falar com a minha mãe. Mas o que foi?

— Nada. Está tudo bem com você?

Franzi o cenho estranhando a pergunta dele.

— Estou sim, mas ligou essa hora da manhã só para saber se estou bem e desmarcar o trabalho?

— Não, bom...

— Henry, fala logo! O que foi? Não parece ser o tipo de cara que desmarca coisas importantes.

— Só queria conversar com alguém sabe. Eu...

— Parece que você não está nada bem. — Levantei coçando os olhos. — O que aconteceu? Gripe? Dor de cabeça?

— Não, nada disso — respondeu rápido demais e sua voz carregada de soluços o entregou.

— Se não está gripado, você estava chorando?

— Eu? Não! Claro que não! Homens não choram.

— Não vem com essa palhaçada. Vai me dizer o que aconteceu ou eu vou precisar desligar o telefone.

— Não, por favor, não desliga.

— Então começa a falar. — Cruzei os braços e fechei a cara como se ele pudesse me ver.

A chamada ficou muda por alguns minutos e observei os raios de sol que entravam pela minha janela.

— Não é nada demais. Fiquei meio chateado por bobagem. Deixa para lá. Tenha um bom dia.

— Você não me acordou cedo numa manhã de sábado por nada, né?

— Não quero mais falar disso.

— Pelo amor de Einstein, se continuar nesse rodeio juro que descubro onde é sua casa e vou aí fazer você falar.

Ele gargalhou do outro lado da linha.

— Está muito valentona para uma garota.

— Não faz ideia da fera em que me transformo todo sábado de manhã quando me acordam sem motivos.

— Tudo bem. — Ele respirou fundo, porém sua voz soava mais descontraída. — Depois, não brigue comigo por ser uma grande bobagem.

— Vai falar ou quer sentir a ira da Bela Adormecida?

Ele riu.

— É que abri um site bestas desses pela manhã. Sabe, no e-mail onde fica aparecendo notícias de celebridades... Bom, apareceu uma foto da Charlotte e eu cliquei. Ela estava dançando com um cara, Peter Antonelli. Ele voltou de Londres esses dias e está no terceiro da Estive.

— O que tinha nessa página de fofoca, Henry?

— Disseram que eles foram flagrados ontem numa boate aos beijos e que provavelmente estão namorando.

— Sabe como esse povo de revista de fofoca é. Vivem inventando coisas para dar Ibope.

— Tem razão... — Eu o ouvi engolir o choro.

— Você ficou chateado com isso, não é?

— Talvez.

— Por que não admite logo que gosta dela?

— Qual diferença faz, Cecília? Não sou como o Caio ou esse outro cara.

— E daí? Já pensou que, para ela, esse Caio nem é tão interessante porque, pelo que vi, eles são só amigos.

— Mas e o Peter? Ele é mais velho. Garotas adoram caras mais velhos. Ele vai fazer dezoito anos e mal completei quinze.

— Por que, ao invés de ficar aí se martirizando, não pergunta para ela a verdade? Melhor do que ligar para mim é ir lá falar com ela.

— Não tenho coragem...

— Ah, Henry, você consegue.

— E se eu for lá e ela disser que está namorando ele, com que cara eu fico?

— Com essa mesma, oras! Até onde sei você só tem essa.

— Cecília, estou falando sério aqui. Achei que fosse minha amiga.

— Ué, e sou. Quer que eu te aconselhe a quê? Acreditar em um site idiota de fofocas? Se quer saber a verdade, a única pessoa que pode dizer isso é a Charlotte.

— Tem razão... — Ele respirou fundo e a linha ficou muda por longos minutos. — Mas e se ela me enxotar da casa dela?

— Ah, Henry, tenha dó! Se fizer isso, não merece que goste dela, né?

— É, você está certa.

— Viu? — Abriu um sorriso.

— Ceci?

— Oi?

— Você já namorou antes? Parece entender tanto...

— Nunca nem beijei um garoto. — Ri sem graça.

— Sério? — Podia jurar que Henry estava de boca aberta.

— *Hello!* Eu sempre fiz mais o tipo *nerd* deslocada. Isso espanta os garotos.

— Não alguém como o Caio. — Henry riu.

— Não quero alguém como o Caio. Ele é insuportável. — Fiz careta para o espelho sobre a escrivaninha e ri.

— Amor e ódio andam muito juntos, Ceci.

— Ah, não vem com essa! — Franzi o cenho. — Desde quando o assunto deixou de ser sua vida amorosa e passou a ser a minha?

— Eu não tenho coragem para confrontar a Charlotte. Tenho medo de ser verdade.

— Aquele bom e velho ditado: *o não você já tem*. — Ri. — Se for verdade, você confirma a notícia da revista. Se não, você ainda tem uma chance com ela.

— Eu não tenho uma chance com ela.

— Não seja pessimista!

— Cecília, filhinha... — Mamãe bateu na porta. — Vem tomar café da manhã comigo.

— Preciso ir, Henry. Minha mãe *tá* chamando.

— Obrigada por me ouvir.

— Por nada! Não seja um covarde. Vá falar com ela! Hoje!

— Cecília...

Não deixei ele dizer mais nada e desliguei o telefone. Estava na hora de Henry enfrentar seus medos.

Desci da cama ainda de pijama e fui até a porta.

— Bom dia, mãe! — Eu a abracei bem apertado.

— Bom dia, meu amor! Ainda estava dormindo?

— Meu amigo me acordou. — Torci os lábios, fazendo uma careta.

— Amigo? — Ela arqueou as sobrancelhas.

— É, um que fiz na Estive.

— E o que ele queria tão cedo?

— Coragem.

— Como assim? — Ela riu enquanto envolvia meus ombros com seus braços e me guiava até a cozinha.

— Ele gosta de uma menina, mas tem medo de falar isso para ela.

— Vocês ainda são muito novos para pensar nisso. — Ela afagou meus cabelos.

— Mãe!

— Só estou dizendo que não precisam sofrer com isso antes da hora.

— Ah, vamos tomar café da manhã, mãe. — Saí puxando-a pela mão.



Charlotte

Capítulo

Quinze

Rolei na cama ao ouvir meu celular tocar. Puxa! Era sábado de manhã. S-Á-B-A-D-O!!! Será que ninguém poderia ser bondoso o bastante para me deixar dormindo? Eu havia dormido por volta das três da manhã falando no telefone com Katarina, louca para saber o que tinha rolado entre Peter e eu. Foi difícil convencê-la de que tudo o que desejava era uma boa manhã de sonho. Diziam que as crianças e adolescentes cresciam dormindo e ainda tinha muito — muito mesmo — para crescer. Esperava ter altura para ser modelo um dia.

Entretanto, contra toda a minha vontade, meu celular continuou tocando. Só não joguei ele na parede porque meu pai ficaria *mega* bravo comigo por estragar um *iPhone* novinho.

— Alô... — Por fim acabei atendendo, com a maior voz de sono do mundo.

— Charlotte!!!

Precisei afastar o telefone do ouvido para não ficar surda com o grito histérico da minha melhor amiga.

— O que você quer a essa hora da manhã, Kat? — Me espreguicei e sentei na cama. — Já não falou comigo o suficiente?

— Como fico sabendo que a minha melhor amiga está namorando por um site de fofocas?!

— Hein?! — Franzi o cenho. — Melinda está namorando?

— Não se faça de desentendida, Char! Acho que era sua obrigação contar para mim. Você me jurou, ME JUROU que não tinha nadinha com ele. Poxa! E o lance de melhores amigas?

— Kat, tô com sono e não entendi nada do que você disse.

— Estou muito brava porque não contou para mim do seu namoro com o Peter.

— Quê? — Pulei da cama ao tomar um choque elétrico de um milhão de volts pelo susto.

— Vi que estava toda colada nele ontem, imaginei que provavelmente estivessem ficando. Mas perguntei um milhão de vezes e você não disse nada. Então, não achei que fosse assim *mega* sério como os *paparazzis* estão dizendo.

— É porque não é nada sério! O que esses loucos inventaram? Vão tomar outro processo do meu pai. — Passei as mãos pelos meus cabelos escuros e respirei fundo tentando não surtar. Na hora, pensei em Henry. *Será que ele tinha visto aquilo?*

— Nada sério? Tipo, estão só ficando?

— Não, Katarina! Não fiquei com o Peter nem nada, só dancei com ele.

— Nem um beijinho?

— Não!!! Eu já falei! — Fiquei tão brava que quase soquei a cabeceira da cama. — O Peter é só meu amigo. Não tenho nada com ele. Não estamos ficando e sequer nos beijamos.

— Sério?!

— Sim. — Não me delonguei muito. Se falasse demais era capaz de Katarina descobrir que nunca tinha beijado ninguém. Não estava a fim de pagar esse mico. Já tinha quase quinze anos e ela certamente ria de mim. Não era *bv* por falta de oportunidade; só porque não queria.

— Não é o que estão dizendo.

— Percebi... Preciso desmentir isso.

— Por quê? O Peter é um gato! Eu *super* adoraria namorar ele.

— Mas eu não quero!

— Por que não?

— Porque não!

— Tem que ter um motivo.

— Não tem.

— É outro cara! — Posso jurar que ela estava boquiaberta do outro lado da linha.

— Não é nada disso. — Deitei na cama de novo.

— Eu tenho certeza que é. Conheço você, Char. Sempre teve um cara, só não sei por que não me conta.

— Não viaja, *tá?*!

— Achei que fôssemos melhores amigas.

— E somos. Não tem motivos para tanto drama. Vou voltar a dormir, depois me preocupo em consertar essa confusão.

— Charlotte!

— Pode ficar com o Peter para você se quiser.

— *Tá* falando sério?!

— Por que não estaria?

Dei de ombros.

— Por que ele é ultra lindo.

— E daí? Ele é só meu amigo.

— Obrigada, Char! Vou *super* investir nele então.

Caí na risada. Katarina podia ser sombria algumas vezes, mas em outras era só mais uma adolescente histérica.

— Nos falamos depois, Kat.

Bocejei.

— Tenha um bom dia de sono.

Ela riu.

— Até mais.

Desliguei o telefone e o coloquei sob o travesseiro, enfiando meu rosto na superfície macia. Resolveria essa situação depois.

— Charlotte! — Ouvi Dalva abrir a porta e choraminguei. Ia ser um dia difícil.

Eu me enterrei ainda mais na cama e continuei imóvel.

— Charlotte, querida, tem um menino esperando você lá embaixo.

— Fala para o Caio que eu estou dormindo, para ele voltar na semana que vem ou no ano que vem, quando eu acordar. — Puxei o cobertor e tampei meu rosto com ele.

— Não é o Caio, esse eu conheço bem.

— Mas o que o Artur quer comigo a essa hora da manhã?

— Artur? Não, ele me disse que se chama Henry.

Henry? Pulei da cama com o susto e acabei jogando o cobertor em Dalva.

— O Henry mesmo? Cabelos escuros e olhos puxados?

Dalva apenas fez que sim.

— O que ele faz aqui? — Passei as mãos pelos meus cabelos que estavam embaraçados de tanto rolar na cama. Senti minhas pernas tremerem. Ele era a última pessoa no mundo que imaginei que viria até a minha casa. Principalmente depois de termos nos afastado. — Tem certeza que é o Henry?

— Foi o nome que ele me deu, senhorita. Parece com um garotinho que costumava vir aqui quando você era bem pequena. Quer que eu diga a ele que está indisposta?

— Não! Espera! Ele falou o que queria comigo?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Me pareceu preocupado o pobrezinho.

— Com o quê?

— Não leio pensamentos ainda, senhorita.

— Vou falar com ele. — Dei um passo na direção da porta, porém elembrei que estava usando meu pijama roxo e preto com estampas de rock, descalça e tinha meus cabelos todos embolados e embaraçados. — Não posso descer assim... — Dei dois passos para trás e bati na minha cama.

— Acalme-se, senhorita! Você se machucou?

— Não, está tudo bem. — Cerrei os dentes. Era mentira, meus joelhos estavam doendo.

— Quer que eu fale com ele para voltar depois?

— Não! Vou lá. — Eu ponderava o que era melhor: mandá-lo embora ou espantá-lo com meu estado matutino, mas descobrir o que ele viera fazer ali. Por fim, minha curiosidade venceu a queda de braço. — Vou vê-lo. — Saí do quarto antes de mudar de ideia.

Quando desci as escadas que levavam o corredor à sala principal da mansão, o vi sentado no sofá. Senti meu estômago revirar e me apoiei na parede. Costumava ser uma garota durona, juro que sim, porém diante do Henry minhas pernas ficavam estranhamente bambas. Talvez por isso eu tivesse me afastado dele.

— Oi, Charlotte! — Ele se levantou e olhou para mim. Um meio sorriso apareceu em seus lábios finos, mas logo desapareceu e ele me encarou com um olhar triste.

— Desculpa, estava dormindo. Ainda estou de pijama e toda descabelada.

— Você está linda, como sempre.

Sua frase me pegou de surpresa e dei um passo cambaleante para trás. Por pouco não tropecei nos degraus da escada. Não esperava que ele dissesse aquilo. Na verdade, não esperava nenhuma frase carinhosa vindo daquele olhar tão triste.

— O que aconteceu, Henry? — Cruzei os braços e fiz o que pude para manter a pose dura.
— O que faz aqui?

Ele ficou em silêncio, apenas me encarando como se procurasse algo em mim, algo que não estava encontrando, e isso parecia trazer ainda mais tristeza ao seu olhar.

— O que foi? — Insisti, aflita por uma resposta. Henry não era de vir à minha casa e muito menos de ficar me encarando.

— Não é nada. — Ele se virou para a porta e jurei ter ouvido um soluço. *Ele estava chorando?*

Tal pensamento partiu meu coração de uma forma inimaginável. Não sabia explicar, mas vê-lo triste me doía. Atravessei a distância entre nós e parei atrás dele, observando os relevos da grande porta dupla de madeira, após o corredor do hall.

— Henry? — Coloquei a mão em seu ombro. — O que aconteceu?

Senti um calafrio ao tocá-lo. Não costumava chegar tão perto de um garoto e, mesmo quando chegava, não sentia o choque elétrico que senti naquele momento, tampouco ouvia meu coração palpitar tão claramente em meu peito.

— Não deveria ter vindo aqui... — Ele continuou não olhando para mim. — Vou embora, me desculpa.

— Não! — Apertei minhas unhas no ombro dele. — Tem alguma razão para ter vindo aqui.

Uma parte enorme de mim não queria que ele fosse embora; havia muito tempo desde que eu tivera sua companhia. Além disso, pensar que ele passava a maior parte do tempo com a minha cópia barata me deixava com muita raiva, tanta que mal conseguia me controlar. *Ciúmes...* Me assustei com a verdade por trás daquela palavra. Era essa a verdade que mais me irritava em Cecília, porque parecia que ela estava roubando o Henry de mim.

— Estou aqui porque ouvi um conselho idiota. Mas não deveria ter vindo. Já vou embora.

Desculpa ter acordado você.

— Não vai! — Segurei ele pelo pulso. — Gosto quando está perto de mim.

— Já não precisa mais da minha companhia desde que Caio e Katarina entraram na escola. E agora que tem um namorado, não precisa mesmo.

Ele me olhou por uma fração de segundo e vi uma lágrima, o que partiu o meu coração e me fez chorar também. Malditos *paparazzis* que adoravam inventar coisas! Jurei que ia matar todos eles.

— Você viu a matéria também? — Não me lembro quando foi a última vez que chorei, mas sequer me importei ou tive vergonha.

— Nessa altura, eu e todo mundo.

Ele nunca havia me tratado com tanto desprezo e isso me fez chorar mais ainda. Eu o abracei por trás, apertando meus braços finos contra o seu peito, disposta a fazer a força que fosse possível para que ele ficasse perto de mim.

— É mentira! Não tenho nada com o Peter, nada. Eu juro! Foi só uma mentira que inventaram. Só dancei com ele. Ele quis me beijar, mas não deixei... Eu não deixei! — Soluçava entre lágrimas.

— Por que não?

A pergunta dele me fez estremecer e engoli em seco.

— Porque... — Comecei a tremer e acabei o soltando.

Henry se virou para mim e vi seus olhos vermelhos de choro.

— Por que não? — Ele insistiu, tentando arrancar de mim a resposta que estava entalada talvez há anos.

Quis abrir um buraco no chão para me esconder e não ser obrigada a admitir. Todos os meus ossos estavam tremendo e vi a grande sala ao meu redor girar.

— Por que não, Char?

— Porque... — Engoli em seco. — Ainda não me disse por que veio aqui?

Ele respirou fundo.

— Só queria saber se estava namorando aquele cara. Fico feliz em saber que não.

— Por que se importa em saber com quem namoro ou não?

— Não importa...

— Importa sim!

— Não vai fazer nenhuma diferença para você. — Ele desviou o olhar de mim outra vez.

— Talvez faça.

Achava que não conseguiria respirar com tanta angústia que consumia o meu peito.

— Sou só o *nerd*... — Ele enfiou a mão no bolso e tirou um papel amassado. — Lembra disso?

Meu coração disparou. *Sim, eu lembrava...*

Corri até o meu quarto e peguei, embaixo do colchão, um papel rasgado dentro de uma caixa. Voltei para sala na mesma velocidade e ofegante, coloquei minha metade do papel ao lado da dele.

Era um desenho simples, com garranchos de criança, feito quando deveríamos ter uns oito anos. Em bonecos de palitinhos eu e ele estávamos de mãos dadas e embaixo estava escrito: *Juntos para sempre...*

— Achei que tivesse jogado fora. — Ele estava boquiaberto.

— Jamais faria isso.

— Por quê?

— Porque eu gosto de você, Henry... — Achei que o chão fosse abrir embaixo dos meus pés ao admitir aquela verdade.

— Eu também, Char...

Ergui a cabeça, procurando os olhos dele, que não estavam mais lacrimejando; apenas me encaravam. Eu o abracei, a princípio por puro impulso, mas ao sentir o calor do corpo de Henry a angústia foi se dissipando. Ficamos abraçados, até que ele se afastou um pouco e me encarou. Em seus olhos puxados eu percebi o alívio por saber que eu não estava com o Peter.

Henry era alguns bons centímetros mais alto do que eu e, por instinto, fiquei na ponta dos pés aproximando meu rosto do dele. Então, ele me beijou e me deixei levar pelo momento mais incrível da minha vida. Como descrever o indescritível? Sempre sonhei com isso, mas nunca tive coragem de admitir. Era com Henry que eu queria meu primeiro beijo e talvez todos os outros depois desse.

Nos afastamos apenas quando não conseguíamos mais respirar. Eu fiquei olhando para ele e Henry para mim por minutos que pareceram um século.

— Charlotte...

— Me beija de novo. — Não deixei que ele continuasse e me atirei em seus braços.

Mesmo surpreso, não me afastou. Eu queria ficar daquele jeito com ele para sempre.

— Charlotte? — Ouvi voz do meu pai e me afastei do Henry como se tivesse tomado um choque que me arremessou para o outro lado da sala.

— Papai? — Olhei para o chão, muito envergonhada. A última pessoa que eu desejava que me visse beijando um garoto era papai.

Engoli em seco, tentando não recuar com o olhar desafiador do meu pai e voltei para perto do Henry caso tivesse que protegê-lo de qualquer fúria.

— O namorado não era outro?

— Felizmente, não. — Segurei a mão do Henry o mais confiante que pude. Quis parecer durona, mas tinha um nó na barriga.

— Charlotte?

Ergui a cabeça e encarei meu pai. Ele não estava bravo, mas tinha uma expressão de confusão no olhar, que me fez respirar aliviada.

— O que estão falando de mim e Peter foi um mal-entendido. Estávamos dançando juntos ontem e deduziram coisas. Não tenho nada com ele.

— Pelo que acabei de ver, espero que sim. Não quero nenhum conflito com o pai dele.

— Não tenho nada com o Peter, papai. Isso eu juro.

— E com ele? — Meu pai apontou para o Henry que se escolheu.

— Bem... — Engoli em seco sem saber o que dizer. Também não tinha nada com o Henry até alguns segundos antes de nos beijarmos e não sabia o que responder.

Meu pai começou a rir e fez com que eu e Henry déssemos um passo para trás, confusos.

— Cuidado com a minha moça, rapazinho. — Apontou para o Henry voltando a expressão séria.

— Nós conversamos depois, filha. — Passou por nós e foi para o seu escritório.

Sentei no sofá e puxei Henry comigo.

— Acha que seu pai vai ficar bravo?

— Não sei. — Dei de ombros, fingindo que não me importava, mas tremendo por dentro.

— Me desculpe, Char, não deveria...

— Não fala besteira! — Cerrei os dentes. — Deveria ter feito isso, sim. — Sorri.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e me deu um selinho.

— Gostei muito disso.

— Eu também. — Ri.

— Acho melhor eu ir. — Ele segurou minhas mãos.

— Mas já? — Curvei meus olhos para baixo sem esconder a leve tristeza.

— Acho melhor não testaremos seu pai.

— E nós? Como vamos ficar?

— Nós? — Ele abriu um largo sorriso.

— Sim, nós...

— Quer ser minha namorada, Charlotte?

— Mas e a Cecília?

— Ela é só minha amiga. Sempre gostei mesmo foi de você. Foi a Cecília que me aconselhou a vir aqui perguntar se você estava mesmo namorando aquele cara.

— Sério?

Ele fez que sim e respirei aliviada. Não imaginava que minha cópia fosse acabar nos ajudando.

— Você não me respondeu.

— O quê?

— Quer namorar comigo? — Ele desviou o olhar.

Puxei o rosto dele para mim e o encarei.

— Quero, sim!

Ele abriu um largo sorriso e me beijou de novo. Aquilo era melhor do que eu imaginava! Eu podia ficar beijando-o para sempre.

— Eu preciso ir, Char. — Henry se afastou.

— Não...

— Você pode sair comigo amanhã?

— Eu vou adorar.

— Então, até depois.

Ele soltou minha mão e caminhou até a porta, enquanto eu o observava ainda abobada.

Finalmente estava namorando o Henry!

— Charlotte! — Meu pai chamou do escritório.

Engoli em seco.

— Oi?

— Vem aqui, filha.

Levantei e sequei as mãos frias no pijama. Meu pai não era do tipo homem bravo, ao menos não comigo. Entretanto, nunca havia me visto beijando um cara, muito menos na sala.

— Charlotte?

— Estou indo, papai...

Levei uma eternidade para cruzar a pequena distância entre a sala e o escritório do meu pai. Não deveria ter medo dele, que nunca me deu motivos para isso, porém, ainda assim, eu estava.

Apoiei no batente da porta, cruzei os braços e olhei para o chão. Ele, que estava sentado atrás da mesa comprida de madeira escura e repleta de papéis, se levantou e veio até mim.

— Então, não está namorando o filho do Philip como estão dizendo por aí?

Fiz que não.

— Ao invés disso, é com o garoto filho do Hiroshi Kojima?

— É... — Eu me encolhi, abraçando a mim mesma por impulso.

— Bom, os dois garotos parecem merecer você. A escolha é sua.

— Ah, obrigada, pai! — Abri um meio sorriso. De tudo que passou pela minha cabeça, nada sequer se aproximava do que ele disse. Mesmo que não fosse o perfil do meu pai, esperei gritos e drama, já que seria sempre a sua menininha.

— Tenha cuidado e vá com calma. Você só tem quatorze anos.

Estava demorando.

— Eu vou fazer quinze logo.

— Mas ainda não fez. Já tive a sua idade, com toda a curiosidade e hormônios.

— Pai...

— Char, não falo por mal. Lamento sua mãe não estar aqui. Mas pode e deve contar comigo. Quando você nasceu eu era um moleque e não foi fácil, mesmo com todo o dinheiro do meu pai.

— Pai, só estava beijando o Henry. Não exagera! E, quando nasci, você já tinha vinte anos.

— Só quero dizer para conversar comigo se precisar.

— Tudo bem.

— Sei o quanto uma mãe faz falta. Lamento todos os dias por não a ter salvado.

— Papai, se nem os médicos conseguiram, você não tinha nada a fazer.

— Eu sei. — Vi ele respirar fundo para conter uma lágrima.

— Por que não arruma outra esposa? Candidatas nunca faltaram.

— Eu temo que não sejam boas para você.

— Só, isso? — Franzi o cenho, desconfiada. — Já estou grandinha, pai. Acho que posso cuidar de mim mesma.

Ele riu sem graça.

— Além disso, tenho a Dalva. Você precisa mais de uma namorada do que eu de uma mãe.

— Ah, é? — Ele me pegou pela cintura e me balançou no ar, assim como fazia quando eu era um bebê.

— Pai, me põe no chão! — Balancei os braços agoniada e com medo de cair.

— Ah, minha pequena. Para que preciso de uma namorada se já tenho a mulher da minha vida bem aqui?

— Não começa! — Tentei cruzar os braços, mas tive medo de cair. — Sou a sua filha e você precisa de uma namorada.

Ele riu da minha cara e continuou me balançando.

— Sério, pai! Me coloca no chão.

Finalmente, ele me desceu e me apoiei na parede, um tanto tonta.

— Não quero outra pessoa. Sei que é ridículo, mas ainda sinto que sua mãe espera por mim.

— Aí, pai, para com isso! A mamãe está morta.

— Eu sei. — Abriu um sorriso amarelo.

— Ah, papai! — Eu o abracei ao ver a tristeza nos olhos dele. — Não fica assim. Sabe que essa coisa de alma gêmea é bobagem, né? Vai amar outra mulher tanto quanto amava a mamãe.

— Deu meia dúzia de beijos e agora acha que pode me dar conselhos amorosos? — Ele gargalhou.

— Acho que nem chegou a tantos. — Ri também.

— Não se preocupe, filhota. Estou bem enquanto tiver você.

— Vai me ter para sempre. — Eu o abracei de novo. — Eu te amo, papai.

— Eu também te amo, Char. — Ele afagou meu cabelo.

— Vou tomar café da manhã, quer vir comigo?

— Eu adoraria.

— Amanhã vou sair com o Henry, *tá* bom?

Ele fechou a cara, porém logo voltou a sorrir.

— Vamos conversar sobre isso.

— Pai!

— *Tá*, mas nada de voltar tarde ou ir para a casa dele, muito menos dispensar o guarda-costas.

— Sério que ele vai ficar em cima?

— Ou ele vai ou você fica aqui.

— *Tá...* — choraminguei enquanto caminhávamos para a sala de jantar.



Cecília

Capítulo

Dezesseis

Estava sentada diante da minha escrivaninha estudando cinemática, quando meu celular começou a vibrar feito um louco. Me surpreendi ao pegá-lo e ver que não eram mensagens da Roberta.

Henry ??

Cecília, você está aí?

Cecília?

Responde!

Vou ligar para você, posso?

Sei que está ocupada, mas queria conversar.

Cecília?

Ceci*

Oi, Henry! O que foi?

Henry ??

Fui falar com a Charlotte...

Ceci*

E aí? ??

Henry ??

Ela não estava namorando, mas agora está ??

Ceci*

Eu não entendi ??

Henry ??

O lance com o Peter é mentira. Char me disse que só dançou com ele. Os paparazzis que inventaram coisas.

Ceci*

Isso é ótimo ?? ! Viu, estaria sofrendo se não tivesse perguntado.

Henry ??

Foi muito bom ter ido lá.

Ceci*

Tô vendo kkkkk

Henry ??

Ela gosta de mim, Cecília!

Ela sempre gostou ??

Ceci*

????????????

Fico tão feliz, Henry!

Você beijou ela? ?? Sou curiosa mesmo ??

Henry ??

Sim ???? Foi bom ?? . Eu estava com medo kkk Não ria de mim. Mas nunca tinha beijado alguém antes. Achei que ia acabar fazendo alguma besteira. Mas foi fácil como chupar bala. ?? Sabe aquelas coisas que nem sabemos que sabemos fazer.

Ceci*

Confuso, kkk mas acho que entendi.

Henry ??

Pedi a Charlotte para namorar comigo e ela aceitou ??????

Ceci*

Uau! ?? Parabéns! ??????

Henry ??

Nada de Peter u.u! Ela é minha. Obrigado pelo empurrãozinho, Cecília.

Ceci*

Amigos são para essas coisas ????

Henry ??

Amanhã vamos sair juntos. Estou muito ansioso.

Ceci*

Toma um copo de água com açúcar senão você não vai conseguir dormir ????

Henry ??

É, kkkk ??

Bom, vou lá!

Obrigado, Cecília!

Ceci*

Por nada ?? até depois.

Henry ??

Até ??????

Ao colocar o telefone de volta sobre a escrivaninha, abri ainda mais o sorriso. Estava muito contente por Henry e Charlotte se acertarem. Sempre estive na cara dele o quanto era doido por aquela garota e não havia melhor notícia do que saber que eles estavam juntos, mesmo sendo contra aqueles amigos insuportáveis que ela tinha.

Foi impossível não me perguntar se, em algum dia, encontraria alguém para mim. Claro que tinha que pensar mais nos meus estudos e nas oportunidades que teria, mas por alguns minutos quis um namorado.

Deixei de lado os cadernos e as fórmulas de Física e peguei meu diário na segunda gaveta da escrivaninha.

Querido diário,

Sei que ando meio sumida. Faz alguns dias que não pego você para escrever um pouco, mas hoje senti a necessidade. Sei que, se contar isso para a Roberta, ela vai me zoar até a próxima geração ou, pior, me empurrar em cima de um carinha qualquer. Não sei se é bem isso que quero.

Em pouco tempo farei quinze anos e queria um príncipe no meu aniversário. É tolice! Eu sei, mas saber que a Roberta e o Henry encontraram seu par me fez perguntar se não encontraria alguém para mim também.

Será que sou feia? Minha mãe diz que sou a menina mais bonita do mundo, mas ela não vale, né? Os garotos não parecem se atirar aos meus pés como fazem com a Charlotte. Será que são os óculos? Talvez se eu começasse a usar lentes o tempo todo...

Não... É bobagem. Preciso mesmo focar na escola. É isso! Nada de garotos até ter o diploma de Harvard. Bom, tomara que não demore tanto assim ou vou acabar ficando para tia, o que é engraçado, já que sou filha única.

— Cecília, sua mãe deixou um dinheiro para tomarmos um açaí na esquina. Vem! — Joana apareceu na porta com um sorriso gentil.

— Estou indo! Só vou terminar uma coisa aqui.

Já disse o quanto eu amo minha mãe? Eu poderia não ter um garoto de namorado, mas tinha uma mãe para amar muito. Acho que era o suficiente.

Diário vou lá tomar o açaí com a Joana. Outro dia eu conto mais.

Beijos!

Cecília.

Levantei da escrivaninha e corri até Joana que esperava no corredor.

— Eu quero com morango, calda de chocolate e bolinhas de chocolate.

— Pode falar isso para o garçom, formiguinha. — Joana passou o braço ao redor dos meus ombros e saiu me puxando.



Charlotte

Capítulo

Dezessete

Encarei o espelho, dei uma volta e olhei de novo. Será que o vestido estava bonito o suficiente? E o meu cabelo? Olhei o prendedor de laço que segurava uma parte atrás. Estava feia? Cerrei os dentes, angustiada.

— Senhorita? — Dalva bateu na porta. — O menino de ontem está esperando na sala.

Congelei. E se ele não me achasse bonita? Se desistisse de namorar comigo? Quis roer as unhas pintadas de preto.

— Quer que eu peça a ele para esperar?

— Não! Já estou indo. — Subi na sandália de salto alto e saí do quarto.

Henry estava de pé na sala olhando para o sol que entrava por uma das janelas, com as mãos dentro dos bolsos da calça jeans e uma camiseta branca com outra xadrez por cima. Os cabelos lisos e escuros caíam sobre os olhos puxados.

— Oi! — Sorri um tanto envergonhada.

— Charlotte! — Os olhos dele brilharam e ele abriu um largo sorriso. — Você está tão linda.

— Estou?

— Sim. — Ele caminhou na minha direção. — Posso?

Fiz que sim e fiquei na ponta dos pés para que ele me beijasse. Envolvi seu pescoço com os

braços. Se soubesse que beijá-lo seria tão gostoso teria feito isso antes.

Alguém pigarreou e me afastei no susto.

— Pai! — Engoli em seco e abracei a mim mesma.

Meu pai nem me deu atenção, encarando Henry como se fosse um cão feroz.

— Pai, você me deixou sair! — Fiz bico.

— Não falei nada. — Ele deu ombros.

— Cuida da minha menina, garoto.

— Pode deixar, senhor. — Henry tentou sorrir, mas ainda parecia assustado.

— Então, nada de guarda-costas hoje? — Comemorei antes da hora.

— Claro que ele vai! Já está esperando com o Jorge no carro.

— Ah, pai!

— Nada de reclamar, mocinha. Sua segurança em primeiro lugar. Não concorda, Henry?

— Sim, senhor.

Que jogo sujo, pai! Se o Henry discordasse, ia parecer que não se importava comigo.

— Vamos, Henry! — Peguei ele pela mão e saí arrastando.

— Não voltem tarde. Vocês têm aula amanhã cedo.

— *Tá bom, pai!* — Respondi quando já estava lá fora. — Odeio esse guarda-costas.

— Acho que vamos ter que nos acostumar com ele. — Henry colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e me encarou com seus olhos puxados e escuros. *Tinha como ser mais fofo?* Suspirei.

— O que vamos fazer?

— Pensei em irmos ao cinema e depois comer algo. Tem um restaurante legal de comida japonesa no centro.

— Amo comida japonesa!

— Que ótimo! Então vai gostar da minha casa. Meu pai é bem tradicional com a culinária.

— Vai me levar para conhecê-los? — Cruzei os braços atrás do corpo e me escolhi.

— Eles já conhecem você. Crescemos juntos, lembra?

— Mas não como sua namorada.

— Quer ir até lá hoje?

— Hoje? Não! — Estremeci.

— Eles adoram você, Char. Quase tanto quanto eu.

— Pode ser outro dia? Preciso me preparar psicologicamente.

— Tudo bem. — Ele gargalhou. — Outro dia então.

— É, outro dia. — Respirei aliviada ao estender a mão para ele.

O meu guarda-costas abriu a porta e nos sentamos no banco de trás.

— Para onde, senhorita? — Jorge se apoiou no banco para olhar para mim.

— O shopping, por favor.

— Certo. Coloquem o cinto.

Eu e o Henry nos curvamos para o meio do banco ao mesmo tempo e acabamos batendo a cabeça no outro.

— Ai! — Comecei a rir.

— Se machucou? — Ele segurou meu rosto e olhou para mim todo preocupado.

— Não. Você é um fofo, sabia?

— Gosto muito de você, Char. Só fico preocupado.

— Estou bem. — Acariciei o rosto macio dele. Acho que esta era uma das vantagens de ele ser descendente oriental. Sequer me lembrava de ter visto ele com espinhas. Já eu, vivia escondendo as minhas com todo tipo de maquiagem.

Jorge deu partida no carro e fiquei sentada ao lado do Henry com as mãos entrelaçadas às dele e apoiada em seu ombro. A cada momento que passávamos juntos, mais feliz me sentia. Sabia que Katarina e Caio iam encher o saco por estar namorando o *nerd*, mas não estava nem aí para eles. Se eu havia aprendido algo com a morte da minha mãe e o fato do meu pai nunca mais ter arrumado outra namorada era que não podíamos desperdiçar o tempo que tínhamos ao lado das pessoas que amamos. Gostava muito do Henry. Fofo, gentil, cuidadoso e educado, ele era muito diferente do Caio, que às vezes tentava ganhar as discussões no grito. Além disso, o Henry parecia saído de um daqueles animes que assistíamos juntos quando éramos crianças e que voltei a ver com ele. Os cabelos dele eram do tamanho suficiente para ficarem um pouco espetados e caírem aos olhos, além do sorriso perfeito. Me lembrava o Kaname de *Vampire Knight*.

— O que foi? — Henry percebeu que eu o encarava.

— Nada. Só gosto de olhar para você.

Ele sorriu ainda mais. *Ah! Que sorriso lindo.* Foi o primeiro indício de que estava apaixonada.

— Espero que os seus amigos não impliquem com a gente.

— Eu não estou nem aí para eles. — Dei de ombros.

— Sério? — Henry arqueou as sobrancelhas.

— Sim. Caio vive pegando o mundo todo. Não tem direito de falar nada. E a Katarina vai acabar gostando de você.

— Que bom! — Ele entrelaçou ainda mais os dedos aos meus.

— Chegamos! — Jorge estacionou o carro.

Eu e Henry entramos no shopping seguidos da minha sombra de quase dois metros de altura. As pessoas nos olhavam e tive a certeza de que era por causa do guarda-costas, que chamava atenção demais. Meu pai nunca entendeu isso.

Compramos os ingressos para o cinema e a pipoca. Eu já tinha visto o mesmo filme na sexta-feira, mas não falei isso para o Henry.

Assim que nos aproximamos da entrada, encarei o guarda-costas.

— Você pode ficar aqui. — Coloquei a mão no peito dele.

— Mas, senhorita, tenho que ficar com você.

— Ninguém vai me atacar dentro da sala do cinema. Pode nos esperar aqui. Saímos em duas horas.

— Seu pai...

— Meu pai nada! — Não deixei que ele terminasse a frase. — Saímos em duas horas.

— Tudo bem, vou esperar aqui.

— Obrigada!

Dei a mão para Henry de novo e entramos na sala do cinema. Nos sentamos lá em cima e foi a primeira vez que fui ao cinema sem intenção nenhuma de ver o filme. Finalmente havia entendido o motivo de ficar na última fileira: ninguém podia ver a gente.

O filme começou e as luzes se apagaram. Senti um frio na barriga quando Henry escorregou a mãos pelas minhas costas e apertou a minha cintura.

Ficamos nos beijando por duas horas e pensei que meus lábios doeriam. Achei que, por eu nunca ter feito aquilo antes, pudesse ser menos gostoso com o passar do tempo. Eu estava

enganada. Só melhorava! Aos poucos fomos perdendo o medo e entendendo o que, antes, só conhecia em tese.

Certa vez, um tempo antes, quando a curiosidade me consumiu, perguntei ao Caio como era beijar alguém. Foi difícil convencê-lo de que já tinha beijado e era só uma pergunta sem sentido. Por fim, ele disse um monte de coisas que só o enalteciam e em nada me ajudavam.

— Preciso de alguns minutos. — Henry se afastou ofegante.

— Tá. — Sorri enquanto passava os dedos pelos meus lábios inchados. — Estou gostando disso.

— Dos beijos?

— Também, mas principalmente de ser sua namorada.

— Eu também, Char. Pipoca? — Estendeu o balde para mim.

Peguei um pouco e comi tomando refrigerante.

Foi um domingo incrível! Depois que saímos do cinema, fomos ao restaurante novo de comida japonesa, que eu nem sabia ser parte da rede do pai do Henry. Só descobri quando cheguei lá e havia uma mesa discreta nos esperando. Todos os garçons o conheciam pelo nome. Apesar de também ter dinheiro, a família do Henry foi sempre muito mais reservada. Então, não haviam *paparazzis* ou repórteres e ele pôde crescer como um menino normal. As revistas que adoravam eleger meu pai como um dos milionários mais cobiçados não ajudavam em muito a minha vida.

De tarde, ao voltarmos, ficamos sentados no jardim da minha casa, observando o pôr-do-sol de dedos entrelaçados até ele precisar ir embora.

— Nos vemos amanhã, Char.

Não quis soltar a mão dele, mas já estava ficando escuro e Henry precisava ir para casa.

— Tchau! — Fiquei um tempo observando ele se afastar.

Suspirei ao voltar para dentro quando ele desapareceu. Estava ansiosa para que o amanhã chegasse logo.



Cecília

Capítulo Dezoito

Rolei na cama quando o despertador começou a tocar. Estava um tanto nervosa e ansiosa para saber como seria o início da minha segunda semana na Estive. Levantei com um salto e comecei a me vestir enquanto ainda pensava.

Meu melhor e único amigo naquele lugar estava namorando a menina que sempre me olhava como se fosse arrancar minha cabeça. Apesar de ter apoiado e contribuído para que ficassem juntos, senti medo, aquele friozinho na barriga seguido de um aperto no peito que me deixava incomodada. Talvez fosse só um ciúme idiota e medo de perder a amizade do Henry. Talvez, todavia, só não quisesse ficar sozinha.

Terminei de me arrumar, peguei a mochila sobre a minha poltrona e saí do quarto sentindo o cheiro gostoso do café da manhã da Joana.

— Bom dia, pipoquinha! — Ela secou as mãos no pano de prato sobre os ombros e sorriu para mim.

— Acho que já passei da idade de ser chamada de pipoquinha. — Dei uma mordida na torrada que estava servida em um prato.

— Mas ainda anda sempre pulando.

— Está deliciosa a torrada, Joana.

— Obrigada! — Ela ofereceu mais duas. — Ah, Cecília, sua mãe disse que conseguiu uma van escolar para levar você.

— Ah. — Torci os lábios. Sempre preferia quando ela me levava, mas sabia que a graça dos primeiros dias não duraria muito, pois ela não poderia chegar atrasada ao trabalho sempre. — Então, vou me apressar para não perdê-la. — Enfiei a torrada na boca e engoli com uma boa dose de achocolatado.

— Calma, menina, se não vai acabar engasgando.

— Tenha um bom dia, Joana! — Dei um beijo na bochecha dela e saí porta afora.

— Tenha um bom dia, Ceci.

Assim que pisei do lado de fora, a van estacionou. Não estava muito cheia, mas todos olhavam para mim enquanto eu entrava. Talvez fosse o uniforme da Academia Estive que mais ninguém usava. Respondi de volta o *bom dia* do motorista e me ajeitei em um banco da frente.

Quando vi a Academia, senti o aperto no peito outra vez. Eu precisava encontrar o Henry logo e descobrir como as coisas ficaram. Entrei quase correndo no prédio para a aula do primeiro horário, rápido demais para prestar atenção onde pisava ou por onde andava.

Tropecei em alguém que me fez tombar para frente e quase cair de cara no chão. Eu podia ter certeza que aquele filho de uma boa mãe havia colocado o pé.

— Cuidado, *nerd*!

Fitei os olhos do Caio e me segurei para não voar nele.

— Será que você pode, por favor, sair do meu caminho? — Cruzei os braços e o encarei destemida.

— Não! — Ele fez uma careta. — Gosto de ficar aqui...

— Mas seu... — Mordi os lábios ao lembrar que mamãe dizia que era feio falar palavrões. Esse cara estava merecendo bastante.

— Seu o quê? — Ele me segurou pelos cotovelos e fitou profundamente os meus olhos, me desafiando. Não estava disposta a ceder para seja lá qual fosse o jogo dele. — Seu?

— Idiota! — Eu o empurrei e saí andando.

Pisava duro ao ponto de poder ouvir meus passos contra o chão de porcelanato do corredor. *Que cara mais babaca!* Será que ele se divertia em me irritar?

— Por que está bufando como um touro? — Henry riu de mim assim que sentei ao seu lado na sala de aula.

— Por que nem todos os caras são legais igual você? — Revirei os olhos e cruzei os braços assim que soltei a mochila sobre a mesa.

— Encontrou o Caio de novo?

Fiz que sim.

— Ele é um babaca, com letra maiúscula e adjetivos.

Henry caiu na gargalhada.

— Bom, por muito tempo achei que acabaria perdendo a Charlotte para ele.

Fiz careta para não dizer que ela não seria tão boba a esse ponto.

Estava prestes a perguntar ao Henry como estava o namoro quando Charlotte entrou na sala seguida de seu grupinho. Gelei quando começou a caminhar em nossa direção. Ótimo! Ela iria tirar o Henry de mim e eu ficaria sozinha. Ah! Que saudades da Roberta senti naquele momento.

— Oi! — Ela olhou para o Henry, que abriu um sorriso do tamanho do mundo. Ficou estampado o quanto gostava dela.

Charlotte se curvou e o beijou. Senti uma pontinha de inveja, mas logo passou com a expressão impagável que tomou conta do rosto do Caio — que certamente não sabia do novo casal da sala. Acho que o queixo dele foi no chão e voltou umas trinta vezes. Quis dar um troféu para o Henry por deixar o babaca Castelli no chinelo.

— Sabe que não podemos ficar nos beijando na sala, não é? — Henry acariciou o rosto dela.

— Foi rápido e o professor nem chegou ainda. — Ela deu de ombros.

— Assim vai me fazer quebrar as regras de vez em quando também.

Parei de ver a melação deles e fiquei encarando o grupo de Charlotte estarecido, o que deixou claro que não só o Caio, mas o restante da turma dela nem estava sabendo do namoro.

— Cecília?

Balancei a cabeça, surpresa ao vê-la me chamando.

— O que foi?

— Será que podemos conversar um minuto?

— Comigo? — Apontei para mim mesma um tanto incrédula.

— É. Vamos lá no corredor.

Olhei para o Henry e ele parecia bem tranquilo. Bom, certamente ela não me bateria no corredor da escola. Ao menos, torcia para que não. Levantei e a segui para fora da sala deixando o Caio ainda mais perplexo. Podia apostar que aquele estava sendo um dia chocante para ele.

— O que foi, Charlotte? — Olhei para ela de peito estufado, esperando parecer ameaçadora

caso ela quisesse uma briga.

— Obrigada! — Ela me abraçou e olhei para o corredor de boca aberta.

Oi? De todas as coisas que passaram pela minha cabeça a única que não pensaria em cem anos é que ela me agradeceria por algo, muito menos com um abraço.

— O Henry me disse que você quem falou para ele ir lá na minha casa quando saiu aquela notícia sem pé nem cabeça. Obrigada mesmo! Acho que ele sempre gostou de mim, como eu dele. Só precisávamos de um empurrãozinho.

— Ah, fico muito feliz por vocês. — Me afastei do abraço, ainda surpresa.

— Nem sei como agradecer. Sério!

— Só faz ele feliz.

— Pode deixar. — Ela bateu continência.

— Principalmente contra a sua turma que não me pareceu muito satisfeita.

— Eles vão acabar se acostumando. — Charlotte deu de ombros e jogou os cabelos escuros para trás, mas pude ver a raiz começando a aparecer. Ela também era loira, o que tornava a nossa semelhança ainda mais bizarra.

— Meninas, vamos entrar? — O professor passou por nós em direção a sala.

Eu e Charlotte o seguimos. Ela sorriu para mim ao sentar ao lado do Henry. O mundo era uma caixinha de surpresas e, quem diria, poderíamos nos tornar amigas.

Depois da aula, Henry e Charlotte foram para o jardim da escola aproveitar cada segundo que tinham para se beijar. *Será que era tão bom assim?*, eu me perguntei enquanto caminhava para o estacionamento para esperar a van escolar.

Me apoiei em uma mureta de concreto olhando para o céu imaginando se, algum dia, encontraria um cara como o Henry para mim.

Um carro parou bem perto e eu estranhei a aproximação com tantas vagas vazias. Dele desceu um homem de meia idade vestindo terno.

— Senhorita Charlotte, não deveria estar aqui. Esse lugar é perigoso. Ué, voltou com o cabelo para o loiro? Vamos embora?

— Essa não é a Charlotte, Jorge.

Olhei para trás e vi Caio caminhando até nós. Por que ele sempre tinha que surgir do nada? Às

vezes, até parecia que estava me seguindo.

— É a Charlotte, sim. Vi essa menina crescer.

— Essa é a Cecília. Elas só são parecidas. — Caio parou ao meu lado. — E parece que o meu motorista está atrasado. — Cruzou os braços e se apoiou na mesma mureta que eu.

Olhei para ele desconfiada.

— Está esperando o motorista também?

— A van escolar.

— Ah! Entendi. — Ele colocou as mãos nos bolsos.

— Não tenho dinheiro como vocês.

— Meu pai também não nasceu rico. Vive me dizendo sobre como dar valor às coisas.

Olhei para ele de novo. Esse era o mesmo Caio de meia hora atrás? Não fazia o menor sentido. Ele só era um babaca quando tinha gente para assistir?

— Estranho... — Ele olhou para a tela do seu celular. — Já era para o meu motorista estar aqui.

— Ele deve estar no trânsito.

— A essa hora? Acho que não.

Ele estava prestes a pegar o celular e ligar para alguém quando dois carros pretos pararam em meia lua onde nós dois estávamos. Desceram cerca de seis homens encapuzados como aqueles assaltantes de banco dos filmes.

Foi tudo muito rápido. No instante em que eles desceram, me encolhi com um medo involuntário e o Caio se colocou a minha frente como se pudesse me proteger de algo. Jorge, o motorista da Charlotte, procurou por algo no porta luvas, mas foi atingido por um tiro antes que pudesse fazer qualquer coisa.

Assim que o vi caindo, minhas pernas começaram a tremer.

— Caio! — Gritei quando um dos homens me pegou pelos braços. — Me solta! — Eu me debati tentando me soltar, mas não passava de uma formiguinha lutando contra um elefante. Nunca o apelido que a minha mãe me deu quando criança fez tanto sentido.

Continuei gritando até que alguém colocou um pano cheio de éter no meu rosto e perdi os sentidos. Tudo o que lembro é de ser jogada no fundo de uma van com o Caio.



Charlotte

Capítulo

Dezenove

Desci as escadas de mãos dadas com o Henry. Ficava observando como o sol refletia nos fios do seu cabelo preto. Caio havia falado algumas coisas ao descobrir sobre o meu namoro, mas eu ignorei a maioria, porque ele só parecia um irmão ciumento. Já Katarina e as outras meninas precisaram admitir que o Henry é lindo e, no fim da aula, já estavam me desejando felizes para sempre como se estivéssemos nos casando e não mal começado a namorar.

— Preciso ir. — Parei de frente para ele e tirei os fios dos seus cabelos que cobriam os olhos.

— Vai me ligar mais tarde?

— Claro! — Abri um grande sorriso.

Ele me puxou pela cintura e me beijou pela última vez antes que eu corresse para o estacionamento. Andei suspirando e saltitante na direção do carro até ver o Jorge caído no chão e uma enorme poça de sangue se formando ao redor dele. Caí de joelhos e gritei ao começar a chorar e tremer. O que estava acontecendo?! Só podia ser um pesadelo.

Henry veio correndo assim que ouviu meu grito, mas nem precisou perguntar o que estava acontecendo, pois viu com seus próprios olhos.

— Charlotte! — Ele me abraçou pelos ombros.

Com as mãos tremendo de susto e medo, peguei meu celular no bolso e liguei para o meu pai.

— Papai, socorro! Mataram o Jorge.



Cecília

Capítulo Vinte

Fui jogada sobre um chão grosso de terra batida com um saco cobrindo meu rosto enquanto recobrava os sentidos. Meus joelhos doíam, certamente machucados com o impacto.

— Caio, cadê você? — Balancei minhas mãos no ar.

— Estou aqui. — Ele segurou as minhas mãos no momento em que alguém tirou o saco da minha cabeça.

— É melhor que vocês dois fiquem quietos e calados se não querem que nada de ruim aconteça.

Ergui a cabeça para olhar o homem com a voz ameaçadora. Ele ainda usava a máscara, o que impedia de vermos seu rosto e me deixou ainda mais assustada.

— Se os pais de vocês estiverem dispostos a pagar logo o preço que achamos que valem, vão logo voltar para casa. Então não se preocupem e aproveitem a estadia.

— Minha mãe... — comecei a dizer, mas Caio apertou minhas mãos com tanta força que me impediu de terminar a frase.

— Ela só está assustada, senhor.

— Fiquem quietos! — Ele nos olhou mais uma vez antes de se afastar, nos deixando sozinhos com os pés amarrados a uma corrente pesada fechada com um cadeado.

Olhei em volta e me senti em um buraco. A única claridade vinha de uma luminária sobre a mesa.

— Onde estamos, Caio? — Busquei nos olhos dele algum consolo para não chorar de desespero.

— Eu não sei. Fomos sequestrados.

— Mas... — Engoli o choro quando ele apertou as minhas mãos de novo. — Ai!

— Não fala nada. Acham que você é a Charlotte e esperam que os nossos pais paguem para nos ter de volta. Se descobrirem que você não é ela, podem achar que é inútil e vão matar você como fizeram com o motorista. Não quero que isso aconteça e espero que você também não. Tomara que demorem para ligar para o Vitor pedindo um resgate, porque ele não vai acreditar que a Charlotte foi sequestrada. Provavelmente, já deve até estar com ela.

Senti o chão balançar e tive a irônica percepção de que o mundo havia parado. De repente, uma chave se virou na minha cabeça e tudo fez sentido. Era lógico e estive na cara o tempo todo, mas me recusei a acreditar.

— O pai da Charlotte se chama Vitor?

— Sim. O que isso tem a ver?

— Minha mãe disse que este era o nome do meu pai.

Caio arregalou os olhos e ficou boquiaberto.

— Espera! Acha que você e a Charlotte são irmãs?

— Gêmeas! Isso explica nossa semelhança. Quando ela me abraçou hoje, senti como se nos conhecêssemos a vida toda.

— Mas a mãe da Charlotte morreu no parto dela.

— Meu pai abandonou minha mãe quando ela estava no hospital. Algo está mal contado.

— Caraca!

— Fiquem calados! — gritou um dos nossos raptos, o que vigiava a única porta.

— Tem certeza disso? — Caio me encarou.

— Não, mas espero sobreviver para descobrir.

— Nós vamos sobreviver. — Ele sorriu e acariciou meu rosto no que pareceu ter sido um ato de puro impulso. Deixei me levar pelo conforto que aquele simples carinho me proporcionou. Naqueles minutos, comecei a achar que o Caio não fosse tão babaca assim. — Vamos sair daqui,

Cecília. Eu prometo.



Charlotte

Capítulo

Vinte e Um

Quando o meu pai correu na minha direção, já estava cercada de policiais e ainda ouvia o som da ambulância se afastando. Esperava que o Jorge ficasse bem.

— Charlotte! — Meu pai me envolveu em seus braços e me aninhei nele como um cãozinho assustado.

— O Jorge está indo para o hospital, papai.

— Eu sei, mas ele vai ficar bem. O tiro não pegou em nenhum órgão vital.

— Tinha tanto sangue, papai! Tanto sangue. — Soluçava com as lágrimas que não tinha mais para chorar.

— Vai ficar tudo bem, filhinha. Está aqui comigo agora.

— Eu preciso recolher o depoimento. — Um policial se aproximou de nós.

— Ela está muito assustada. Precisa ser agora? — Meu pai afagava meus cabelos.

— Encontramos o motorista dos Castelli morto há três quilômetros daqui e não encontramos o garoto. Precisamos entender o que está acontecendo aqui.

— Tentaram matar um empregado meu e deixaram minha filha em choque. Foi isso que aconteceu!

— Cecília! — Ouvi um berro desesperado que reverberou dentro de mim como se eu a conhecesse, ainda que nunca tenha aquela voz ouvido antes.

Desenterrei a cabeça do peito do meu pai para olhar na direção do grito. Uma mulher havia deixado o carro no meio do estacionamento e corria até nós com todo o ar de seus pulmões. Ela era loira e tinha cabelos ondulados, na altura de seus trinta anos, e usava um terno social.

— Onde está a Cecília? — Ela perguntou para um dos policiais. — Quero saber onde está a minha filha? A van que veio buscar ela só encontrou o homem baleado, chamou a polícia e ligou para mim. Estou tentando ligar para a minha filha, mas ela não atende. Eu estava trabalhando, larguei tudo e vim para cá.

— Não sabemos da sua filha. Quem ela é, senhora?

— Cecília, Cecília Zanette. Eu sou Cíntia, a mãe dela. Preciso achar a minha filha!

— Acalme-se, senhora. — O policial tentou ser gentil.

Por uma fração de segundos eu desviei os olhos da mulher desesperada por notícias da Cecília e fitei para o meu pai, que estava branco e imóvel; apático como se tivesse visto um fantasma. Parecia ter sido congelado vivo.

— Pai, o que foi?

— Cíntia... — O nome dela saiu dos lábios dele como se estivesse carregado de significados, os quais eu não entendia.

— Pai?

— Fique aqui. — Ele me soltou e foi até ela. Melhor: correu até ela. — Cíntia!

Ela se virou quando meu pai chamou e arregalou os olhos, também parecendo encarar um fantasma.

— Vitor?! É você?

— Sim. Me disseram que você estava morta. Dois médicos no hospital me disseram que você estava morta! Nunca me deixaram ver o seu corpo. Você está aqui, como é possível? — Foi a primeira vez que vi meu pai chorar. Ele tremia enquanto contornava o rosto da mulher com os dedos. Meu pai me lembrou aqueles insetos que ficavam girando ao redor da luz, como se ela fosse a luz dele.

— Disseram para mim que você tinha ido embora, que não queria mais saber de mim ou da criança. Me deixou um bilhete seco. Abandonou a mim e a nossa filha. Achei que nos amava. — Foi a vez da mulher começar a chorar.

— Charlotte, está tudo bem? — Henry se aproximou de mim e me abraçou por trás.

— Aquela é a minha mãe? — Voltei a tremer e a soluçar. Só podia ser um sonho misturado

com um pesadelo.

— Ela é a mãe da Cecília. Eu a vi semana passada.

— Mas meu pai foi correndo até ela assim que a viu...

— Espera... Então, vocês são irmãs?

— Não abandonei nossa filha. — Voltei a prestar atenção na conversa do meu pai. — Ela é tudo de mais importante que me restou. — Ele apontou para mim.

— Cecília? — Ela olhou para mim confusa.

— Não. Charlotte. — Meu pai a corrigiu. — Lembro que você queria esse nome e que eu preferia Cecília, o nome da minha vó. Eu a batizei como Charlotte.

— Não, ela cresceu comigo. — A mulher balançou a cabeça.

— Os médicos me entregaram ela assim que nasceu. Disseram que só ela havia sobrevivido e você, não.

— Não acredito que os médicos do seu pai esconderam isso de mim. — Ela tombou para frente, porém meu pai a segurou. — Sempre suspeitei que a minha barriga estava grande demais para um bebê só, mas me disseram que era só uma menina. Eram duas...

— Mãe? — Quando olhei bem para ela, todo o resto do mundo pareceu não existir mais. Sempre quis a minha mãe e senti falta dela, mesmo que nunca admitisse. Queria que meu pai arrumasse alguém na esperança de cobrir aquele vazio.

Me desvencilhei do Henry e corri até ela.

— Mãe?

Ela se afastou do meu pai e me abraçou apertado. Então, era essa a sensação de abraçar a minha mãe? Senti todo o carinho e consolo que sempre quis.

— Charlotte?

Fiz que sim enquanto continuava com a minha cabeça enterrada no abraço dela.

— Mamãe...

Ela beijou o alto da minha cabeça e apertou com ainda mais força o nosso abraço.

— Minha menina, achavam que era louca quando dizia que tinha duas crescendo dentro de mim. Mas aqui está você. — Ela beijou minha cabeça mais um milhão de vezes.

— É muito bom saber que você não está morta, mamãe.

— Mas onde está a Cecília?

— Não sei. As coisas dela estão jogadas no chão ali. — Apontei para a frente do carro. — Não sei onde ela está.

— Vitor...

— Vamos encontrá-la, Cíntia, eu prometo.



Cecília

Capítulo

Vinte e Dois

Me encolhi em um canto, tremendo. As correntes nos meus pés já estavam começando a machucar e a garganta ardia de sede. Além disso, estava com muito, muito medo de morrer. Quando descobrissem que eu não era a Charlotte, eu não seria mais útil e se livrariam de mim. Mamãe me ama, mas eu sabia que ela não tinha milhões para pagar pelo meu resgate.

— Vou morrer, Caio.

— Não, você não vai. Não pensa assim. — Ele se aproximou de mim e limpou a lágrima que escorreu do meu rosto.

— Quando ligarem para o Vitor, vou morrer. Ele nem sabe quem eu sou e a Charlotte está com ele. Sei que você me odeia, mas poderia me abraçar? Não quero ficar sozinha nos últimos minutos de vida que tenho.

— Eu-eu não te odeio. — Ele segurou meus ombros e olhou para mim.

— Não? — Arqueei as sobrancelhas.

— Claro que não! — Ele riu ao esfregar o seu nariz no meu. — Garotos acabam sempre irritando a garota que estão a fim. É instintivo e engraçado.

— Ah, é? — Fiquei boquiaberta. Não entendia nada de relacionamentos mesmo. Sempre achei que Caio implicava comigo de graça, só porque era um babaca.

— Foi meu jeito de chamar sua atenção já que não se atirou em mim como a maioria faz.

Fiquei sem graça de chegar em você porque achei que a Charlotte não iria gostar e ela é meio que uma irmã para mim. Agora, não importa mais... — Ele passou a mão pela minha nuca, segurou meus cabelos e me beijou.

Por longos segundos, eu fiquei parada sem saber o que fazer ou como reagir. Instantes antes, eu estava morrendo de medo do próximo tiro ser em mim, mas quando o Caio me beijou foi como se tudo parasse e eu fosse para outra dimensão, longe do perigo.

— Relaxa. — Ele pressionou a língua contra os meus lábios.

Assenti e me deixei levar pelo beijo enquanto ele me abraçava.

— Ah, que lindo! São um casal. — Um dos nossos sequestradores apareceu na porta e riu ao nos ver aos beijos.

Por que esse maldito teve que destruir o meu pequeno momento de paz? Nunca imaginei que meu primeiro beijo fosse acabar sendo com o Caio em um cativeiro. Ainda assim, não queria que ele se afastasse de mim.

— Você tem muitos namorados, hein, menina? Já é o terceiro que fico sabendo só essa semana. E tem quantos anos? Quinze?

— Farei em algumas semanas. — Voltei a me encolher em um canto.

— Se querem nos trocar por alguma coisa é melhor que estejamos vivos. Eu e a Charlotte estamos morrendo de sede.

— Por isso estavam compartilhando saliva? — O cara gargalhou.

— Precisamos de água.

— Está muito durão para quem está preso, garoto.

— Dá logo água para eles. Vou ligar para o pai dela e negociar o resgate.

Estremeci, mas Caio segurou minha mão, tentando dizer que tudo ficaria bem.

O cara nos serviu a água em canecas sujas, mas tomei como se fosse a melhor água do mundo de tão sedenta que estava.

— Ah, parece que o pai da mocinha está muito generoso para ter a filha de volta. — Outro sujeito apareceu na porta. — Amanhã voltará para casa, garota. Por uma pequena taxa de dez milhões de reais em notas sem marcação.

— Fiquem quietos e nada acontecerá a vocês. — O outro cara riu debochado e, logo em seguida, os dois desapareceram de vista outra vez.

— Será que a Charlotte está bem?

— Por que pergunta isso? — Caio franziu o cenho.

— Não faz sentido. O pai dela não deveria ter concordado em pagar meu resgate. Só se ela sumiu também.

— Pode ser que ele saiba de você.

— Será?

— Vamos nos preocupar em sair daqui. Depois você descobre isso.

— Não está com medo, Caio? Nem um pouquinho? — Tremia toda e não entendia a segurança dele.

— Estou... — Engoliu e seco e parou de me encarar. — Mas alguém precisa segurar firme, não é?

— Ah, Caio! — Eu o abracei começando a chorar. Mesmo que os sequestradores tivessem dito que o pai da Charlotte concordara em pagar o meu resgate, ainda tinha muito medo de que descobrissem a verdade.

— Eu vou proteger você, Cecília.



Charlotte

Capítulo

Vinte e Três

Estávamos reunidos na sala de jantar da minha casa, eu, papai e mamãe, os pais do Caio e uma equipe policial que parecia ter saído de um filme de ação, todos muito tensos. Meu pai e a minha mãe estavam sentados um ao lado do outro, de mãos dadas e abraçados. Ela ainda tremia e chorava, enquanto ele dizia que tudo ficaria bem.

Era muita coisa para eu absorver em um dia só. Minha mãe estava viva e eu tinha uma irmã.

— Será que eles machucaram a Cecília? — Minha mãe voltou a chorar.

— Calma, Cíntia. — Meu pai beijou sua testa. — Ela vale mais para eles viva. Só querem o meu dinheiro. Vão devolver a nossa filha.

— Mas dez milhões é muito dinheiro...

— Não se preocupe. Eu tenho.

— O meu filho deve estar desesperado. — A mãe de Caio apoiou a testa nas mãos e começou a chorar também.

— Vitor, vamos até o banco. — O pai de Caio se levantou. — Logo vão ligar para combinarmos o local da troca. Não importa quanto tenha que pagar, eu quero o meu filho de volta.

— Eu também! — Papai se levantou determinado. Achei estranho por que ele nem sequer conhecia a Cecília, mas vai entender essa coisa de pais. Agora que tinha a minha mãe, nunca

mais vou sair de perto dela.

— Vamos ter cuidado. — Levantou um dos policiais vestido como um homem comum. — Acompanharemos vocês.

— Se eles suspeitarem que a polícia está envolvida... — A mãe de Caio estava desesperada.

— Acalme-se, senhora. Vamos parecer meros seguranças. Mas esses caras não podem sair impunes.

— Se o meu Caio...

— Nosso filho vai voltar em segurança, meu amor. — O pai de Caio apertou o ombro da mulher.

Bernardo e meu pai saíram acompanhados dos policiais.

Fui até a minha mãe e a abracei apertado ao ponto de eu sentir dificuldade para respirar. Depois ela me sentou em seu colo, como se fosse me ninar para sempre.

— Sua irmã...

— Ela vai voltar, mãe.



Cecília

Capítulo Vinte e Outro

Dormi, ou ao menos cochilei, com medo e cansaço. Ao abrir os olhos, encontrei Caio me observando deitada em seu colo. Por um curto momento, achei que tudo estava bem. Foi o que o sorriso dele alimentou até que eu percebesse que ainda estávamos no mesmo buraco.

Era difícil respirar ali. Em algum lugar, eu ouvia água gotejando, mas não conseguia saber onde e isso só me deixava com ainda mais sede.

— Caio...

— Pode continuar a dormir, Cecília. Eu estou aqui. — Acariciou o meu rosto.

— Quero voltar para casa.

— Eu também. Vamos voltar logo.

— E se não voltarmos?

— Precisamos pensar positivo. Como vou levar você para tomar um sorvete se não conseguirmos sair daqui?

— Tipo um encontro? — Senti minhas bochechas corarem.

— É. — Ele me roubou um beijo e fiquei sem reação.

Caio segurou meu rosto com uma mão de cada lado e me encarou, como se pudesse ler minha alma através dos olhos.

— Vamos ficar bem! — Soou mais como um sonho do que uma certeza.

— Preparados para voltar para casa? — Um dos homens encapuzados entrou no cômodo e nos jogou duas garrafas de água.

Peguei uma delas apressada e tomei em goles tão grandes que acabei me molhando. Minha garganta ardia com a sede e com a fome e eu estava suja por ficar no chão, além de cheia de manchas escuras de poeira.

— Vocês vão se arrepender de ter feito isso! — Caio levantou todo valente, mas foi a minha vez de segurar a mão dele.

— Fica quieto ou vão acabar machucando você.

— Viu, garoto?! Ouve sua namorada e fica quieto.

— Prontos para ir? — Outro cara apareceu segurando dois sacos pretos.

— Não vão colocar isso em nós de novo, *né?* — Me afastei puxando meu corpo com as mãos no chão até bater na parede.

— Se aceita um conselho, garota, fica quieta ou vou deixar os meus amigos se divertirem com você.

Caio se jogou na minha frente e rosnou como um cão feroz.

— Se tocarem em um fio de cabelo dela eu juro que...

— Que o quê, frangote? — Os dois homens gargalharam. — Não consegue defender nem a si mesmo.

— Seu...

Segurei o Caio pelos ombros.

— Fica quieto. Não quero que machuquem você também.

— Viu? Ouve sua namorada!

Nem éramos namorados, mas essa informação era irrelevante para aquele momento.

Eles vieram até nós, amarraram nossos pulsos com uma fita cinza e espessa e soltaram nossos pés para que pudéssemos andar. Fechei os olhos enquanto era empurrada com força e fiz todos os tipos de orações que conhecia. Precisava voltar para a minha mãe.

Tropeçando nos meus próprios pés, caí algumas vezes até que um dos caras me jogou sobre os ombros e, logo depois, dentro da van.

Encolhi até encontrar o Caio e me aninhei nele. O garoto fingia ser durão todo o tempo, mas também tremia. Não era a única que gostaria de acordar na segurança da minha casa.

Não sei quanto tempo durou o percurso de carro até que ele parasse em um lugar que me pareceu uma estrada cheia de pedregulhos. Meu coração quase pulou do peito de tanto medo e angústia. Não era certo uma menina que nem fez quinze anos ainda temer a morte. E se tivessem nos levado para um local fácil para desovar nossos corpos?

— Cecília...

— Tô aqui, Caio!

— Cecília! — Senti ele tentar se segurar em mim enquanto lutava para não ser arrastado.

— Você vai primeiro, moleque.

— Caio! — Tentei ver para onde levavam ele, mas não consegui me livrar do saco na cabeça.

— Caio!

Fiquei minutos intermináveis sozinha no fundo da van. *A morte era sempre tão terrível?* Ouvi a porta ser aberta outra vez, mas não consegui ver nada nem distinguir alguma coisa.

— Sua vez, garota.

— Caio? Onde está o Caio?

Ele me arrastou pelas canelas e fui esfregando no chão imundo da van. Tentei chutar o sujeito, mas acabei levando um tapa que ardeu por todo o meu corpo.

— ME SOLTA!

— Não dificulta as coisas. Quer ou não voltar para o seu pai?

Mamãe deveria estar muito preocupada... Parei de brigar, porque só queria voltar para casa.

Ele finalmente me colocou no chão e tirou o capuz da minha cabeça. Minhas pernas vacilaram, mas ele me segurou, impedindo que eu caísse. Meus olhos demoraram alguns segundos para recobrar o foco. Eu estava bastante tonta, talvez por todo o tempo que passei sem comer nada.

Estávamos em frente ao que me pareceu uma fábrica abandonada, toda pichada e com as janelas quebradas. Era meio da tarde e o sol tingia o céu de laranja. Um homem vestido de preto estava de pé próximo à entrada da fábrica e, ao lado dele, havia outro abraçado ao Caio. Encarei o homem melhor, na casa dos trinta anos e bem alto. Parecia ter olhos claros, cabelos escuros e olhava para mim de volta. *Esse era o meu pai?*

— Pai?

— Vai ficar tudo bem, filha. — Ele jogou uma mala pesada no chão. — Aqui está o dinheiro. Agora me entregue a minha filha.

— Espere. — O que me segurava apontou uma arma para a minha cabeça. — Vá conferir o dinheiro. — Ele fez um movimento de cabeça para ordenar ao outro.

— Aqui está o combinado! Me entreguem a minha filha.

— Não está no direito de dar ordens aqui, doutor. Ela vai quando nós decidirmos que sim.

Estremeci ao sentir o cano gelado da arma na minha nuca. Voltei a chorar. Não queria morrer daquele jeito.

— Soltem ela! Parem de apontar essa arma para a minha filha. Prometeram devolvê-la em segurança caso eu trouxesse o dinheiro.

Ouvi um estrondo e, no momento seguinte, o homem que me segurava tombou para trás.

— Filha, corre para mim! Não olha para trás, só corre. — Meu pai abriu os braços pronto para me receber.

Estava fraca e tonta, mas usei toda a energia que ainda restava para correr sem perder o equilíbrio, mesmo com as mãos ainda amarradas.

Ouvi outros estrondos e logo reconheci o som de tiros, que não estavam sendo disparados pelos sequestradores.

Tropecei e quase fui ao chão, mas meu pai me segurou antes que eu desse de cara com a terra.

— Pronto, Cecília! Acabou! Você está segura agora.

— Sabe quem eu sou? — Ergui a cabeça para encará-lo, mas meus olhos ainda estavam pesados com as lágrimas.

— Sim, mas não sabia até ver sua mãe ontem. Por quatorze anos acreditei que ela estava morta e que só tivéssemos a Charlotte. Vai ficar tudo bem agora.

— Cecília?

Ouvi a voz do Caio e me afastei do meu pai.

— Você está bem? — Ele me abraçou.

— Estou, e você?

— Também.

— Vamos embora daqui. — Meu pai me puxou pelos ombros.



Charlotte

Capítulo

Vinte e Cinco

Minha casa nunca teve um início de noite tão tenso quanto aquele. Estávamos sentadas na sala: eu, mamãe e a mãe do Caio, esperando notícias que não pareciam chegar nunca. Olhei para o relógio de madeira sobre a lareira e já havia passado quase duas horas desde que meu pai saíra. Henry me mandava mensagens o tempo todo, desesperado por notícias, mas eu não tinha nada a dizer a não ser que estava muito aflita também.

Essa não era nem de longe a circunstância em que eu queria conhecer a minha mãe. Esperava poder sentar com ela, colocar o assunto em dia, contar sobre meu namoro com o Henry e até pedir conselhos. Isso era impossível; todos, inclusive eu, estávamos muito preocupados com a Cecília e o Caio.

Quando a porta da sala foi aberta, meu coração veio na boca e voltou. Eu pulei do sofá como alguém que tinha tomado um choque.

Meu pai entrou praticamente carregando a Cecília. Ela estava cabisbaixa, suja, descabelada e parecendo muito, muito fraca. Estremeci. Era para eu estar naquele estado, porque eles queriam a mim e não a ela.

— Cecília!

— Mamãe!

As duas se abraçaram aos prantos, soluçando em meio ao choro.

— Obrigada, Vitor, por trazê-la de volta para mim. — Olhou para o meu pai.

— Ela também é minha filha. Faria qualquer coisa para que ficasse em segurança.

— Os sequestradores...

— Nunca mais vão se aproximar das nossas filhas. Me assegurei disso.

— Cecília! — Estendi a mão para ela. — Por que não vem comigo que o meu quarto? Pode tomar banho e colocar roupas limpas.

Ela apenas olhou para mim, porém não disse nada. Ainda estava muito assustada e eu não tirava sua razão.

— Vá com ela, filha. — Mamãe deu um empurrãozinho.

Cecília assentiu e me seguiu em silêncio.

— Eles machucaram você? — Comecei a subir a escada na frente dela.

Minha irmã apenas fez que não. Ainda era estranho chama-la assim, ainda que fosse muito óbvia nossa ligação, que eu tentei ignorar o tempo todo e que sempre ficou ali reluzindo na minha frente.

— Aqui é o meu quarto. — Empurrei a porta depois de termos andando por alguns minutos no corredor. — Você está com medo, não é?

Cecília fez que sim.

— Me desculpa. Deveria ter sido eu lá. Você estava no lugar errado, conversando com o cara errado.

— Não deveria, não. — Ela abriu um meio sorriso. — Foi terrível, mas talvez precisasse ser eu.

— Por que diz isso? — Franzi o cenho confusa ao entrar no quarto com ela.

— Talvez, se fosse você, nossos pais nunca se reencontrariam e não saberíamos que somos irmãs.

— Você tem razão. — Fui até o *closet* e peguei um pijama, roupas íntimas e dei para ela. — Sei que não é exatamente o seu estilo, mas ao menos estão novos e limpos. Peguei das coisas que ainda não usei. Depois de um banho, talvez se sinta mais confortável. Tem shampoo e condicionador dentro do box, sabonete líquido e em barra também. A toalha da esquerda está limpa. Dalva sempre coloca duas porque gosto de secar o cabelo em outra. Qualquer coisa é só me chamar.

Ela assentiu e caminhou até o banheiro. Fiquei me perguntando se precisava fazer ou dizer mais alguma coisa. Queria que ela se sentisse bem e confortável e esquecesse tudo o que havia

passado no meu lugar.

Sentei na minha cama e peguei o celular.

Estava morrendo de saudades do Henry e, no meio da confusão toda, mal consegui falar com ele. Para minha alegria, ele atendeu logo no primeiro toque.

— Oi, Char! Como está tudo por aí? E a Cecilia?

— Que bom, ouvir sua voz... — Me derreti inteira.

— Também fico muito feliz em ouvir a sua. Como você está?

— Bem, apesar de ainda um pouco surpresa e confusa. Não é todo dia que a mãe de alguém ressuscita dos mortos e traz junto uma irmã.

— Mas não está feliz com isso?

— Ah, tô sim! Muito mesmo! Mas é tão louco que ainda estou me beliscando.

Henry riu.

— Você vai sobreviver.

— Com sua ajuda e da minha mãe eu tenho certeza. Henry, não sabe o quanto sonhei com esse dia.

— Posso imaginar. E a Cecilia, como ela está depois de tudo?

— Assustada, mas segurando a onda. Queria poder fazer mais. Me sinto culpada, por que deveria ter sido eu no lugar dela.

— Não pensa nisso. Não é algo que deveria ter acontecido a nenhuma das duas. O importante é que agora ela está segura e vocês sabem que são irmãs. Podem superar qualquer coisa ruim.

— Ah, Henry, você é um fofo!

— Amo você.

Fiquei sem ar e corei toda. A linha ficou muda por longos minutos porque eu não soube o que dizer e mal acreditava no que tinha ouvido.

— Meu celular está apitando. Todo mundo quer notícias.

— Tudo bem, conversamos mais depois. Manda um abraço para Cecilia por mim.

— Pode deixar!

— Até mais, Char! — Ele desligou.

Realmente havia um milhão de mensagens de Katarina e dos outros, todos preocupados com as

notícias da televisão.

Disquei o número dela e esperei chamar.

— Charlotte! Por tudo que é mais sagrado, o que está acontecendo?

— Está tudo bem agora, não se preocupa. Depois eu conto o que aconteceu. Estou preocupada com a Cecília, ela deve ter passado momentos terríveis. Ela vai sair do banho e vou ver em que mais posso ajudar.

— Espera! A *nerd* está aí na sua casa?

— Sim.

— Por quê?

— Ela é minha irmã.

— O quê? Como assim?

— É uma longa história, Katarina. Minha mãe nunca esteve morta, ela está aqui também. Meu avô, pai do meu pai, separou a gente. Conto melhor quando nos virmos. A Cecília acabou o banho. Beijos, tchau! — Desliguei antes que ela tivesse tempo de dizer qualquer coisa.

Joguei o celular sobre a mesa de cabeceira e olhei para a minha irmã assim que ela saiu do banheiro. Meu pijama novo de rock até que caiu bem nela. Seus cabelos loiros estavam molhados e pingavam nas costas, mas sua expressão estava bem melhor do que antes do banho.

— Viu? Sabia que a água ia ajudar.

— Sim, obrigada, Charlotte.

Ouvi a barriga dela roncar e Cecília se encolheu.

— Você está com fome. Vou pedir à Dalva para trazer alguma coisa. — Eu dei um passo na direção da porta, mas Cecília estendeu a mão, me impedindo.

— Não quero ficar sozinha.

— A casa é cheia de seguranças por todo o lado, Cecília. Ninguém entra aqui sem a autorização do meu pai.

— Mas não me deixa sozinha, não.

— Tudo bem. — Eu a abracei por instinto. Ela era a minha irmã e eu percebi o quanto fui cruel com ela o tempo todo, com medo de que tomasse o meu lugar. Ela só precisava de mim. — Você está segura agora.

— Obrigada, Charlotte. — Ela retribuiu o meu abraço com força.

Ficamos assim por um tempo. No fundo, depois de todo o desespero causado pelo sequestro, eu estava muito feliz em ter uma irmã.

— Vou ligar para a Dalva. — Me afastei e peguei o celular. — Oi! Traz, por favor, um lanche caprichado aqui no meu quarto. Obrigada!

— Você tem o celular do Caio? — Cecília perguntou toda envergonhada.

— Sim, eu tenho. — Estranhei pergunta. — Ele é meu amigo. — Dei de ombros.

— Eu posso ligar para ele? — Ela cruzou os braços atrás do corpo. — Quero saber como ele está.

Me contive para não perguntar se estava rolando algo entre eles, mas eles haviam passado uma noite no cativeiro e era provável que Cecília estivesse apenas preocupada.

— Aqui, pode ligar. — Entreguei meu telefone a ela.

— Obrigada, Charlotte.

— Disponha!

Ela apertou o botão de chamar e se afastou um pouco. Sentei na minha cama, tentando dar a ela um pouco de privacidade. Contudo, foi inevitável não ouvir parte da conversa.

— Oi, é a Cecília. — Ela abriu um sorrisinho. — É, a Charlotte me emprestou o dela já que os bandidos sumiram com o meu. Acho que tinham medo de ser rastreados... Ainda estou com medo, mas estou me sentindo melhor. A Charlotte está sendo muito legal comigo. Ela já sabe que somos irmãs... Sim, a minha mãe está aqui. Sério? — Ela abriu um sorriso tão grande no rosto que me fez desejar ser uma mosquinha para saber o que o Caio havia falado para ela. — Sim, vou adorar. Descansa. Até depois.

Ela desligou e veio até mim.

— O Caio está bem?

— Ele vai ficar. Aqui. — Ela me entregou o meu celular. — Obrigada.

— Cecília, sei que esse não é o momento, mas fiquei curiosa.

— Com o quê? — Minha irmã sentou ao meu lado na cama.

— Você e o Caio... Está rolando algo?

— Não sei dizer. Achei que ele meio que me odiasse. Na verdade, todo mundo que anda com você.

— Não é bem assim...

— Não?

— Eu só me sentia ameaçada. Principalmente quando virou amiga do Henry. Tive medo de perder ele para você. — Desviei o olhar e fitei o abajur sobre a mesa de cabeceira ao meu lado.

— Eu e o Henry só somos amigos.

— É, percebi. — Fiquei envergonhada por me sentir uma tonta.

— Ele sempre amou você. Estava na cara desde que nos conhecemos.

Apenas sorri, sentindo minhas bochechas arderem.

— Não me contou sobre o Caio. — Estufei o peito ao mudar de assunto.

— Bom... — Ela hesitou. — Não sei o que dizer. Ele me defendeu lá no cativeiro e me beijou. Mas acho que foi só o calor do momento.

— Por que diz isso?

— Não sou o tipo dele. Não sou como você. — Ela suspirou.

— Eu que não sou o tipo dele. — Ri. — O Caio é do tipo valentão e protetor, mas eu faço boxe desde pequena e sempre me cuidei bem.

— Sério? Que legal! Pode me ensinar depois?

— Sim, claro! Papai fez uma sala de treinamento para mim. Depois mostro para você.

— Por falar nele, como acha que ele e a mamãe vão ficar depois disso tudo? O que aconteceu com eles não foi justo.

Torci os lábios, pensativa. Ainda não tinha me perguntado sobre isso. Estávamos tão preocupados com a Cecília que nem atinei para a relação dos meus pais.

— Espero que se acertem, porque ele nunca conseguiu namorar outra mulher.

— A mamãe também não.

— Bom, eles eu não sei. Mas espero que sejamos amigas. — Dei um sorriso sincero.

— Isso me deixa muito feliz. — Cecília me abraçou outra vez.

Dalva entrou no quarto com a bandeja e colocou sobre uma mesa redonda que ficava no canto.

— Trouxe um lanche reforçado, senhorita. — Ela olhou bem para Cecília. — Nossa, são parecidas mesmo.

— É claro, somos gêmeas! — Dei de ombros.

— Faz sentido. Se precisarem de mais alguma coisa é só me chamar.

Cecília não esperou convite para atacar a bandeja cheia de pães, bolos e biscoitos. Ela estava a quase um dia sem se alimentar e eu não fazia ideia do tamanho da sua fome até ver tudo desaparecendo.

— Você quer? — Ela me olhou com o rosto sujo de farelo de bolo.

— Não, obrigada. — Ri.

— Será que vamos passar a noite aqui?

— Bom, acredito que seja o mais seguro.

— Vou perguntar à mamãe. — Ela limpou o rosto. — Vem comigo? Esse lugar é muito grande.

— Claro. — Levantei. — Sabe, com o tempo você vai se acostumar.

— Não é como se eu fosse morar aqui.

— Por que não? Tenho certeza, conhecendo bem o papai, que ele vai fazer questão de ter você por perto.

— Acha isso? — Ela parou segurando a maçaneta.

— Tenho certeza! Ele pode ser uma mala as vezes, mas é sempre muito carinhoso e protetor.

— Você não vai ficar com ciúmes?

— Desde que você também não fique se eu quiser passar bastante tempo com mamãe... Acho que vamos nos dar bem.

Cecília sorriu e me puxou pela mão.

— Vamos lá falar com ela.

Passamos pelo corredor rindo até que ficamos em silêncio quando não ouvimos nenhum outro barulho. Havia sempre empregados pela casa, mesmo de madrugada.

— Será que todos foram dormir? — Cecília olhava de um lado para o outro, também estranhando o silêncio.

— Não sei.

Estava tudo muito estranho, até que ouvi alguns barulhinhos, daqueles que fazia quando estava com Henry. *Beijos?*

Coloquei o dedo sobre os lábios em um gesto para Cecília fazer silêncio. Ela fez que sim em um movimento de cabeça e me seguiu até a escada.

Apoiei no corrimão e Cecília ficou ao meu lado. Então, olhei para a sala e vi meus pais. Acho

que nossas dúvidas sobre eles voltarem a ficar juntos foram respondidas naquele instante.

Ela estava sentada no colo dele e eles se beijavam de um jeito que Henry e eu não fazíamos ainda.

— Acho melhor deixarmos eles aí. — Cecília me puxou de volta para o quarto.

Concordei com ela e a segui. Era claro que nós duas torcíamos para que eles ficassem juntos outra vez.

— Vamos dormir. Amanhã descobrimos como as coisas vão ficar.

Cecília assentiu.

— *Tá*, mas onde vou dormir?

— Comigo, ué! Tenho uma cama de casal. Acho que não vou sofrer em dividi-la uma noite.

— Charlotte?

— Sim?

— Você é uma irmã ainda melhor do que achei que seria.

Aquela frase me deixou muito feliz, por mais que tivesse ficado muito tensa com tudo o que aconteceu. Ter minha mãe em casa e a Cecília em segurança me fez deitar na cama e dormir bem, como não me lembrava de fazer há muito tempo.



Cecília

Capítulo

Vinte e Seis

Acordei com os raios do sol entrando na janela pela manhã. Havia dormido tão bem que todo o trauma do sequestro parecia apenas um terrível pesadelo, ainda que os roxos e arranhões pelo meu corpo dissessem que tudo havia sido tão real quanto possível.

Me espreguicei e acabei esbarrando em Charlotte que ainda dormia. A cama era tão grande que ela estava a quase um braço de distância de mim. Caramba! Ela era a minha irmã segundo a lógica mais inacreditável do mundo.

Apesar de todo o medo da morte ou do que poderiam fazer comigo, naquele instante, em segurança, pude enxergar três coisas boas da situação toda: conheci o meu pai, cheguei à óbvia conclusão de que a Charlotte era minha irmã e... Bom, estava rolando algo entre mim e o Caio, ainda que não pudesse classificar como um relacionamento. Que foi gostoso beijá-lo, ah, isso foi!

— Bom dia, Cecília! — Charlotte se revirou na cama. — Dormiu bem?

Fiz que sim.

— Sua cama é muito confortável.

— Eu estou com fome. — Ela se sentou. — E você?

— Também.

— Dalva já deve ter servido o café da manhã. — Ela olhou para o despertador digital que

marcava quase nove horas da manhã. — É, acho que não vamos na aula hoje.

— Melhor não. Já perdemos o primeiro horário.

— Depois de tudo o que aconteceu, acho que os professores vão entender.

— Espero que sim. — Sorri.

Em um dia normal estaria desesperada por perder um dia de aula mas, sob tais circunstâncias, merecia férias.

O celular de Charlotte começou a tocar sobre a mesa de cabeceira.

— Ah, Caio, alô! — Ela o ouviu dizer alguma coisa e revirou os olhos, depois estendeu o celular para mim. — Ele quer falar com você. Acho que precisamos arrumar um celular novo para você também.

— Desculpa. — Me encolhi envergonhada.

— Relaxa. — Ela sorriu ao se levantar da cama. — Vou procurar a escova. — Saiu andando.

— Oi, Caio! — Atendi ao telefone com um sorriso no rosto que eu não consegui conter.

Naquele momento, entendi por que diziam tanto que havia uma linha tênue entre o amor e o ódio. Por muito tempo, achei que odiasse o Caio. Naquele instante, por mais que não tivesse certeza se seria capaz de admitir, estava muito a fim dele.

— Oi, gatinha, como está se sentindo? — A voz dele fazia uma corrente percorrer meu corpo e me deixava estranhamente arrepiada.

— Estou bem.

Estranhamente louca por você, mas bem. Esse foi um detalhe que repeti para mim mesma apenas em pensamentos.

— Isso me deixa feliz. Estou preocupado. Não foi fácil o que você passou lá.

— O que nós passamos. Não precisa bancar o durão, Caio, não comigo.

— Tem razão: o que nós passamos. O que acha de tentar esquecer tudo isso comigo em uma sorveteria?

Aquele encontro? Sorri.

— Bom, eu adoraria.

— Fala para ele vir aqui. — Charlotte voltou com a escova. — Acho que o papai não vai ser muito solícito em nos deixar sair depois do que aconteceu.

— Você pode trazer o pote de sorvete e vir aqui tomar comigo?

— Claro! Se não se incomodar dele vir acompanhado de dois brutamontes.

— Acho que posso sobreviver aos seus guarda-costas.

— Que ótimo, gatinha! Vejo você mais tarde.

— Até mais tarde.

— Beijos.

Ele desligou a chamada e fiquei parada com o celular mudo na orelha um tanto abobada.

— Então está mesmo rolando algo entre você e o Caio? — Charlotte me dirigiu um sorriso malicioso.

— Não é que estejamos namorando como você e o Henry. Nos beijamos no cativado e parece que ele quer mais alguns beijos.

— Entendi. Cecília — Ela segurou as minhas mãos —, toma cuidado, tá? Não quero que se machuque. O Caio não é do tipo que namora. Odeio dizer isso do meu melhor amigo, mas muitas vezes ele é bem galinha.

Engoli em seco e a empolgação desapareceu do meu rosto.

— Obrigada por avisar. — Abri um meio sorriso.

— Por nada. — Ela sorriu. — Vamos nos arrumar para o café.

Fiz que sim e me levantei. Escovei os dentes com a escova que ela me deu e vesti roupas novas. Depois disso, descemos para a sala de jantar

Assim que chegamos, vi minha mãe e meu pai. Ele estava sentado à cabeceira e minha mãe ao seu lado, de mãos dadas sobre a mesa, e se afastaram assim que nos viram entrar.

— Bom dia, meninas. — Mamãe sorriu para nós enquanto se servia de um copo de suco. — Vocês duas estavam dormindo tão bem ontem que me recusei a acordá-las.

— Dormi bem, mamãe. — Sorri para ela.

— Está tudo bem?

— Sim, estou bem.

— Se eu tivesse...

— Não se culpe, Cíntia. — Meu pai segurou a mão dela outra vez. — A culpa é minha. Se não fosse o meu dinheiro, as meninas estariam seguras.

— Nós vamos ficar bem, papai. — Charlotte sorriu e deu um beijo nele. — É só arranjar uns sombras para a Cecília também.

— Sombras? — Arqueei as sobrancelhas.

— Guarda-costas. — Charlotte deu de ombros.

— Acha isso necessário? — Minha mãe olhou para o meu pai com receio.

— É pela segurança dela, Cíntia.

— Tudo bem. — Minha mãe assentiu.

Não gostava muito da ideia de ter alguns homens na minha cola, mas pior do que isso era passar por tudo aquilo outra vez.

— O aniversário de vocês duas é daqui a duas semanas. Estava pensando em fazermos uma grande festa. Além dos quinze anos, quero comemorar a volta de vocês para minha vida. — Ele se voltou para mim e sorriu.

— Queria viajar, pai.

— Podemos fazer os dois.

— Sério? — Abri um largo sorriso.

— Sim. — Ele se inclinou na minha direção. — Seria ótimo viajar em família.

— Ah, pai, vou adorar!

— Para onde quer ir? — Charlotte pegou um copo de suco e sentou ao meu lado.

— Adoraria conhecer Londres. Parece tão bonito pela televisão.

— Ah, lá é incrível. Você vai adorar. — Os olhos de Charlotte brilharam de empolgação. — Eu amo a terra da rainha. Podemos ir juntas ao *London Eye*, uma das maiores rodas gigantes do mundo. Dá para ver a cidade inteira lá do alto.

— Sim! Tenho muita vontade de ir lá. — Vibrei com a ideia. Ir para a Europa com minha nova grande família seria incrível.

— Então, vai ser isso. Depois da festa vamos viajar. Nós quatro.

— Obrigada, pai! — Era mais fácil e natural chamá-lo assim do que eu poderia imaginar.

Estava muito, muito feliz mesmo por ter de volta o meu pai e saber que ele não me abandonou — não por vontade própria. Todo o carinho que ele demonstrou por mim e pela minha mãe deixava claro que era um cara bem legal.

Ainda que fosse dia normal de aula, depois de tudo que havíamos passado, minha irmã e eu ficamos em casa. Merecíamos o descanso e o sossego. Tomamos café da manhã enquanto eu, Charlotte e mamãe decidíamos os detalhes da festa. Nunca pensei que pudesse ter um baile de

quinze anos, mas seria bom ter minha primeira grande festa ao lado da minha irmã. Ela estava muito empolgada e pensava em várias extravagâncias, porque cresceu cercada de dinheiro e com acesso a tudo que se podia comprar. Já eu, eu pensava em algo bem mais modesto.

No fim da tarde, após a aula, Caio e Henry chegaram com sorvete e *Imagem & Ação*.

— Você está linda. — Caio se aproximou ainda mais de mim no sofá enquanto Charlotte fazia uma mímica para o Henry adivinhar.

— Obrigada. — Sorri um tanto sem graça. Não estou acostumada a receber elogios assim.

— Sobre o que aconteceu... — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha ao começar a falar.

— Vem, Caio! É a sua vez. — Charlotte o puxou.

Ei, irmã, estávamos tento uma conversa aqui! Abri um sorriso amarelo enquanto ela entregava os cartões ao Caio.

Henry riu como se tivesse sacado o meu pequeno momento de raiva.

— Charlotte, o que acha de darmos uma volta no jardim? — Ele levantou e estendeu a mão para ela.

— Mas, Henry, estamos jogando. — Ela cruzou os braços e fechou a cara.

— Fiquei com saudades depois de tudo e senti sua falta. Acho que eles vão entender.

— É, vai lá! — Sorri para ela, me contendo para não empurra-la porta afora.

— Acho que ele quis nos deixar sozinhos. — Caio observava Henry e Charlotte deixarem a sala.

Apenas dei de ombros.

— Me lembra de agradecer ele depois. — Sorriu ao se sentar ao meu lado outra vez.

De repente, o sofá pareceu pequeno. *Ou era ele quem estava perto demais?*

— Como está sendo tudo? — tentou puxar assunto. — Quer dizer, ainda acho meio louca essa coisa de você e a Charlotte serem irmãs.

— Estamos nos dando bem. Ela é uma garota legal.

— Você também. — Ele me fitou profundamente e senti minhas bochechas corarem. — Depois de tudo o que passamos, eu fiquei preocupado com você.

— Vou ficar bem.

— Eu sei! É muito durona. — Ele foi se aproximando, tombando o corpo na minha direção.

Seus olhos cor-de-mel se prenderam aos meus e eu não consegui ver outra coisa que não o Caio. É bem fácil entender o motivo de todas as meninas se atirarem nele.

Então, me beijou outra vez. Fiquei meio paralisada por alguns minutos, mas logo me deixei levar pela situação reconfortante. Ele segurou a minha cintura e eu, o seu pescoço.

— Crianças, vocês querem um lanche...

Ouvi a voz da minha mãe e pulei do sofá. Cruzei os braços e olhei para o chão, muito envergonhada para conseguir encará-la.

— Mãe...

— Cecília? E você, quem é? — Ela olhou para o Caio dos pés à cabeça.

— Ah, eu sou o Caio. Bom, fui sequestrado junto com a Cecília. — Ele abriu um sorriso gentil. — Muito prazer em conhecer a senhora.

— Não sabia que eram tão próximos. A Cecília costuma me contar tudo.

— Ainda não tive tempo. — Mordi os lábios.

— Tudo bem. Conversamos depois. Onde está a Charlotte?

— No jardim com o Henry.

— Céus! — Ela levou as mãos à cabeça. — Agora sou mãe de duas adolescentes. Cecília, pode chamar sua irmã para o lanche?

Fiz que sim e saí quase correndo, certa de que não ia conseguir escapar da conversa mais tarde. Mamãe gostava de falar bastante sobre tudo e foi a primeira vez que ela me viu com um garoto. Isso não passou batido.

No fim daquele dia senti que o Caio tinha algo mais a dizer, mas não teve a oportunidade, o que me deixou aflita, principalmente pela fama que ele tinha. Será que ia me dispensar?

À noite, mamãe reuniu Charlotte e eu no quarto para uma conversa daquelas sobre garotos e namoros. Foi um pouco vergonhoso, mas no fundo ela só queria nos proteger.

Para Charlotte foi mais fácil. Ela e o Henry estavam mesmo namorando. Já eu não tinha tanta certeza disso.



Charlotte

Capítulo

Vinte e Sete

Querido diário,

A Cecília faz isso e eu resolvi tentar também. Parece divertido.

Desde que descobri que ela é minha irmã, temos vivido uma fase bem legal. Essa coisa de gêmeas é meio louca. Mesmo ela sendo tão diferente de mim, é como se soubesse o que estou pensando a maior parte do tempo. No início, a Katarina não gostou muito de eu ter uma nova melhor amiga, mas acho que ela vai se acostumar com o tempo. Não é que a Cecília tenha substituído ela, nada disso! Minha irmã continua tendo seus amigos e eu os meus. Mas, tipo, somos gêmeas! É uma ligação difícil de explicar.

Acho que o Henry é quem entende melhor as coisas, talvez por ser meu namorado e o melhor amigo da Cecília.

Ah, por falar em amigos! O Caio é que anda meio mudado. Não fiquei sabendo de qualquer rolo desde que começou a ficar com a minha irmã. Ele até parece bem a fim dela e a Cecília está escancaradamente louca por ele. Espero que ele não vacile porque, amigo meu ou não, se partir o coração dela eu tenho certeza que vou mostrar para ele um dos meus melhores golpes de boxe. Por que ele não pode pedir ela em namoro como o Henry fez comigo?

Por que os garotos são tão complicados?

Ah, antes que eu me esqueça! Outra coisa bem estranha é que ele e o Caio andam cheios de segredinhos nos últimos três dias. Mudam de assunto sempre que eu me aproximo. Eles nunca

foram amigos e isso me deixou com uma pulga atrás da orelha. Uma hora descubro o que estão aprontando.

E por último, mas bem longe de ser menos importante, tem a mamãe e o papai. Para minha alegria, ela e a Cecília estão meio que morando aqui com a gente. Papai diz que é para a segurança delas, mas acha que eu sou boba? Eles não estariam dormindo no mesmo quarto se não tivesse mais nada, não é? Vez ou outra, pego eles se beijando. Só acho que deveriam se casar logo. Iria ser bem melhor para todo mundo. Esse mundo sendo eu e a Cecília kkkk. Porque queremos logo ver eles juntos. Poxa! Somos uma família afinal.

Bom, eu preciso ir. É minha festa de quinze anos hoje. Tecnicamente, fizemos aniversário há dois dias, mas hoje é sábado, as pessoas preferem festas aos sábados. Preciso me arrumar, afinal toda menina espera por esse dia e comigo não seria diferente.

Beijos!

Charlotte.

— Vem, Char! Se você não for tomar banho agora vamos acabar nos atrasando. — Cecília apontou a cabeça na porta do meu quarto, vestindo roupão e com os cabelos enrolados em uma toalha.

Ela tinha seu próprio quarto, o que antes era de hóspedes, diante do meu. Papai fez questão de deixar tudo com a cara dela.

— O cabeleireiro já chegou? — Coloquei o diário na gaveta da minha escrivaninha e levantei. — Preciso que ele pinte meu cabelo de novo, as raízes loiras já estão aparecendo.

— Ele já está lá embaixo. Posso pedir para subir?

Fiz que sim enquanto me olhava no espelho. Resolvi manter os cabelos pretos. Ainda que o motivo de fazer o papai parar de lamentar a morte da mamãe já não existisse mais, eles são parte da minha personalidade e me deixam mais parecida com meu pai.

Assim que Cecília sumiu de vista não demorou para que meu cabeleireiro favorito aparecesse.

— Oi, lindona!

— Bryan! — Sorri para ele ao abraçá-lo.

— Pronta para ficar estonteante hoje?

Fiz que sim.



Cecília

Capítulo

Vinte e Oito

Estava com um frio na barriga quando Charlotte e eu olhamos uma para outra no camarim do salão que foi alugado para a festa. Já estávamos prontas e só esperando a hora de entrar.

Minha irmã estava linda. Seus cabelos estavam soltos, mas o cabeleireiro havia feito cachos nas pontas. No alto da cabeça dela, uma tiara daquelas de princesa, enfeitada com pedras transparentes e pérolas que combinavam com seu colar e com o par de brincos. Ela usava um vestido volumoso roxo, com espartilho cheio de laços e fitas trançadas e estava coberta até os cotovelos por uma luva na mesma cor. Tinha certeza que o Henry ficaria de boca aberta quando a visse.

Eu também estava arrumada. O meu vestido era rosa, menos gótico e mais princesinha, com cristais e anáguas que não acabavam nunca e que começavam a pinicar — ou talvez fosse apenas o meu nervosismo. Meus cabelos loiros foram trançados e caíam sobre um dos meus ombros, descobertos pelo vestido tomara que caia. Eu também tinha a minha própria tiara e joias. Quem diria que eu ia ter uma festa daquele tamanho?

Minha mãe deixou meu pai dar tudo o que ele quis; acho que era a forma de ele tentar me compensar pelos quatorze anos que passamos afastados. Mesmo não tendo culpa alguma pelo que o pai dele fez, achei que se sentia responsável.

Já a minha mãe fez questão de continuar no trabalho. Ela lutou muito para conquistar as próprias coisas e não parecia disposta a abrir mão disso.

Apensar de estarmos morando com o papai, não estava muito clara para nós a relação deles e já ia fazer um mês. No fim das contas, eles estavam fingindo que não tinham uma vida de casados e Charlotte e eu fingíamos que acreditávamos, torcendo para que tudo se tornasse oficial logo.

— Acho que está na hora de irmos. — Charlotte se levantou e eu senti um frio na barriga.

— E se algo acontecer?

— Calma, Cecília, é só uma festa.

— Queria ser tão corajosa quanto você.

— Não é tão difícil. — Ela riu.

Respirei fundo umas três vezes.

— Acho que estou pronta.

— Então vamos lá. — Ela apontou para a porta por onde eu deveria sair e seguiu para a outra.

Segurei a saia do vestido e olhei para frente. Se eu havia sobrevivido a sequestradores, podia tirar uma festa de quinze anos de letra. Caminhei até a porta de cabeça erguida e um pouco mais confiante.

Quando saí, precisei fechar os olhos porque um holofote foi jogado em minha direção, me cegando por alguns minutos. Estava no alto de uma escada e, da outra extremidade do salão, descia a minha irmã. Os convidados levantaram das mesas para nos verem. Estavam todos ali, meu vô e a minha vó, pais da mamãe, o grupo da Charlotte da Estive, Katarina, Artur, Melinda, Letícia, e até o Peter que, sendo “namorado” da minha irmã por acidente, acabou ajudando a ela e ao Henry. Havia também vários amigos do papai e da mamãe. Até a Roberta veio e estava acenando para mim feito uma louca. Precisei segurar o riso.

Quem eu não vi em lugar nenhum do salão foi Henry e Caio. Procurei por cada pedacinho, coluna ou sombra.

Eu não era tão boba, mas apenas mais sonhadora do que deveria. Para o Caio, poderia ser só um lance, mas para mim não era. O fato de Charlotte ficar preocupada, com medo de ele me machucar, também não ajudava muito, já que ela o conhecia muito mais do que eu.

Dei meu melhor sorriso e continuei a descer a escada. Assim que coloquei o pé no último degrau, ouvi gritinhos das meninas e os convidados abriram caminho para que alguém passasse. Foi então que fiquei de boca aberta. Aquilo não estava planejado para a festa e, pela expressão de Charlotte, ela estava tão surpresa quanto eu.

Caio e Henry caminhavam pelo meio dos convidados, saindo de algum lugar onde estavam escondidos, e vestidos de branco. Não! Não era apenas de branco: estavam vestidos como os príncipes dos filmes, com direito a ombreiras de franjas douradas, espada pendurada na cintura e abotoaduras de ouro. Será que era isso que esses dois estavam tramando todo o tempo?

Ainda em choque, fiquei observando ele andar até mim. O cabelo loiro do Caio estava arrepiado para cima, dando um ar despojado à roupa tradicional. Nas mãos, segurava um buquê de rosas brancas o qual entregou para mim. Se fosse um sonho, não queria que ninguém me acordasse.

— Caio... — Senti o perfume das flores.

— Você está linda.

— Obrigada. — Não contive o sorriso.

Ele e Henry se entreolharam até que ambos se ajoelharam.

— O que está fazendo? — Fiquei sem graça.

— Já que toda vez que eu tentava fazer isso alguém me interrompia, combinei algo com o Henry que gostou da ideia.

— Caio... — perdi a voz quando ele retirou uma caixa de veludo do bolso.

— Quer namorar comigo, Cecília?

Arregalei os olhos ao ver o par de alianças de compromisso. Meu queixo foi no chão e voltou umas dez vezes.

— Está falando sério? — Senti as pernas bambas.

— Acho que nunca falei tão sério. Você é especial e me fez desejar ter uma namorada.

— Sim, eu quero!

Ele abriu um largo sorriso, tirou uma aliança da caixinha e colocou no meu dedo. Depois, beijou a minha mão.

— Vamos à valsa? — A cerimonialista se aproximou de nós.

Fiz que sim e Caio segurou a minha mão. Uma das organizadoras da festa pegou meu buquê de flores e eu quase protestei, mas me conformei ao perceber que ia dançar com o meu príncipe.

Caminhamos até a pista com todos os convidados olhando para nós. O DJ soltou um pouco de fumaça e a luz do globo de espelhos ficou rosada quando o Caio tocou a minha cintura. Henry e Charlotte dançavam ao nosso lado.

A valsa começou e o meu novo namorado me guiou pelo salão. Ele era melhor dançarino do que eu imaginava. Quando me girou, fui surpreendida ao dar de cara com o meu pai.

Papai tomou o lugar do Caio e começou a dançar comigo, enquanto o vovô foi dançar com a Charlotte.

— Está linda, filha! — Ele me encarou e sorriu enquanto dançávamos.

— Você também está, papai.

— Estou muito feliz por ter você e sua mãe de volta na minha vida. Nunca mais vou perdê-las de novo.

Fitei os olhos verdes dele e sorri. Meu pai era um homem carinhoso e gentil, sendo muito fácil entender porque minha mãe havia se apaixonado por ele. Depois de me dar um beijo na testa, me entregou ao vovô.

— Oi, minha pequena estrelinha.

— Vovô! — Eu o abracei antes de começarmos a dançar.

— Agora, você se duplicou. — Ele riu enquanto dançávamos.

— É a Charlotte, minha irmã.

— Sim, sua mãe contou tudo. Foi muito cruel o que fizeram. Ao menos o Vitor não merece mais um soco.

— Não vai bater no meu pai, vovô! — Fechei a cara.

— Se ele não abandonou sua mãe de verdade, está perdoado.

Apenas sorri e fiquei dançando até a música acabar. Quando o som foi substituído por uma batida eletrônica, meu avô foi sentar com a vovó e outros adolescentes tomaram a pista de dança.

Caio me puxou pela mão tão rápido que eu nem percebi de onde ele veio. Então, me levou atrás de uma pilastra onde ficamos escondidos pelas sombras.

— Eu amo você, Cecília. — Ele acariciou o meu rosto.

— É sério?

— Não teria pedido você em namoro se não fosse.

Eu o puxei pelo colarinho da camisa e o beijei. Estava adorando esse lance de ter um namorado. Ele me apertou contra a pilastra e eu senti sua língua pressionar meus lábios, mas antes que eu pudesse aproveitar, alguém saiu me arrastando. *Fala sério!*

— O que foi, Charlotte? — Olhei para ela com os dentes cerrados e minha irmã riu.

— Vai ter muito tempo depois para beijar o Caio. O papai está chamando e disse que é importante.

— Tá. — Dei um aceno para o Caio e deixei que ela me arrastasse.

Charlotte e eu sentamos na mesa onde estavam nossos pais que, de mãos dadas, olharam profundamente para cada uma de nós.

— Meninas, temos duas notícias — começou a mamãe, com um sorriso no rosto.

— Quais? — Charlotte se inclinou na direção deles, curiosa.

— Nós vamos nos casar. — Meu pai beijou a mão da mamãe e eu vi um anel de noivado nela.

— Finalmente! — Charlotte e eu dissemos juntas, em uma sintonia de pensamentos que já estávamos começando a entender. Nossos pais riram.

— Tem mais uma coisa. — Mamãe segurou as nossas mãos. — Vocês duas vão ter um irmãozinho.

— Ou uma irmãzinha — corrigiu meu pai.

— Vocês estão falando sério? — Charlotte ficou boquiaberta.

— Sim. — Minha mãe recuou, surpresa com a atitude dela. — Descobrimos hoje de manhã.

— Vai ser incrível!

Charlotte sorriu e minha mãe respirou aliviada. Meu pai estendeu os braços e tentou abraçar nós três.

— Ninguém mais vai nos separar. Seremos sempre uma família...

Fim!

Gostou da história? Não deixe de avaliá-la na amazon, é muito importante para a divulgação desse livro.

Acompanhe mais informações sobre os próximos volumes dessa série no site e nas redes sociais da autora.

Site da autora - jessicamacedo.com

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/